



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA: DESLOCAMENTO DE
MEMÓRIAS E DE SENTIDOS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Vanessa dos Santos Nogueira

**Santa Maria
2012**

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: DESLOCAMENTO DE MEMÓRIAS E DE SENTIDOS

Vanessa dos Santos Nogueira

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Políticas Públicas e Práticas Educativas da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**.

Orientadora: Prof.^a Dr. Rosane Carneiro Sarturi
Coorientadora: Prof.^a Dr. Adriana Moreira da Rocha Maciel

Santa Maria, RS, Brasil
2012

N778p Nogueira, Vanessa dos Santos
Práticas pedagógicas na educação a distância : deslocamento de memórias e de sentidos / por Vanessa dos Santos Nogueira. – 2012.
148 p. ; il. ; 30 cm

Orientador: Rosane Carneiro Sarturi
Coorientador: Adriana Moreira da Rocha Maciel
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, RS, 2012

1. Educação a distância 2. Práticas pedagógicas 3. Políticas públicas
4. Universidade Aberta do Brasil 5. Discurso I. Sarturi, Rosane Carneiro
II. Maciel, Adriana Moreira da Rocha III. Título.

CDU 37.018.43

Ficha catalográfica elaborada por Cláudia Terezinha Branco Gallotti – CRB 10/1109
Biblioteca Central UFSM



A dissertação **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: DESLOCAMENTO DE MEMÓRIAS E DE SENTIDOS** de Vanessa dos Santos Nogueira, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, está licenciada com uma Licença [Creative Commons - Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/).

Contato: Endereço Eletrônico: snvanessa@gmail.com Blog: <http://www.vanessanogueira.info>

Este trabalho de pesquisa foi digitado no Software Libre Office, as imagens foram editadas no Software Gimp e Inkscape. A fonte utilizada foi Liberation Sans distribuída sob a licença GPL.

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA:
DESLOCAMENTO DE MEMÓRIAS E DE SENTIDOS**

elaborada por
Vanessa dos Santos Nogueira

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação

COMISSÃO EXAMINADORA:

Rosane Carneiro Sarturi, Dr (Presidenta /Orientadora)

Adriana Moreira da Rocha Maciel, Dr (Coorientadora)

Verli Petri da Silveira, Dr (UFSM)

Carmen Lucia Bezerra Machado, Dr (UFRGS)

Celso Ilgo Henz, Dr (UFSM)

Santa Maria, 25 de fevereiro de 2012.

Dedicatória

*Faziam planos e nem sabiam que eram felizes
Olhos abertos, o longe é perto, o que vale é o sonho
Sopram ventos desgarrados, carregados de saudade¹*

Dedico esse trabalho aos meus avós Maria e Olivério (*in memoriam*).

Pelo afeto, cuidado e amor que recebi desde pequena
e permanecem até hoje na minha vida.



Título: Eu e meus avós maternos.

Fotógrafo: Não identificado.

Data: 1981; 1982; 1983; 1984; 1997.

Local: Sapucaia do Sul e Santana do Livramento/RS.

Personagens: Vanessa dos Santos Nogueira; Maria Gomes dos Santos; Olivério José da Silveira dos Santos.

¹ Versos da música “Desgarrados”, composição de Sérgio Napp, interpretada por Mário Barbará

#agradecimentos

Depois de dois anos, esse espaço parece pequeno para agradecer esse tempo vivido em lugares/tempos presenciais e virtuais.

Alguns já faziam parte da minha história, outros foram surgindo nesse percurso, mas todos importantes.

Nessa caminhada acredito que não recebi ajuda maior ou menor, mas, formas diferentes de ajuda, assim agradeço:

A Universidade Federal de Santa Maria pelo acesso ao ensino público e gratuito e a Capes pela bolsa.

Pelo apoio de sempre, amor incondicional e por ser a maior responsável pelo que sou hoje, Minha Mãe, Marli ([@snmarly](#)).

Mais que pela orientação, mas pela aceitação, pelo incentivo e exemplo de ética e comprometimento, Minha Orientadora, Rosane Sarturi.

Pela luz, que dividida só se multiplica, Meu exemplo de ser humano e pesquisadora, Adriana Maciel ([@adrianamrmaci](#)).

Por me mostrar que é sempre possível uma outra interpretação de mim e do mundo, Minha Professora Preferida, Verli Petri.

Pelas contribuições para essa pesquisa, e também pelo exemplo de coerência entre teoria e prática, agradeço a Professora Carmen Machado ([@CarmenLBMachado](#))

Por aceitar fazer parte da banca examinadora dessa dissertação, agradeço ao Professor Celso Henz.

Aos sujeitos dessa pesquisa, sem os quais esse estudo não seria possível.

Por todas as alegrias e tristezas compartilhadas nesse percurso, que no final dessa etapa eu posso chamar de Minha Grande Amiga, Andréa Cechin.

Pelos cafés, leituras, projetos, discussões teóricas, Meus Amigos da UFSM, Leandra Possa, Danilo Barbieiro, Mariana Enderle ([@MaryEnderle](#)) e Valmôr Scott.

Pelo sentimento de pertencimento, Meu Grupo de Pesquisa, Kósmos.

Pelo suporte e cuidado constantes agradeço a Minha Família, em especial a Tia Cinara Gomes e aos Tios Altair e Rosane Cordeiro.

Pela força de sempre, Meus Amigos Presenciais, Marcelo Cordeiro ([@cordeiomarcelo](#)), Paula Kozen e Josiane Oliveira.

Pela presença constante, Meus Amigos Virtuais, Suzana Gutierrez ([@suzzinha](#)) e Sérgio Lima ([@ticseducacao](#)).

Por se mostrar mais que uma referência bibliográfica na rede, Meu Exemplo de Professora Virtual, Ana Beatriz Carvalho ([@anabee](#)).

A Universidade Federal de Pelotas ([@UFPeI](#)) pela oportunidade de continuar a minha trajetória como pesquisadora no Curso de Doutorado.

E todos os outros sujeitos que não foram nomeados aqui, mas que fizeram parte dessa história.

Agradeço carinhosamente a todos!

Consideremos que os incapacitados são capazes e que não existe um segredo escondido na máquina que os mantém ignorantes da sua condição. Vamos assumir que não existe uma besta que sorve todas as energias e desejos, acumulando-os no seu ventre e transformando a realidade em imagem. Não existe unidade perdida a retomar, não existe realidade por detrás da imagem. Mas isso não implica que sejamos integrados num e no mesmo processo global. Em vez disso, existem cenas de dissensão em todo o lado e a toda a hora. A dissensão significa que existem várias maneiras de construir a realidade como um conjunto de condições, incluindo uma distribuição polêmica das capacidades. A dissensão trata daquilo que é determinado como a nossa situação, que nome lhe pode ser dado e que sentido se pode retirar dele. Trata de quem é capaz de o ver, de o compreender e de o discutir. É disso que se trata na subjetivação política: dividir a unidade do que é dado e a evidência do visível e, como consequência, do possível. Trata-se de inventar diversos universos em conflito dentro de um e do mesmo universo. A inteligência coletiva da emancipação não é a inteligência de um processo global de submissão. É a coletivização das capacidades implementadas nesses cenários de dissensão. É a proclamação da capacidade de qualquer um, independentemente de quem é, ou a qualificação daqueles que não têm qualificação.

Jacques Rancière (1996)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: DESLOCAMENTO DE MEMÓRIAS E SENTIDOS

AUTORA: Vanessa dos Santos Nogueira
ORIENTADORA: Rosane Carneiro Sarturi
COORIENTADORA: Adriana Moreira da Rocha Maciel
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 25 de fevereiro de 2012.

A presente dissertação de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), decorre da Linha de pesquisa Práticas Escolares e Políticas Públicas. Tem como objetivo geral analisar os sentidos produzidos no discurso de professores e tutores sobre a constituição das suas práticas pedagógicas na modalidade de educação a distância. A pesquisa caracterizou-se como qualitativa guiada pelo aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) de linha francesa. O estudo desenvolveu-se a partir do discurso dos professores e tutores do Curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no âmbito do Sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB), sobre as suas práticas pedagógicas e da compreensão sobre o movimento estabelecido entre eles para efetivarem a ação docente, inserido no contexto das políticas públicas. No qual, o advento da EAD e das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), mobilizados a partir das políticas públicas, provocam (re) construções nos processos de ensinar e aprender no Ensino Superior. Os sentidos produzidos no discurso de professores e tutores sobre a constituição das suas práticas pedagógicas na modalidade de educação a distância se apresentam em um entre-lugar onde a EAD, assim como pesquisada e apresentada nesta dissertação, passa por um processo de naturalização tanto das suas possibilidades quanto da conquista de um reconhecimento entre as modalidades educacionais existentes.

Palavras-chave: Educação a Distância. Práticas Pedagógicas. Políticas Públicas. Universidade Aberta do Brasil. Discurso.

ABSTRACT

Master thesis on Education
Program of Post-graduation on Education
Federal Santa Maria University (Brazil)

EDUCATIONAL PRACTICES IN DISTANCE EDUCATION: MEMORIES OF TRAVEL AND DIRECTIONS

AUTHOR: Vanessa dos Santos Nogueira
ADVISER: Rosane Carneiro Sarturi
CO-ADVISER: Adriana Moreira da Rocha Maciel
Defense Place and Date: Santa Maria, February 25, 2012.

This work is a Master Thesis on Education, developed in the Graduate Program in Education, Federal University of Santa Maria (UFSM), it follows line of research School Practices and Public Policy. Its general objective: to analyze the meanings produced in the speech of teachers and tutors on the constitution of their pedagogical practices in distance education mode. The research was characterized as qualitative guided theoretic-methodological approach the Discourse Analysis (AD) of French School. The study was developed from the discourse of teachers and tutors of the Distance Education Course of the Federal Santa Maria University (UFSM), under the System at the Open University of Brazil (UAB), on their teaching practices and understanding about the movement established between them to actualize the teaching, placed in the context of public policy. In which, the advent of distance learning and Information Communication Technologies, mobilized from public policies, causing [re] building in the processes of teaching and learning in Higher Education. The meanings produced in the speech of teachers and tutors on the constitution of their pedagogical practices in the form of distance education are presented in an in-between place where the EAD, as well as researched and presented in this thesis, is undergoing a process of naturalization of both their possibilities as the conquest of recognition between the existing educational arrangements.

Keywords: Distance Education. Pedagogical Practices. Public Policy. Open University of Brazil. Discourse.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Google Docs.....	26
FIGURA 2 - Cinco gerações de Educação a Distância.....	34
FIGURA 3- Estrutura da Resolução CD/FNDE n.º 34.....	41
FIGURA 4 - Configuração da oferta de graduação na modalidade a distância.....	46
Figura 5 - Modelo de articulação da UAB.....	47
Figura 6 - Institucionalização da UAB na CAPES.....	51
Figura 7 - Ambiente Virtual de Trabalho da UAB – ATUAB.....	54
Figura 8- Alfabetização e Fluência.....	68
Figura 9 - Fluência digital.....	68
Figura 10 - Fórum de discussão.....	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Roteiro da entrevista semiestruturada.....	27
Quadro 2 - Apresentação dos sujeitos.....	29
Quadro 3 - Teorias da EAD.....	36
Quadro 4 - Histórico da Universidade Aberta no Brasil.....	42
Quadro 5 - Polos do Curso de Pedagogia a Distância da UFSM.....	65
Quadro 6 - Recorte da “fala” dos tutores.....	79

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Quadro 1	130
-----------------------------	-----

Sumário

INTRODUÇÃO.....	15
DESENHO DA PESQUISA.....	19
2.2 Análise de Discurso como aporte teórico-metodológico.....	20
2.3 O processo investigativo: Entrevista semi-estruturada on-line.....	24
2.4 Sujeitos da pesquisa: os protagonistas no cenário da EAD.....	28
2.5 Sobre as Condições de Produção.....	30
CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO NO SENTIDO AMPLO: EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.....	33
3.1 Algumas reflexões sobre Educação a Distância.....	34
3.2 Breve histórico da legislação brasileira para a educação a distância.....	37
3.3 O Sistema da Universidade Aberta do Brasil.....	42
3.3.1 O Fórum da Área de Pedagogia.....	52
3.4 A constituição da docência na EAD.....	58
CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO NO SENTIDO ESTRITO: CURSO DE PEDAGOGIA.....	63
4.1 Curso de Pedagogia EAD da UFSM.....	64
4.2 Ambiente Virtual Livre Moodle.....	66
4.3 A Tutoria no Curso de Pedagogia EAD/UFSM/UAB.....	72
4.3.1 Posição sujeito-tutor.....	75
EAD NAS PALAVRAS DOS AUTORES.....	81
5.1 Práticas Pedagógicas na EAD	82
5.2 Políticas Públicas.....	90
5.3 Tutor é professor?.....	96
REFLEXÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS.....	111
ANEXOS.....	121
APÊNDICES.....	129

O primeiro contato com as tecnologias digitais aconteceu no final da década de 90 durante o Curso Normal, na forma de cursos extraclasses como preparação para o mundo do trabalho, sendo requisito cumprir a 120 horas de datilografia antes de tocar no computador. Ao ingressar na faculdade de Pedagogia, veio a oportunidade de ser estagiária no laboratório de informática de uma escola de Educação Básica, sendo que, após um ano de estágio, veio o contrato como instrutora de informática, atendendo os alunos e trabalhando com a formação de professores para o uso das tecnologias como apoio às suas aulas.

Durante esse período a autora também trabalhou como responsável local do polo de Educação a Distância da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), realizando o atendimento dos alunos dos cursos de Extensão e Pós-Graduação, com a divulgação dos cursos na cidade, a aplicação das avaliações, e acompanhando as defesas de monografia que na época aconteciam no polo por telefone.

Nesses cinco anos de trabalho que acompanham o Curso Pedagogia, surgiram as primeiras questões sobre tecnologia e educação. O foco era como utilizar os recursos tecnológicos disponíveis na escola para apoiar o desenvolvimento dos conteúdos do currículo, que culminaram no trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia na Universidade da Região da Campanha em Santana do Livramento.

Seis meses após o término do Curso de Pedagogia a escola em que trabalhava encerrou suas atividades, trazendo a necessidade de morar em Santa Maria em 2006, continuando a trabalhar como instrutora de informática no laboratório da Escola Marista Santa Marta, localizada na Nova Santa Marta³ (maior ocupação organizada da América Latina). Nesse novo espaço surgiram outras questões, como a tecnologia para além dos conteúdos do currículo, mas para contribuir com o desenvolvimento da comunidade que a escola está incluída.

Durante o trabalho na escola, no início de 2008, foi selecionada para atuar como tutora do Curso de Pedagogia a distância da UAB/UFSM, e iniciou a Especialização em Gestão Educacional na modalidade a distância na mesma

³ Mais informações sobre a história da Nova Santa Marta estão disponíveis em: <http://comunidadenovasantamarta.blogspot.com/>

instituição. Surgem nesse período novas possibilidades de utilização da tecnologia na educação com a EAD. Ao final de 2008 saiu da escola para se preparar para a seleção do Mestrado em Educação, passando a trabalhar como bolsista somente na secretaria do Curso de Pedagogia UAB/UFSM, participando das reuniões do colegiado e da formação dos tutores, o que proporcionou um contato direto com os professores e tutores do curso, bem como o acompanhamento das reuniões pedagógicas. A observação e a participação nessas reuniões, tanto dos tutores quanto dos professores, foram fundamentais para a escolha da problemática de pesquisa. Assim, essas vivências levaram à construção do projeto para a seleção do Mestrado em Educação, cujo ingresso se deu em 2010.

Esta pesquisa também compõe parte da trajetória da autora em dois Grupos de Pesquisa da UFSM, que juntos contribuíram de forma significativa para o entrelaçamento dos estudos sobre Políticas Públicas e EAD. O ELOS⁴, na linha de pesquisa Práticas Educativas e Políticas Públicas, e o KÓSMOS⁵, Grupo de pesquisa sobre Educação a Distância e Redes de Formação e Desenvolvimento Profissional.

Foram, portanto, esses momentos de troca de ideias, descobertas, dúvidas e incertezas dos professores e tutores que direcionaram a escolha por investigar o contexto da EAD, buscando contribuir com o trabalho dos profissionais envolvidos no Curso de Pedagogia EAD/UFSM/UAB. Sendo o Curso de Pedagogia a Distância da UFSM relativamente jovem, a investigação sobre como vêm sendo constituídas as práticas pedagógicas nesse contexto foi de extrema relevância, ao passo que

⁴ O grupo de estudos e pesquisa ELOS abriga as pesquisas sobre o campo curricular, perpassado pelas políticas públicas e práticas educativas. Seus estudos repercutem sobre a influência das políticas públicas na organização curricular dos cursos de formação de professores e das práticas educativas nos espaços escolares e não escolares. Desenvolve estudos na região de abrangência da UFSM e estabelece elos de interlocução com outras instituições de ensino no Brasil, nos países do MERCOSUL e na Espanha. Mais informações em: www.ufsm.br/elos.

⁵ O KÓSMOS - Grupo de Pesquisa sobre Educação a Distância e Redes de Formação e Desenvolvimento Profissional – reúne pesquisadores e estudantes de diferentes áreas e configura a base para que o próprio grupo se constitua como uma comunidade de aprendizagem cooperativa, partilhando zonas de possibilidades, como uma nova e libertadora forma de expressão a ser socializada amplamente. Vem avançando em novos projetos deste porte, onde a educação a distância (EAD) e as redes de formação e desenvolvimento profissional em diferentes contextos de docência (educação básica, profissional, tecnológica e superior) constituem o foco de interesse. Mais informações em: www.ufsm.br/kosmos.

pode vir a propiciar a identificação e difusão de estratégias para que o curso seja consolidado na direção de uma Educação a Distância pública, gratuita e de qualidade.

Nesse sentido, o presente estudo foi elaborado a partir do problema de pesquisa: **Quais os sentidos produzidos no discurso de professores e tutores sobre a constituição das suas práticas pedagógicas na modalidade de Educação a Distância?**

Para responder a este questionamento tomou-se como referência o objetivo de analisar os sentidos produzidos no discurso de professores e tutores sobre a constituição das suas práticas pedagógicas na modalidade de educação a distância.

A pesquisa caracterizou-se como qualitativa guiada pelo aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) de linha francesa. A coleta de dados pautou-se no discurso dos professores e tutores do Curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no âmbito do Sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB), e nos documentos legais que regulam a EAD no âmbito da UAB.

Estes pressupostos serviram para sistematizar a pesquisa, que considerou as características básicas de estudo científico: introdução, desenho da pesquisa, suporte teórico e a interlocução com os sujeitos participantes, buscando atender os objetivos específicos que promoveram o desdobramento do problema de pesquisa e do seu objetivo geral, a saber: Desenvolver um estudo teórico sobre a temática da docência no Ensino Superior e das práticas pedagógicas na modalidade Educação a Distância, considerando as políticas públicas e legislação decorrentes deste tema; Compreender como professores e tutores organizam suas práticas pedagógicas na modalidade de Educação a Distância; Analisar as correlações e diferenciações estabelecidas pelos sujeitos da pesquisa entre a posição sujeito-professor e tutor na modalidade de Educação a Distância. Ao término do trabalho apresentam-se as reflexões finais do caminho percorrido a partir do desenvolvimento da pesquisa.

Com o propósito de sistematizar o desenvolvimento do trabalho, o objetivo geral foi desdobrado em três objetivos específicos, a saber:

- Desenvolver um estudo teórico sobre a temática da docência no Ensino Superior e das práticas pedagógicas na modalidade Educação a Distância, considerando as políticas públicas e legislação decorrentes deste tema.
- Compreender como professores e tutores organizam suas práticas pedagógicas na modalidade de Educação a Distância;
- Analisar as correlações e diferenciações estabelecidas pelos sujeitos da pesquisa entre a posição sujeito-professor e tutor na modalidade de Educação a Distância.

A pesquisa caracterizou-se como qualitativa (TRIVIÑOS, 1987), guiada pelo aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) de linha francesa. A constituição do *corpus* de análise pautou-se no recorte do discurso produzido por professores e tutores do Curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no âmbito do Sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB), e nos documentos legais que regulam a EAD no âmbito da UAB.

2.2 Análise de Discurso como aporte teórico-metodológico

“Há sempre interpretação. Não há sentido sem interpretação”.
Orlandi (2004, p. 21).

Para viabilizar o desenvolvimento deste estudo, optou-se por dispositivos da Análise de Discurso (AD). Para tanto, apresenta-se aqui de forma sucinta algumas noções dessa abordagem teórico-metodológica. A pesquisadora, aproximando-se da área de Letras para estudar a Análise de Discurso⁶ de linha francesa, destaca que

⁶ A pesquisadora estuda AD desde 2008 junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. Neste íterim, realizou a análise do *corpus* da monografia de Especialização em Gestão Educacional/UFSM, concluída em dezembro de 2009, com dispositivos da AD, além da produção de

está ciente da complexidade e demanda de tempo de estudo sobre a AD, porque se consideram nesse processo a historicidade dos sujeitos, as condições de produção e a ideologia⁷ que os atravessa.

A AD da escola francesa, fundamentada em Pêcheux⁸, surgiu na década de 1960, na França, e foi trazida para o Brasil por Eni Orlandi⁹. Segundo Petri, é possível dizer que: “Michel Pêcheux tem o mérito, historicamente reconhecido, de ser o fundador da AD, em sua forma acabada, como foi conhecida na França a partir dos anos 60 e como é tomada e desenvolvida atualmente no Brasil.” (PETRI, 2006, p. 2).

Destaca-se aqui a necessidade de pontuar o conceito de discurso, o qual difere do que encontramos no dicionário. Para a AD o discurso corresponde a seu objeto de estudo, estando em constante movimento histórico e social, conforme o pensamento de Orlandi: “O discurso é definido não como um transmissor de informação, mas como efeito de sentido entre locutores.” (ORLANDI, 2003, p. 63).

A AD está estruturada a partir da linguística, do marxismo e da psicanálise, buscando no discurso as formações históricas, sociais e ideológicas marcadas pelo sujeito. Assim, Orlandi esclarece que:

A análise do discurso introduz, através da noção de sujeito, a de ideologia e a de situação social e histórica. Ao introduzir a noção de história vai trazer à reflexão as questões de poder e das relações sociais. O discurso é definido não como transmissor de informação, mas como efeito de sentido entre locutores. Assim, se considera que o que se diz não resulta só da intenção de um indivíduo em informar outro, mas da relação de sentidos estabelecidos por eles num contexto social e histórico. (ORLANDI, 2003, p. 62-63).

artigos apresentados em eventos. Essas ações são fundamentais para a escolha, tendo em vista que esse aporte teórico-metodológico origina-se da área das Letras e a formação inicial da pesquisadora é em Pedagogia.

⁷ Entende-se por ideologia aqui como “mecanismo estruturante do processo de significação” (ORLANDI, 1999, p. 96).

⁸ Michel Pêcheux (1938 - 1983) foi um filósofo francês, que fundou a Análise do Discurso de linha francesa ou Pechetiana.

⁹ Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi é Doutora em Linguística pela USP. Realizou Pós-Doutorado na *Université de Paris VII*, U.P. VII, França (1987/1988 e em 1997). Responsável pelo estabelecimento e consolidação da Análise de Discurso no Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNICAMP.

Assim, o sujeito para a AD se constitui na sua relação com o outro; trata-se, segundo Indursky¹⁰, de um sujeito que “é determinado, sem se dar conta, a dizer o que o seu lugar de formação social impõe que seja dito.” (INDURSKY, 1998, p. 11). Esse sujeito, na ilusão de ser autônomo, é assujeitado¹¹ pela ideologia dominante. Como observava Althusser¹²: “[...] a ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos.” (ALTHUSSER, 1985, p. 93), os quais são também constituídos pela sua historicidade. Dito de outra forma, “o sujeito da linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam.” (ORLANDI, 1999, p. 20).

A AD trabalha com a linguagem enquanto produção social, materializada pelo discurso, para Foucault: “certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas.” (FOUCAULT, 1986, p. 56). Não são as palavras em si, mas os sentidos que elas produzem que se busca, “[...] é esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.” (FOUCAULT, 1986, p. 56). Destaca-se, aqui, que a noção de discurso proposta por Foucault foi movimentada por Pêcheux, que pensou o discurso como estrutura e acontecimento, sendo efeito de sentidos entre interlocutores.

Nesse sentido, Pêcheux considerou ainda que “toda prática discursiva está inserida no complexo contraditório-desigual-sobre-determinado das formações discursivas que caracterizam a instância ideológica em condições históricas dadas.” (PÊCHEUX, 1988, p. 213). Assim, uma prática discursiva¹³ é produzida na/pela

¹⁰ A professora Freda Indursky é Licenciada em Letras pela UFRGS. Possui *Licence en Lettres - Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Besançon*; *Maîtrise en Lettres - Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Besançon*. Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é Professora Titular aposentada, atuando como Professora Convidada junto ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ministrando disciplinas e orientando mestrandos e doutorandos cujos projetos se inscrevam na Linha de Pesquisa Análises Textuais e Discursivas, onde sua pesquisa também está inscrita.

¹¹ “Se é sujeito pelo assujeitamento à língua, na História. Não se pode dizer senão afetado pelo simbólico, pelo sistema significante. Não há nem sentido nem sujeito se não houver assujeitamento à língua. Em outras palavras: para dizer, o sujeito submete-se à língua.” (ORLANDI, 2002, p.66).

¹² Louis Althusser (1918 - 1990) foi um filósofo de origem argelina, radicado na França, conhecido por sua teoria sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado.

¹³ “Esse termo é comumente empregado como uma variante de formação discursiva para sublinhar

linguagem, atravessada pela ideologia com dominante da sua época histórica.

Na perspectiva da AD é pelo discurso que o sujeito materializa a ideologia; o discurso não é o texto em si, mas os sentidos que ele movimenta e mobiliza. Assim:

Ideologia não se define como o conjunto de representações, nem muito menos como ocultação de realidade. Ela é uma prática significativa; sendo necessidade da interpretação, não é consciente – ela é efeito da relação do sujeito com a língua e com a história em sua relação necessária, para que se signifique. (ORLANDI, 1998, p. 48).

O sujeito da AD nunca produz um discurso com sentido nele mesmo, seu discurso nunca é neutro. Ao produzir um discurso o sujeito tem a ilusão de escolher, separar, excluir, ao eleger suas palavras presentes no interdiscurso. Essas palavras encontram-se imbricadas ao conjunto das formações discursivas com o complexo das formações ideológicas com dominante. Nesse movimento de incompletude, o sujeito tem a ilusão de prever os sentidos, sem considerar a reversibilidade da sua consciência.

Adotou-se a noção de sujeito da AD baseando-se na ordem do simbólico, que busca em Lacan¹⁴ sua definição, constituindo-se na sua relação com o Outro, na qual “[...] não há sujeito se não houver um significante que o funde.” (LACAN, 1998, p. 194).

A constituição do sujeito se efetiva ao ser assujeitado pela ideologia na sua relação com a história e com a língua. Dito de outra forma, “a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este ser é submetido à língua, significando e significando-se pelo simbólico na história.” (ORLANDI, 1999, p. 17). Considera-se, assim, que os efeitos de sentidos produzidos pelo discurso que é produzido num lugar de representação do simbólico, materializado pela ideologia de um sujeito histórico é fragmentado e atravessado pelo inconsciente.

Esse sujeito, ao ser assujeitado, assume diversas posições-sujeito. Quando se propõe a analisar os discursos produzidos pelos sujeitos da pesquisa dentro da perspectiva da AD, a pesquisadora passa a utilizar a noção de posição-sujeito,

que o discurso é uma forma de ação social [...]” (MAINGUENEAU, 1998, p. 133) .

¹⁴Jacques Lacan (1901-1981) foi um psicanalista francês, sendo que sua obra faz um retorno ao pensamento freudiano.

sendo que “uma posição-sujeito é um lugar social representado no discurso.” (ORLANDI, 1998, p. 75). Esse lugar social reporta-se a achados de pesquisas anteriores, quando:

[...] observa-se que o sujeito/aluno é tomado pelo sentimento de pertencimento ao ambiente virtual de aprendizagem, pelas formações imaginárias difundidas no seu discurso, atravessado pela sua historicidade, constituída pelas práticas desenvolvidas no entremeio da sua presença no ciberespaço. (NOGUEIRA, 2010, p. 8).

No contexto da educação a distância, essa prática do sujeito/aluno é mediada por sujeitos que assumem as posições sujeito-professor e tutor que ocupam um lugar/espço permeado pela política/político/polícia¹⁵.

Com base nesse aporte teórico-metodológico propõe-se, então, analisar os sentidos produzidos no discurso desses sujeitos que são responsáveis pelo planejamento e efetivação das práticas pedagógicas no Curso de Pedagogia EAD/UFSM/UAB.

Foi partindo desses conceitos iniciais que nesta pesquisa consideraram-se os deslocamentos de memórias e de sentidos produzidos pelos sujeitos sobre as suas práticas pedagógicas.

2.3 O processo investigativo: entrevista semiestruturada *on-line*

O procedimento de coleta de dados para esta pesquisa foi realizado com entrevista semiestruturada, no sentido definido por Triviños: “[...] aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa [...] fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as repostas do informante.” (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

A proposta inicial, de realizar as entrevistas face a face, foi alterada no decorrer da pesquisa. Optou-se pela realização das mesmas via internet, por dois

¹⁵ Esses conceitos foram desenvolvidos no item 4.2 desta dissertação, baseados no pensamento do filósofo Jacques Rancière.

motivos principais. O primeiro, levando em consideração a falta de tempo dos sujeitos e os diversos desencontros para sua realização; o segundo, e talvez o principal, seja por acreditar-se na potencialidade da comunicação mediada por computador (CMC)¹⁶. A escolha pelas entrevistas *on-line* justifica-se na medida em que a CMC é a forma de comunicação mais utilizada nos processos de ensino e aprendizagem a distância, com a qual os sujeitos da pesquisa comunicam-se com seus alunos, avaliam suas atividades e criam laços afetivos. Considerou-se também que os sujeitos da pesquisa possuiriam fluência digital para utilizar esse recurso, sendo profissionais atuantes da modalidade de Ensino a Distância.

Para tanto, realizou-se uma pesquisa em busca de recursos que possibilitassem a interlocução entre a pesquisadora e os sujeitos da pesquisa, para de fato caracterizar o instrumento de coleta como entrevista e não como questionário. O recurso escolhido e testado previamente foi o serviço de escrita colaborativa do Google¹⁷, chamado *Google Docs*. Foi criado um *e-mail* do *Gmail*, específico para a realização da pesquisa, onde utilizamos também o recurso do *Gtalk*¹⁸, funcionando de forma integrada ao *Gmail*, permitindo comunicação síncrona com os sujeitos e esclarecendo eventuais dúvidas surgidas durante a elaboração das respostas.

Pode-se visualizar um exemplo do ambiente onde foram realizadas as entrevistas na figura que segue:

¹⁶Pode-se dizer que transformar a linguagem oral em linguagem escrita e estabelecer uma interação entre sujeitos separados geograficamente seria uma Comunicação Mediada por Computador (CMC). Uma comunicação que se efetiva de forma interativa na internet pressupõe, como nos mostra Silva: “múltiplas redes articulatórias de conexões e liberdade de trocas, associações e significações.” (SILVA, 2008, p. 79).

¹⁷Empresa multinacional de serviços online e softwares.

¹⁸Recurso de bate-papo integrado ao serviço de e-mail fornecido Gmail fornecido pelo Google.

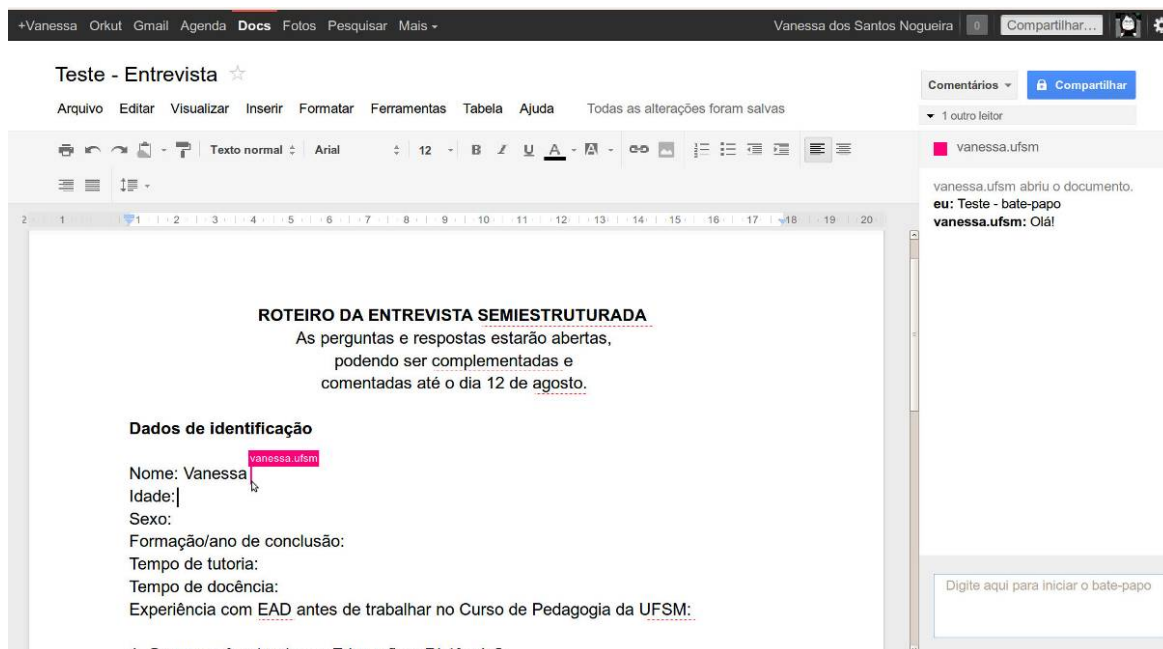


FIGURA 1 - Google Docs.

Fonte: Captura de tela do *Google Docs*.

O recurso de escrita colaborativa *Google Docs* permite que mais de uma pessoa possa escrever no mesmo documento, identificando com o cursor cada participante por cores na hora da escrita, funcionando de forma síncrona e assíncrona. Desse modo, na maioria das entrevistas, pode-se acompanhar a escrita dos sujeitos, a elaboração das respostas, o seu ritmo e desenvolvimento. O recurso conta também com um bate-papo localizado ao lado direito do documento, permitindo o diálogo entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa durante a entrevista.

Os sujeitos da pesquisa foram contatados pessoalmente e por *e-mail* para a realização da entrevista. Durante duas semanas foi possível interagir com os sujeitos para a realização da entrevista, realizando, sempre que necessário, novos questionamentos com o objetivo de provocar reflexões direcionadas às questões propostas.

Consideraram-se os limites e possibilidades de cada instrumento de coleta de dados, por isso, uma das dificuldades encontradas para a realização de uma coleta de dados que utilize algum recurso da internet é a falta de fluência tecnológica dos participantes. Este fator foi eliminado, considerando que, como já foi dito, os sujeitos

da pesquisa adaptaram-se facilmente por trabalharem com diversos recursos tecnológicos no contexto da EAD.

Uma das características apresentadas pela entrevista face a face é a possibilidade de conduzir a entrevista, observando os gestos e expressões do entrevistado. Contudo, acreditou-se na mesma possibilidade através da comunicação mediada por computador, utilizando-se a linguagem escrita.

O roteiro da entrevista semiestruturada foi pautado de acordo com o quadro abaixo:

<p>ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA</p> <p>As perguntas e respostas estarão abertas, podendo ser complementadas e comentadas até o dia 12 de agosto.</p> <p>Dados de identificação</p> <p>Nome: Idade: Sexo: Formação/ano de conclusão: Tempo de tutoria: Tempo de docência: Experiência com EAD antes de trabalhar no Curso de Pedagogia da UFSM:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O que você entende por Educação a Distância? 2. Como você percebe as Políticas Públicas para Educação a Distância no Brasil? 3. Conte como é desenvolvida a sua prática pedagógica na EAD (planejamento, reuniões, organização, trabalho no ambiente virtual, etc.). 4. Quais são as facilidades e dificuldades encontradas por você ao efetivar sua prática pedagógica na plataforma Moodle no Curso de Pedagogia EAD da UFSM? 5. Você acredita ser possível estabelecer uma rede de colaboração e produção de saberes entre professores, tutores e alunos na EAD? 6. Na sua concepção, o que é ser professor na Educação Superior? 7. O que você entende por ser Professor Pesquisador na EAD e qual o seu papel dentro do Sistema da Universidade Aberta do Brasil? 8. O que você entende por ser Tutor a Distância na EAD e qual o seu papel dentro do Sistema da Universidade Aberta do Brasil? 9. Como você percebe a relação <i>Professor Pesquisador x Tutor</i> no Curso de Pedagogia EAD da UFSM?
--

Quadro 1 - Roteiro da entrevista semiestruturada.

Fonte: Elaborado pela autora.

Todos os dados foram registrados. Realizaram-se *backups* diários durante as duas semanas destinadas ao desenvolvimento das entrevistas. Além de estarem disponíveis no *e-mail* criado para a coleta, foram gravadas em CD ROM.

2.4 Sujeitos da pesquisa: os protagonistas no cenário da EAD

Os sujeitos da pesquisa foram professores e tutores do Curso de Pedagogia EAD/UFSM/UAB, escolhendo-se preferencialmente aqueles atuantes desde o início do Curso, em sua primeira oferta, no primeiro semestre de 2008. Assim, foram entrevistados três professores e quatro tutores que estão atuando desde o início do curso nessa função e duas tutoras que passaram a exercer a função de professoras no segundo semestre de 2010. Os sujeitos concordaram mediante o esclarecimento dos objetivos da pesquisa, fundamentados nas normas do Comitê de Ética da UFSM.

Cada sujeito escolheu um nome fictício para ser usado nesta dissertação. Para identificar os sujeitos criamos um avatar para cada um. Os avatares foram criados no *site Sound Park Studio* (<http://www.sp-studio.de/>), seguindo a seguinte licença de uso:

Private use of the images created on SP-Studio.de is allowed. You can print them, use them for single T-Shirt, wallpapers or birthday card. School projects are fine too. But remember this: Always mention where those images come from! For example if you show SP-Studio pictures on your private homepage, Facebook, Blog or in a message board add a link to www.sp-studio.de. It doesn't matter if you add it to the picture or mention it elsewhere. You are allowed to use them for videos or comics too, as long as you give me credit. Avatars and small images do not need a link. (SP-STUDIO, 2011)¹⁹.

Os avatares foram utilizados com base nas normas de política de uso disponíveis no *site*. O quadro abaixo mostra a representação dos sujeitos da pesquisa:

¹⁹ Tradução nossa: É permitido o uso privado das imagens criadas na SP-Studio. Você pode imprimi-los, usá-los para um único T-Shirt, wallpapers ou cartão de aniversário. Também podem ser usados em projetos escolares. Mas lembre-se: sempre mencionar de onde essas imagens vêm! Por exemplo, se você mostrar-Studio SP fotos em sua página inicial privada, Facebook, Blog ou em uma placa da mensagem adicione um link para www.sp-studio.de. Não importa se você adicioná-lo à imagem ou mencioná-lo em outro lugar. Você está autorizado a usá-los para vídeos ou comics também, contanto que você me dê crédito. Avatares e imagens pequenas não precisam de um link.

 <p>Ana Carolina: Ingressou como tutora em 2009 e atualmente é professora do Curso, sendo que já possuía experiência com EAD anteriormente. Também trabalha como professora de anos iniciais no sistema público de ensino.</p>	 <p>Byte: É professora do Curso desde 2008. Já possuía experiência com EAD anteriormente, como professora.</p>	 <p>Bianca: É tutora do Curso desde 2008, sendo que não possuía experiência com EAD antes. Também trabalha como professora de anos iniciais no sistema público de ensino.</p>
 <p>Lorenzo: É tutor do Curso desde 2008, sendo que não possuía experiência com EAD anteriormente. Também trabalha como professor de anos iniciais no sistema público de ensino.</p>	 <p>Rebeca: É professora do Curso desde 2009, sendo que não possuía experiência com EAD anteriormente.</p>	 <p>Antônio: É professor do Curso desde 2008, sendo que já possuía experiência com EAD anteriormente.</p>
 <p>Antônia: Ingressou como tutora em 2009. Atualmente é professora do Curso, sendo que já possuía experiência com EAD anteriormente. Também trabalha há seis anos como professora de anos iniciais no sistema público de ensino.</p>	 <p>Águia: É tutora do Curso desde 2008, sendo que não possuía experiência com EAD anteriormente. Também trabalha como professora de anos iniciais no sistema público de ensino.</p>	 <p>Ana: É tutora do Curso desde 2008, sendo que não possuía experiência com EAD anteriormente. Também trabalha como professora de anos iniciais no sistema público de ensino. Passou a ser professora do Curso durante as entrevistas.</p>

Quadro 2 - Apresentação dos sujeitos.

Fonte: Elaborado pela autora.

Destaca-se que o objetivo aqui foi representar um diálogo com o *corpus* selecionado, buscando dinamizar a leitura do trabalho sem perder de vista o seu caráter acadêmico. Na realidade virtual eles são como uma representação animada ou não de uma pessoa, muito comum em jogos, ambientes virtuais e redes sociais. Durante a análise dos dados estes avatares representaram os sujeitos da pesquisa, buscando dar visibilidade à “voz” dos sujeitos pelo discurso produzido por eles durante as entrevistas, atribuindo identidade às palavras dos mesmos no exercício do diálogo estabelecido no capítulo quatro.

2.5 Sobre as Condições de Produção

A condição histórico-social em que o discurso é produzido, não individualmente, mas socialmente, é de fundamental importância. O sujeito falante é constituído pela ideologia e pelo inconsciente, no qual o discurso determina as fronteiras entre aquilo que pode ou não ser pronunciado, pois

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Uma delas é o que chamamos de relação de sentidos. Segundo esta noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis. (ORLANDI, 1999, p. 39).

A pesquisa foi realizada no Curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal de Santa Maria, no âmbito do Sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB). Considerando o crescente aumento da oferta do Curso a cada ano, destaca-se a necessidade de refletir acerca das práticas pedagógicas desenvolvidas nesse cenário, com vistas a contribuir com os processos de ensino e aprendizagem que vêm sendo desenvolvidos.

Os discursos dos sujeitos da pesquisa foram produzidos no entremeio da sua historicidade enquanto docentes do ensino presencial e da nova realidade

apresentada pela EAD. Assim, atenta-se também para o movimento histórico das políticas públicas que regulam as ações dessa modalidade educativa, constituindo-se hoje como a história do tempo presente, permeada por muitas mudanças, que podemos acompanhar no período no qual este trabalho foi desenvolvido.

A descrição detalhada do Curso foi desenvolvida no capítulo quatro, considerando esse capítulo como sentido estrito das condições de produção, onde: “temos as circunstâncias da enunciação: o contexto imediato.” (ORLANDI, 1999, p. 31). Além do sentido estrito, temos o sentido amplo das condições de produção, sendo:

[...] o que traz para a consideração dos efeitos de sentidos elementos que derivam da forma como a nossa sociedade, com suas Instituições, estre elas a Universidade, no modo gcomo eleger representantes, como organiza o poder, distribuindo posições de mando e obediência. (ORLANDI, 1999, p. 31).

O capítulo três, a seguir, trata das condições de produção no sentido amplo.

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO NO SENTIDO AMPLO: EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA



Apresentam-se aqui **algumas reflexões** relacionadas com a **Educação a Distância** e a forma como essa modalidade de ensino vem se constituindo. Após, buscou-se resgatar alguns aspectos históricos do **Sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB)** segundo as políticas públicas e autores que versam sobre a temática. A seguir, será apresentado o **Fórum da Área da Pedagogia** como uma iniciativa de participação e desenvolvimento da Educação a Distância no Sistema da UAB. Em seguida, serão abordados alguns aspectos sobre **Ser professor na Educação a Distância** e as competências necessárias para o trabalho nessa modalidade de ensino ao considerar o deslocamento de memórias e sentidos produzidos na atuação do docente na EAD.

3.1 Algumas reflexões sobre Educação a Distância

Relatam-se aqui alguns registros de iniciativas que buscaram, ao longo da história, criar uma legislação para regulamentar a EAD no Brasil. Nesse sentido, remete-se ao pensamento do professor Francisco José da Silveira Lobo Neto, ao refletir sobre as questões históricas da EAD, dizendo que:

[...] em muito se perdeu no constante desprezo pela memória histórica, quase nunca como experiência humana de encaminhamento de solução de problema, vivência de sucessos e fracassos como elementos fundamentais na construção de uma aprendizagem significativa. (LOBO NETO, 2003, p. 399).

Desde os primeiros registros que relatam a história da EAD, têm-se diversos recursos utilizados para subsidiar esse processo de ensino, de acordo com Moore e Kearsley, na obra “Educação a Distância, uma visão integrada”, de 2007, publicada no Brasil em 2008, a história da EAD pode ser abordada em cinco gerações.

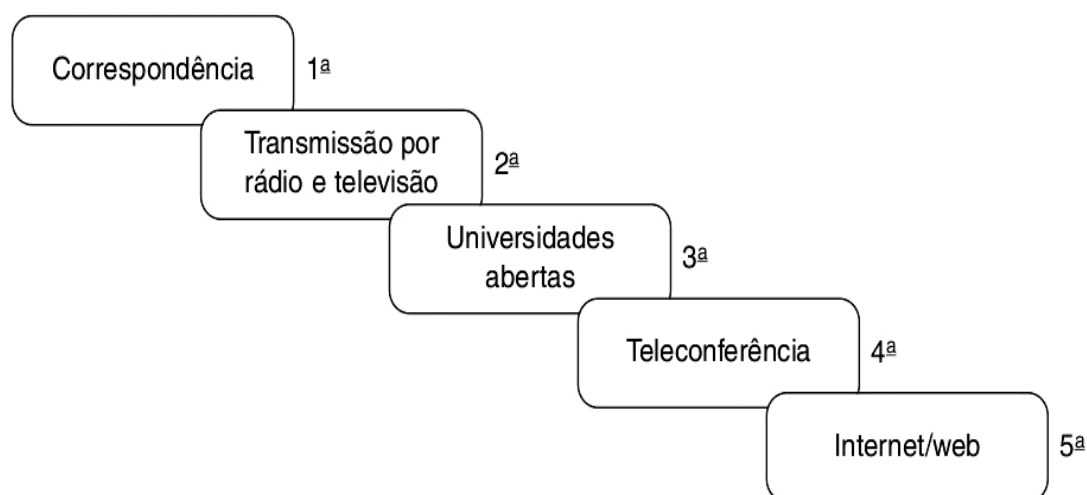


FIGURA 2 - Cinco gerações de Educação a Distância.
Fonte: Moore; Kearsley (2008, p. 26).

A primeira geração (correspondência) surgiu nas décadas de 1940, 1950 e 1960, com o estudo por correspondência. A segunda geração (transmissão por rádio

e televisão) deu-se com uma intensiva utilização na década de 1960. A terceira geração (Universidades Abertas), com início no final de década de 1960, com o método sistêmico, integrando diversas tecnologias como correspondências, rádio, televisão e material impresso e a criação das Universidades Abertas. A quarta geração (teleconferências), por volta dos anos 1970 e 1980, foi a teleconferência e, por fim, até o momento, a quinta geração (internet), na década de 1990, com as aulas virtuais apoiadas por sistemas de computadores e internet. (MOORE; KEARSLEY, 2008).

Desde o surgimento da primeira geração, houve muitas mudanças na EAD, como os ambientes virtuais customizados para atender a uma demanda específica de público, a web 2.0 com recursos em 3D, a criação de avatares animados, objetos de aprendizagem e *softwares* de autoria. Com a inserção de tecnologias de informação e comunicação, torna-se, cada vez mais frequente, a utilização desses recursos tanto na EAD como no ensino presencial.

Ao longo da sua constituição, a EAD ganhou diversas correntes teóricas, tanto sobre os aspectos administrativos, quanto à adaptação de modelos pedagógicos na modalidade de Ensino a Distância. Conforme o pensamento de Holmberg²⁰:

[...] distance education as covering the various forms of study at all levels which are not under the continuous, immediate supervision of tutors present with their students in lecture rooms or on the same premises but which, nevertheless, benefit from the planning, guidance and teaching of a supporting organization. (1995, p. 2).²¹

A partir desta conceituação, observam-se as diversas possibilidades que a EAD oferece. Destaca-se que a Educação a Distância atualmente é alvo de muitas discussões e pesquisas, tanto no meio acadêmico, como nas ações voltadas para as políticas e desenvolvimento do país. Existem muitos paradigmas a ser superados no processo de implementação da modalidade de Ensino a Distância.

²⁰ O professor Borje Holmberg nasceu na Suécia, em 1924, sendo um dos precursores nas pesquisas sobre EAD, defendendo a teoria da conversação didática guiada.

²¹ Tradução nossa: educação a distância, abrangendo as várias formas de estudo em todos os níveis que não estão sob a supervisão contínua, imediata, de tutores presentes com seus alunos em salas de aula ou nas mesmas instalações, mas que, no entanto, beneficiam o planejamento, orientação e ensino de um apoio da organização.

No decorrer da história da EAD, diversas pesquisas e autores abordaram essa temática, pensando as questões do ensino e aprendizagem. Pode-se visualizar, no quadro abaixo, alguns dos principais autores e suas teorias:

AUTOR	TEORIA	CONCEITOS CENTRAIS	IMPACTO PRINCIPAL	INFLUÊNCIA
Peters	Teoria da Industrialização	Sociedade Industrial Sociedade Pós-Industrial	Princípios e Valores Sociais	Sociologia Cultural
Moore	Teoria da Distância Transaccional e Autonomia do Aprendiz	Distância Transaccional	Necessidades do Aprendiz	Estudo Independente
Holmberg	Teoria da Conversação Didática Guiada	Autonomia do Aprendiz Comunicação Distante Comunicação Didática Guiada	Promoção da Aprendizagem através de Métodos Pessoais e Convencionais	Corrente Humanística da Educação
Keegan	Teoria da Reintegração dos Atos de Ensino e Aprendizagem	Reintegração dos Atos de Ensino e Aprendizagem	Recriação de Componentes Interpessoais presentes no Ensino Presencial	Pedagogia Tradicional
Garrison	Teoria da Comunicação e Controle do Aprendiz	Transacção Educativa Controle do Aprendiz Comunicação	Facilitação da Transacção Educativa	Teoria da Comunicação Princípios da Educação de Adultos
Verduin e Clark	Teoria da Tridimensionalidade	Diálogo/Suporte Estrutura/ Especialização Competência/Auto-Aprendizagem	Requisitos das Tarefas e dos Aprendizes	Princípios da Educação de Adultos Estruturas do Conhecimento

Quadro 3 - Teorias da EAD.
Fonte: Bagão (2012)²².

Contudo, na EAD, o professor ainda não tem um modelo docente constituído historicamente. Este vai se construindo a partir de suas escolhas, com relação ao

²² Disponível em: <http://www.prof2000.pt/users/gbagao/teoriasEAD.htm>.

lugar apropriado e metodologia de aplicação da tecnologia e das relações estabelecidas com os outros sujeitos envolvidos nesse contexto. Essas escolhas são fundamentais para que o sujeito-professor possa conquistar, gradativamente, o domínio dessas ferramentas, tendo a ilusão²³ de ter sensibilidade ética e social de que esse Curso²⁴ em que está inserido forma professores que irão atuar na formação de outros professores para nossas escolas. Nesse sentido, podemos considerar que:

Aprender e ensinar com tecnologias, a distância e/ou em ambiente virtual de aprendizagem é o cenário motivador desta reflexão e impregna a discussão de algumas questões pedagógicas na proposição de experiências e atividades, na concepção do trabalho docente como trabalho interativo, com e sobre o outro, nas relações de tempo e espaço no trabalho curricular, nos efeitos que exerce sobre suas relações, ações e identidade profissional. (FIORENTINI, 2009, p. 137).

As tecnologias estão aqui, no tempo presente, e não vão embora. Elas vêm se constituindo no movimento do tempo presente, fazendo parte do cotidiano. A tarefa dos educadores é assegurar que ela esteja ali por razões políticas, econômicas e culturais. Deve-se buscar integrar as diversas tecnologias ao contexto educacional, onde o futuro que a tecnologia promete para os professores e estudantes é realidade e não ficção.

3.2 Breve histórico da legislação brasileira para a Educação a Distância

Apesar do início da história referente a EAD ser antiga, tendo início no Brasil na década de vinte com o rádio e, nas décadas de trinta e quarenta, pelo ensino por correspondência, somente na década de noventa é que a modalidade a distância é contemplada pelas políticas públicas para a educação, na Lei de Diretrizes e Bases

²³Entende-se aqui que “o sujeito não é considerado como um ser individual, que produz discursos com liberdade: ele tem a ilusão de ser o dono de seu discurso, mas é apenas um efeito do ajustamento ideológico. O discurso é construído a partir de um pré-construído (um já-lá), que remete ao que todos sabem, aos conteúdos já colocados para o sujeito universal, aos conteúdos estabelecidos para a memória discursiva.” (GREGOLIN, 2003, p. 27).

²⁴Refere-se aqui especificamente ao Curso de Licenciatura em Pedagogia e ao contexto da Educação a Distância da Universidade Aberta do Brasil que teve como um dos seus objetivos iniciais a criação de cursos de licenciatura.

da Educação Nacional, Lei n.º 9.394/96 (BRASIL, 1996). No ano de 2005, foi criado o Decreto Federal n.º 5.622/2005 (BRASIL, 2005) que regulamenta o artigo 80 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que versa sobre a Educação a Distância no Brasil, definindo, em seu artigo 1º, a EAD como “[...] modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação [...]” (BRASIL, 1996).

Destaca-se que a Educação a Distância atualmente é alvo de muitas discussões e pesquisas, tanto no meio acadêmico, como nas ações voltadas para as políticas e desenvolvimento do país, sendo contemplada também no discurso do Plano Nacional de Educação (PNE) aprovado pela Lei n.º 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Conforme expresso no PNE, o processo de democratização do ensino brasileiro, “onde os déficits educativos e as desigualdades regionais são tão elevados, os desafios educacionais existentes podem ter, na Educação a Distância, um meio auxiliar de indiscutível eficácia. (BRASIL, 2001).

A EAD vem ganhando espaço dentro das políticas públicas, sendo possível observar que antes da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n.º 9.394/96 ocorreram algumas iniciativas no Brasil para implementação de cursos na modalidade a distância.

Nesse sentido, o Projeto Minerva, criado em 1º de setembro de 1970 pelo Ministério da Educação, Fundação Padre Anchieta e Fundação Padre Landell de Moura, com base na Lei n.º 5692 de 11 de agosto de 1971, que fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, quando em seu Art. 25 § 2º diz que: “Os cursos supletivos serão ministrados em classes ou mediante a utilização de rádio, televisão, correspondência e outros meios de comunicação que permitam alcançar o maior número de alunos.” (BRASIL, 1971). O projeto buscava solucionar, de forma rápida, os problemas do desenvolvimento do país, no qual o cenário era um período de crescimento econômico que buscava a preparação de mão de obra para o mercado de trabalho. O Projeto Minerva funcionou até o início dos anos 80 e sofreu diversas críticas pelo baixo índice de aprovação dos alunos. (MENEZES; SANTOS, 2002).

Em 1979 foi lançado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de

Nível Superior (Capes), em colaboração com a Associação Brasileira de Tecnologia (ABT), em caráter experimental, o Projeto de Pós-Graduação Tutorial a Distância (PROSGRAD). O programa visava à formação de docentes no interior do país, sendo que a comunicação entre professor-tutor e professor-aluno era feita por correspondência, com material impresso. O PROSGRAD funcionou de 1979 a 1983. (MAGALHÃES; OLIVEIRA, 1985).

Na década de 1980 foi criada a Portaria Ministerial n.º 511, de 27 de setembro de 1980, quando foi organizada uma comissão com técnicos do Ministério da Educação para elaborar uma proposta de cursos por correspondência para professores da Educação Básica. (KRAMER, 1999).

Na década de 1990, especificamente em 1992, foi criada a Coordenadoria Nacional de Educação a Distância, e em 1996 foi constituída a Secretaria de Educação a Distância (SEED) pelo Decreto n.º 1.917, de 27 de maio de 1996, a qual, por sua vez, foi extinta pelo Decreto n.º 7.480, de 16 de maio de 2011, sendo que seus programas e ações passam a ser vinculados a novas administrações. A partir desse decreto, a Diretoria de Regulação e Supervisão da Educação a Distância integra a Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior do Ministério da Educação (MEC). Sendo essa mudança muito recente, ainda não se sabe a forma como a EAD vai ser administrada, de modo que os cursos a distância passam a responder da mesma forma que os presenciais, sem distinção, ao mesmo tempo em que se percebe uma mudança estrutural no encaminhamento das políticas, sabe-se das especificidades que a EAD vem apresentando, o que remete à criação de decretos e portarias específicas para dar conta dessa modalidade.

Ainda na década de 90 foi implementado, pela SEED, o PROFORMAÇÃO²⁵, financiado pelo Fundo de Desenvolvimento da Escola (FUNDESCOLA), sendo que em 2002 passou a ser financiado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Criado em 1997, teve sua primeira turma em 1999, oferecendo habilitação para o magistério na modalidade Normal, para professores que atuam sem formação, organizado de forma descentralizada em parceria entre a SEED e as Instituições de Ensino Superior (IES) públicas.

Sendo contemplada também no discurso do Plano Nacional de Educação

²⁵ Mais informações sobre o programa no site: <http://proformacao.proinfo.mec.gov.br/>.

(PNE) aprovado pela Lei n.º 10.172, de 9 de janeiro de 2001:

No processo de universalização e democratização do ensino, especialmente no Brasil, onde os déficits educativos e as desigualdades regionais são tão elevados, os desafios educacionais existentes podem ter, na Educação a Distância, um meio auxiliar de indiscutível eficácia. Além do mais, os programas educativos podem desempenhar um papel inestimável no desenvolvimento cultural da população em geral. (BRASIL, 2001).

No final dos anos noventa foi criada a UNIREDE – Consórcio de 70 Instituições Públicas de Ensino Superior, que buscava “lutar por uma democratização do acesso ao ensino superior público, gratuito e de qualidade, bem como socializar as experiências, materiais e outras formas de cooperação entre as instituições públicas de nível superior.” (CARVALHO, 2009, p. 96). Nesse período ainda temos a implementação do Consórcio CEDERJ.

O Consórcio CEDERJ reúne o Governo do Estado do Rio de Janeiro por intermédio da Fundação CECIERJ e as seis universidades públicas sediadas no Estado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF); Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Universidade Federal Fluminense (UFF); Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Esse Consórcio foi elaborado em 1999, através do documento gerado por uma comissão formada por dois membros de cada universidade juntamente com a SECT – Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia. De acordo com o documento⁸⁶ institucional, o convênio foi assinado pelo Governador do Estado do Rio de Janeiro e pelos Reitores das Universidades Consorciadas no dia 26 de janeiro de 2000. As Prefeituras Municipais que sediam os polos regionais do CEDERJ, **modelo que inspirou o desenvolvimento da UAB em associação com os municípios.** (CARVALHO, 2009, p. 85-86, grifo nosso).

O primeiro curso de graduação a distância do Brasil foi desenvolvido na Universidade Federal do Mato Grosso²⁶, e visava à formação dos professores da rede pública que atuam nas primeiras quatro séries do Ensino Fundamental. Esse foi também o primeiro curso de graduação a distância a ser reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC) pela Portaria n.º 3220, de 22 de novembro de 2002.

Em 2004, foi publicado o Edital 001/2004/SEED/MEC, possibilitando a abertura de cursos, na modalidade a distância, de licenciatura em Matemática,

²⁶ Mais informações sobre o programa no site: <http://ufmt.br/ufmt/site/secao/index/cuiaba/2285>.

Química, Física, Biologia e Pedagogia. Esse foi o primeiro edital publicado especificamente voltado para os cursos de graduação em licenciatura a distância. (CARVALHO, 2009).

Outro programa implementado para formação de professores foi o Pró-Licenciatura, com base na Resolução do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) n.º 34, de 9 de agosto de 2005, que estabelece os critérios e os procedimentos para a apresentação, seleção e execução de projetos de cursos de licenciatura para professores em exercício nas redes públicas nos anos/séries finais do Ensino Fundamental e/ou no Ensino Médio, na modalidade de Educação a Distância. Pode-se visualizar a estrutura da resolução na figura a seguir:

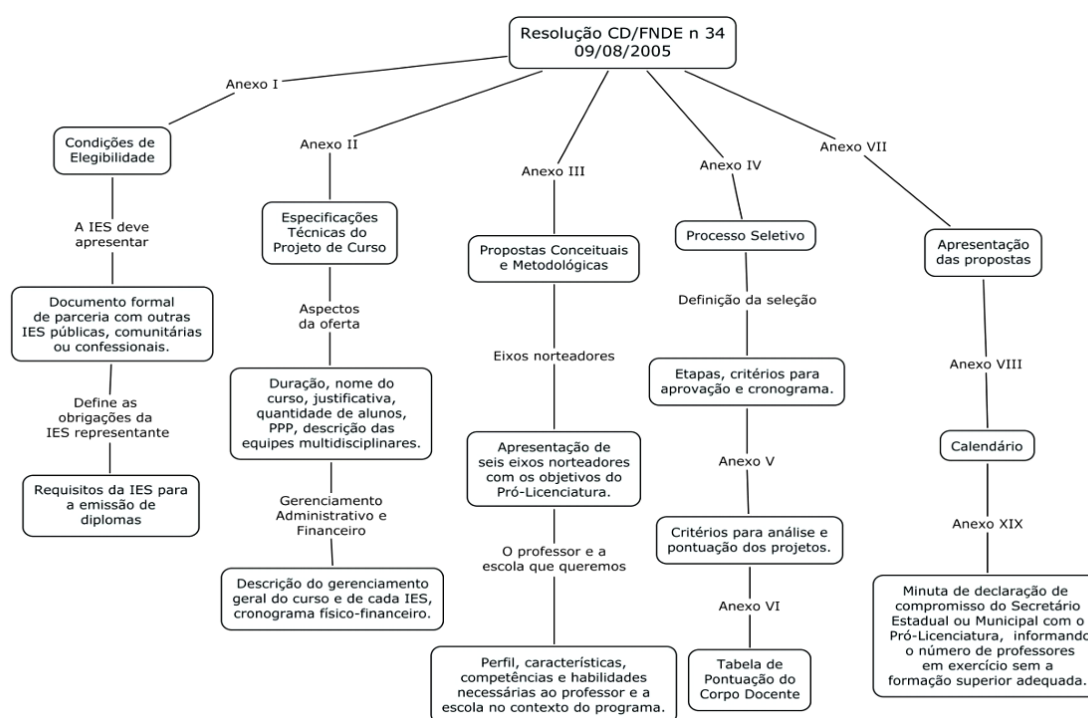


FIGURA 3- Estrutura da Resolução CD/FNDE n.º 34.

Fonte: Carvalho (2009, p. 117).

O programa funcionava em parceria com Instituições de Ensino Superior que implementaram cursos de licenciatura a distância e oferecia formação inicial a distância a professores em exercício nos anos/séries finais do Ensino Fundamental ou Ensino Médio dos sistemas públicos de ensino. Atualmente o programa é desenvolvido no âmbito do Sistema da Universidade Aberta do Brasil.

3.3 O Sistema da Universidade Aberta do Brasil

O termo Universidade Aberta teve origem na Grã-Bretanha, com a criação da Universidade Aberta do Reino Unido (UA) que representa, até os dias atuais, uma referência nessa moralidade de ensino. Grande parte das Universidades Abertas segue seus princípios, sendo que o estudo é feito em casa, no trabalho ou em qualquer lugar que o aluno tiver acesso ao material do curso, sendo utilizada uma variedade de tecnologias, constituindo um sistema integrado. (MOORE; KEARSLEY, 2008).

A história da criação da Universidade Aberta no Brasil é marcada por uma trajetória de diversos Projetos de Lei que não foram adiante, como podemos visualizar no quadro abaixo:

Histórico da Universidade Aberta no Brasil		
1972 Projeto de Lei 962/19721 Deputado Alfeu Gasparini Arquivado em 1974	1974 Projeto de Lei 1878/1974 Deputado Pedro Faria Arquivado em 1975	1977 Projeto de Lei 3700/1977 Deputado Pedro Faria Arquivado em 1979
1983 Projeto de Lei 1751/1983 Clarck Planton Arquivado em 1989	1986 Projeto de Lei 8571/1986 Deputado Lustosa Arquivado em 1987	1987 Projeto de Lei 203/1987 Deputado Lúcio Alcântara Arquivado em 1989
1990 Projeto de Lei 4592/1990 Poder Executivo em 1993 o projeto foi retirado do Senado Federal	1995 Projeto de Lei 4625/1994 Substitutivo ao Projeto de Lei 4592/1990 Arquivado em 1995	2006 Decreto n° 5.800 Instituí o Sistema da Universidade Aberta do Brasil

Quadro 4 - Histórico da Universidade Aberta no Brasil.
 Fonte: Elaborado pela autora.

Após a criação da Universidade Aberta do Reino Unido, surgiram muitas outras iniciativas com esse modelo. Para Belloni, o modelo da universidade aberta cresce “[...] no contexto das sociedades contemporâneas, como uma modalidade de educação extremamente adequada e desejável para atender às novas demandas educacionais decorrentes das mudanças na nova ordem econômica mundial.” (BELLONI, 1999, p. 03).

Na obra da pesquisadora Nara Maria Pimentel, encontra-se um registro da primeira tentativa da inserção da Universidade Aberta no Brasil, na década de 70, não tendo continuidade naquele momento. A autora destaca que o Governo Federal, em 1972, “enviou à Inglaterra um grupo de educadores, tendo à frente o conselheiro Newton Sucupira. O relatório final marcou uma posição reacionária às mudanças no sistema educacional brasileiro, colocando um grande obstáculo à implantação da Universidade Aberta e a Distância no Brasil.” (PIMENTEL, 2006, p. 21).

Os projetos de lei descritos a seguir foram pesquisados no *site* da Câmara dos Deputados²⁷.

Ainda em 1972, o deputado Alfeu Gasparini encaminhou à Câmara de Deputados o Projeto de Lei n.º 962/1972, que dispõe sobre frequência livre em cursos de nível universitário, falando em sua justificativa que “com essa forma de proceder institui-se a ‘Universidade Aberta’ com os benefícios incalculáveis trazidos a uma nação em desenvolvimento.” (BRASIL, 1972). O projeto foi arquivado no dia 06 de maio de 1974.

O deputado Pedro Faria apresentou dois Projetos de Lei que instituíam a Universidade Aberta do Brasil: o primeiro foi o Projeto de Lei 1878/1974, arquivado no dia 08 de março de 1975 (BRASIL, 1974); o segundo foi o Projeto de Lei 3700/1977, arquivado no dia 02 de março de 1979. (BRASIL, 1979).

No dia 03 de agosto de 1983 foi apresentado à Câmara de Deputados o Projeto de Lei 1751/1983, do deputado Clarck Platon, propondo a autorização do poder executivo a instituir, na educação brasileira, o sistema de “Universidade Aberta”. O projeto tramitou por cinco anos, sendo arquivado no dia 05 abril de 1989. (BRASIL, 1983).

²⁷ Mais informações sobre os Projetos de Lei em: http://www.camara.gov.br/sileg/Prop_Detalhe.asp?id=185157&st=1

O Projeto de Lei 8571/1986, que buscava a autorização para o uso da designação 'Universidade Aberta' à Fundação Instituto de Ciências Puras Aplicadas (FUNCEVE), localizada na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará, foi apresentado à Câmara de Deputados no dia 04 de junho de 1986, pelo deputado Lustosa e arquivado no dia 1º de fevereiro de 1987.

Publicado no Diário do Congresso Nacional, no dia 20 de agosto de 1987, o Projeto de Lei 203/1987, de autoria do deputado Lúcio Alcântara, dispunha sobre a criação da Universidade Nacional de Ensino a Distância, sendo o mesmo arquivado no dia 05 de abril de 1989. (BRASIL, 1989).

O Poder Executivo encaminhou à Câmara dos Deputados o Projeto de Lei 4592/1990, publicado no Diário do Congresso Nacional no dia 13 de março de 1990, propondo a Criação da Universidade Aberta do Brasil, pelo Poder Executivo, objetivando a democratização do Ensino Superior no Brasil, tendo sua sede em Brasília e conforme o Art. 2º do referido projeto de lei, sua supervisão e coordenação caberia ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, sendo sua implantação e funcionamento a cargo da Fundação Centro Brasileiro de Televisão Educativa (FUNTEVE). (BRASIL, 1990).

O Projeto de Lei 4592/1990 contou com a aprovação unânime da Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC), da Comissão de Finanças e Tributação (CFT), da Comissão de Educação, Cultura e Desporto (CECD). No dia 22 de agosto 1991, o projeto foi encaminhado ao Senado Federal e no dia 06 julho de 1993 o projeto foi retirado do Senado Federal, por solicitação do Ministro Chefe da Casa Civil da Presidência da República, Henrique Eduardo Ferreira Hargreaves. (BRASIL, 1990).

O Projeto de Lei 4625/1994 foi o último apresentado à Câmara dos Deputados antes da criação da UAB, em 2005. Com pequenas adequações, foi apresentado como substitutivo ao Projeto de Lei 4592/1990, sendo arquivado no dia 03 de fevereiro de 1995.(BRASIL, 1994).

Dessa forma, o Sistema da Universidade Aberta do Brasil só começou a ser implementado, definitivamente, pelo Governo Federal em 2005, com uma parceria entre o Ministério da Educação, Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES) e Empresas Estatais, durante o Fórum das

Estatais pela Educação. Segundo o discurso do Portal da UAB, esse Sistema origina-se em uma política pública de articulação entre a Secretaria de Educação a Distância/Ministério da Educação e a Diretoria de Educação a Distância/Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior com vistas à expansão da Educação Superior, no âmbito do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE).

O Fórum das Estatais²⁸ foi firmado pelo Protocolo de Cooperação das Estatais pela Educação no dia 21 de setembro de 2004 com a coordenação geral do Ministro Chefe da Casa Civil, José Dirceu, a coordenação executiva do Ministro da Educação, Tarso Genro, e a participação efetiva e estratégica das Empresas Estatais brasileiras.

Mediante o Decreto n.º 5.800, de 8 de junho de 2006, foi instituído o Sistema da Universidade Aberta do Brasil, pelo presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, tendo em vista o disposto nos Artigos 80 e 81 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, no Plano Nacional de Educação aprovado pela Lei n.º 10.172, de 9 de janeiro de 2001, na Lei n.º 11.273, de 6 de fevereiro de 2006, bem como no Decreto n.º 5.622, de 19 de dezembro de 2005.

O Decreto n.º 5.800, de 8 de junho de 2006, define em seu Artigo 1º: “[...] o Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB, voltado para o desenvolvimento da modalidade de Educação a Distância, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no país.” (BRASIL, 2006, p. 12). E traz, no seu parágrafo único, os objetivos da UAB:

- I - oferecer, prioritariamente, cursos de licenciatura e de formação inicial e continuada de professores da educação básica;
- II - oferecer cursos superiores para capacitação de dirigentes, gestores e trabalhadores em educação básica dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios;
- III - oferecer cursos superiores nas diferentes áreas do conhecimento; IV - ampliar o acesso à educação superior pública;
- V - reduzir as desigualdades de oferta de ensino superior entre as diferentes regiões do país;
- VI - estabelecer amplo sistema nacional de educação superior a distância; e
- VII - fomentar o desenvolvimento institucional para a modalidade de

²⁸ Informações no antigo Portal da UAB. Disponível em:
<http://mecsrv70.mec.gov.br/webuab/forum.php>.

educação a distância, bem como a pesquisa em metodologias inovadoras de ensino superior apoiadas em tecnologias de informação e comunicação. (BRASIL, 2006, p. 12).

Na figura apresentada a seguir pode ser visualizada a configuração da oferta de graduação na modalidade a distância no âmbito da UAB:

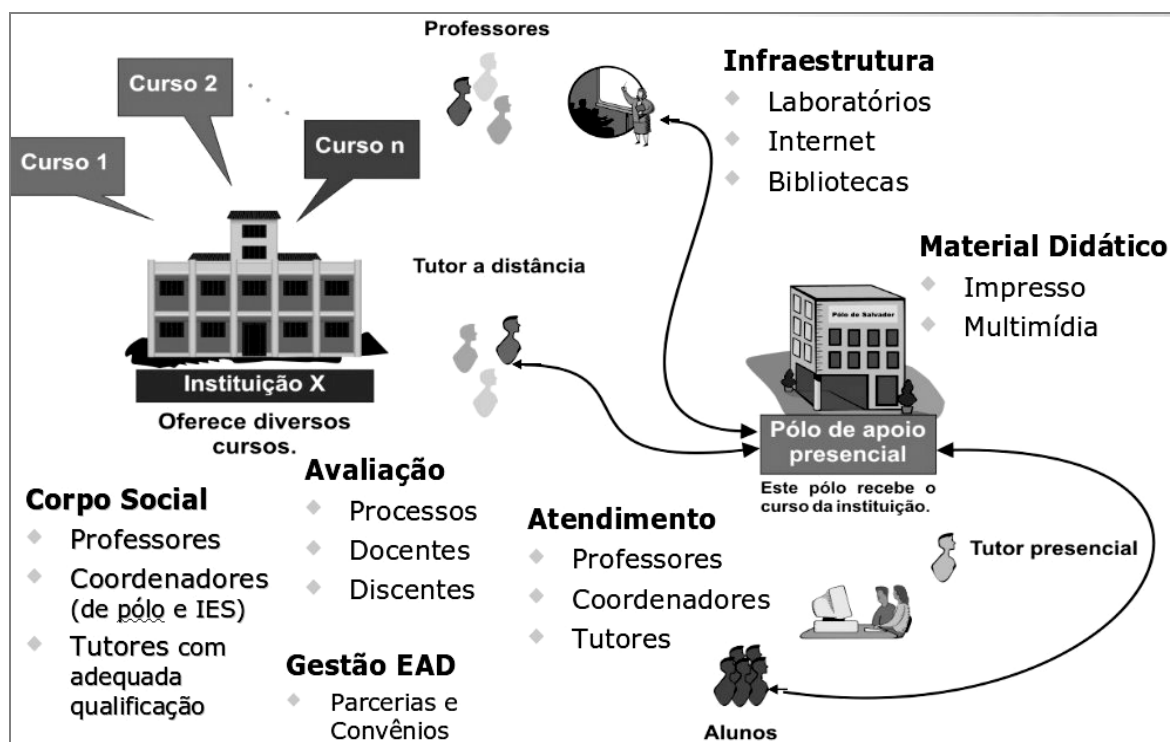


FIGURA 4 - Configuração da oferta de graduação na modalidade a distância.
Fonte: Portal UAB.

Anterior ao Decreto n.º 5.800, de 08 de junho de 2006, que prioriza os cursos de licenciatura, ou seja, a formação inicial e continuada dos professores da educação básica, tem-se o edital 01/2005 da Secretaria de Estado da Educação (SEED) e do MEC, de 16 de dezembro de 2005, sendo o primeiro edital de seleção da UAB para a “Chamada Pública para Seleção de Polos Municipais de Apoio Presencial e de Cursos Superiores de Instituições Federais de Ensino Superior na Modalidade de Educação a Distância para o “Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB”, conhecido como UAB1. O edital tinha por objetivo:

[...] fomentar o “Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB”, que será resultante da articulação e integração experimental de instituições de ensino

superior, Municípios e Estados, nos termos do artigo 81 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, visando à democratização, expansão e interiorização da oferta de ensino superior público e gratuito no país, bem como ao desenvolvimento de projetos de pesquisa e de metodologias inovadoras de ensino, preferencialmente para a área de formação inicial e continuada de professores da educação básica. (BRASIL, 2005).

O segundo Edital de Seleção UAB n.º 01/2006 - SEED/MEC/2006/2007 publicado após o Decreto n.º 5.800, de 8 de junho de 2006, denominado UAB2, teve como objetivo “fomentar o “Sistema Universidade Aberta do Brasil - UAB”, sendo resultante da articulação e integração experimental de instituições de ensino superior, Municípios e Estados, nos termos do Art. 81 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação [...]” (BRASIL, 2006).

Assim, o primeiro edital de seleção de polos Municipais foi publicado antes da criação legal do Sistema da Universidade Aberta do Brasil pelo Decreto n.º 5.800, de 8 de junho de 2006. Percebe-se, assim, uma aceleração do processo de implementação da UAB no Brasil, em que os aspectos legais discorrem em sua maioria nas estratégias organizacionais e não pedagógicas do processo.

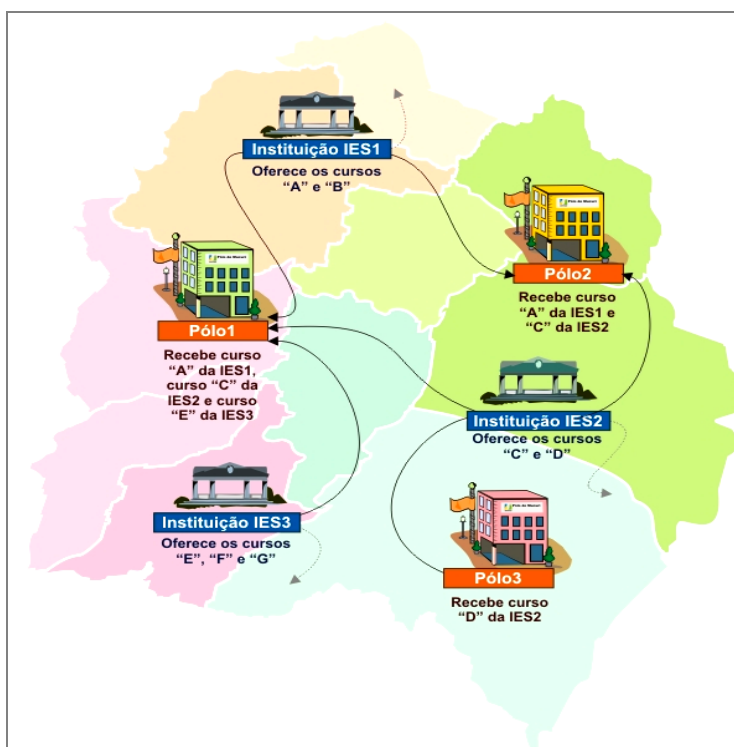


Figura 5 - Modelo de articulação da UAB.

Fonte: Portal UAB.

Na figura acima podemos observar o modelo de articulação da UAB. Com o Decreto n.º 5.800/2006 a UAB passou a ser devidamente regulamentada no Brasil, além de definir os objetivos desse novo sistema, determinando o Ministério da Educação a coordenar a implantação, o acompanhamento, a supervisão e a avaliação dos cursos do Sistema UAB e estabelecendo a organização dos polos presenciais, os convênios de cooperação, e a articulação ente os cursos e programas e os polos (BRASIL, 2006).

Apesar da proposta da UAB ser dinâmica, inovadora e flexível, o sistema de ensino da Universidade Aberta vem sofrendo diversas críticas ao longo da sua criação e implementação. Um dos autores mais críticos a esse modelo da EAD é o pesquisador alemão Otto Peters²⁹, principalmente por comparar o sistema de Universidade Aberta com a divisão do trabalho e a produção em massa, destacando esse modelo como industrialização do processo educativo.

Mesmo que a definição das políticas públicas para EAD ofereça uma possibilidade de expansão do Ensino Superior, integrando diversas instâncias governamentais, o projeto-piloto da UAB não fica imune às críticas feitas pelo crítico, quando este afirma que o ensino industrializado representa, concomitantemente, planejamento e divisão de trabalho: “o ensino acadêmico [é] um produto que pode ser produzido em massa como uma mercadoria, mantido em disponibilidade, distribuído em vasto território, avaliado e otimizado.” (PETERS, 2010, p. 203).

O primeiro Curso oferecido pelo Sistema UAB foi o de Bacharelado em Administração. De acordo com a reflexão feita pela pesquisadora Ana Beatriz Carvalho, em sua Tese de Doutorado, considera estranho:

[...] que o curso do Projeto Piloto da UAB seja um curso de Bacharelado em Administração e não um curso de Licenciatura, mas considerando as questões operacionais tratadas anteriormente, é possível compreender a razão principal. Outro fato importante, é que tanto o Projeto Político-Pedagógico do curso da Administração a distância implementado nas Universidades participantes como todo o material pedagógico, é único, desenvolvido inicialmente pela Universidade Federal de Santa Catarina e posteriormente pelas demais Universidades parceiras. Isso significa que um

²⁹ O Professor Otto Peters, foi fundador e primeiro reitor da *Fernuniversität* - Universidade a Distância, na cidade de Hagen, Alemanha. Desde 1963 vem acompanhando o desenvolvimento do Ensino a Distância na Alemanha e no mundo todo, estando estes estudos documentados em diferentes publicações. Mais informações em: <http://www.fernuni-hagen.de/ZIFF/petersbi.htm>.

único projeto, com suas bases conceituais e teóricas e grade curricular, foi utilizado em Instituições que estavam localizadas desde o Rio Grande do Sul até o Amazonas. (CARVALHO, 2009, p. 128).

Essa primeira iniciativa, mesmo sendo contraditória, desencadeou diversos outros cursos. Acredita-se que essa política, aos poucos, foi ganhando outras formas e vem trazendo muitos benefícios a pessoas que estão distantes geograficamente das universidades públicas.

No momento atual são poucas as pesquisas que abordam o surgimento da UAB num período anterior ao Fórum das Estatais em 2005. O histórico da UAB, em seu próprio Portal, também não aborda as iniciativas da implementação da EAD no Brasil em algum período anterior a essa data, como o Pró-Licenciatura. Destaca-se que “durante o período de 2006 até 2009, as duas políticas públicas de EAD ocorreram de forma separada, praticamente uma ignorando a outra, embora existissem instituições que possuíam cursos nas duas modalidades.” (CARVALHO, 2009, p. 129). Nesse movimento histórico:

A existência de um modelo hegemônico de Educação a Distância reprime as experiências inovadoras, engessa o currículo e uniformiza a diversidade. Esta ação gera ressentimentos nos gestores, professores, tutores e alunos, que buscam a flexibilidade na educação a distância e encontram a imobilidade. (CARVALHO, 2009, p. 136).

Entre as mudanças ocorridas no processo de implementação da UAB, destaca-se também a Lei n.º 11.502, de 11 de julho de 2007, modificando as competências e a estrutura organizacional da fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

A Lei n.º 11.502/2007 altera o artigo 2º da Lei n.º 8.405, de 9 de janeiro de 1992, passando a vigorar com a seguinte redação: “A Capes subsidiará o Ministério da Educação na formulação de políticas e no desenvolvimento de atividades de suporte à formação de profissionais do magistério para a educação básica e superior e para o desenvolvimento científico e tecnológico do país.” (BRASIL, 2007, p. 5), tendo presente os recursos e tecnologias de educação a distância, como vemos a seguir:

§ 2º No âmbito da educação básica, a Capes terá como finalidade induzir e fomentar, inclusive em regime de colaboração com os Estados, os

Municípios e o Distrito Federal e exclusivamente mediante convênios com instituições de ensino superior públicas ou privadas, a formação inicial e continuada de profissionais de magistério, respeitada a liberdade acadêmica das instituições conveniadas, observado, ainda, o seguinte: I - na formação inicial de profissionais do magistério, dar-se-á preferência ao ensino presencial, conjugado com o uso de recursos e tecnologias de educação a distância; II - na formação continuada de profissionais do magistério, utilizar-se-ão, especialmente, recursos e tecnologias de educação a distância. (BRASIL, 2007a, p. 5).

Cinco meses após a Lei n.º 11.502/2007 foi publicado o Decreto n.º 6.316, de 20 de dezembro de 2007, que aprova o estatuto e quadro demonstrativo dos cargos da CAPES, definindo no Capítulo III, Art. 4º, a Diretoria de Educação a Distância, como parte dos órgãos específicos singulares da sua estrutura organizacional, tendo por competências, conforme o Capítulo V, Sessão V, Art. 25, do referido decreto:

I - fomentar as instituições públicas de ensino superior e pólos municipais de apoio presencial, visando à oferta de qualidade de cursos de licenciatura na modalidade a distância;

II - articular as instituições públicas de ensino superior aos pólos municipais de apoio presencial, no âmbito da Universidade Aberta do Brasil - UAB;

III - subsidiar a formulação de políticas de formação inicial e continuada de professores, potencializando o uso da metodologia da educação a distância, especialmente no âmbito da UAB;

IV - apoiar a formação inicial e continuada de profissionais da educação básica, mediante concessão de bolsas e auxílios para docentes e tutores nas instituições públicas de ensino superior e tutores presenciais e coordenadores nos polos municipais de apoio presencial;

V - planejar, coordenar e avaliar, no âmbito das ações de fomento, a oferta de cursos superiores na modalidade a distância pelas instituições públicas e a infra-estrutura física e de pessoal dos polos municipais de apoio presencial, em apoio à formação inicial e continuada de professores para a educação básica. (BRASIL, 2007b, p. 7-8).

A nova estrutura de funcionamento da Capes pode ser visualizada na figura que segue:

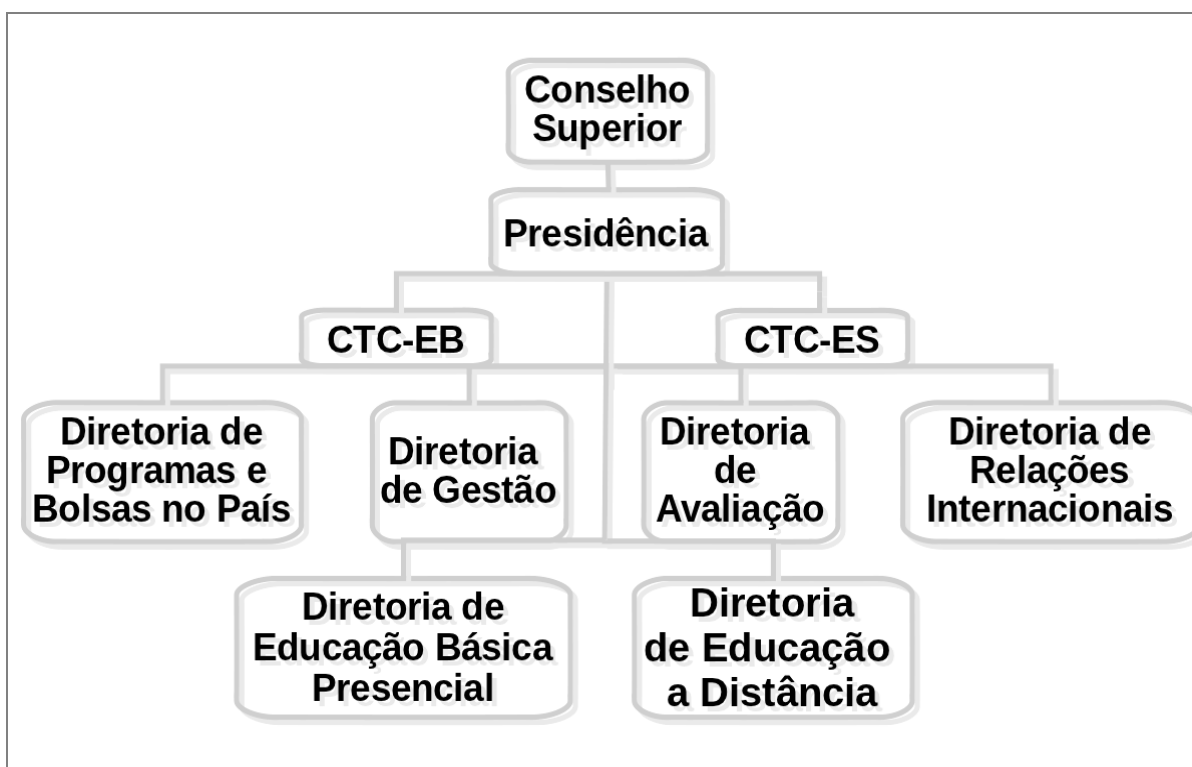


Figura 6 - Institucionalização da UAB na CAPES.

Fonte: Elaborado com base no Decreto n.º 6.316, de 20 de dezembro de 2007.

O primeiro Diretor de Educação a Distância da CAPES foi o professor Celso José da Costa, de 2007 até fevereiro de 2011. O atual Diretor é o professor João Carlos Teatini de Souza Climaco, designado pelo Presidente da Capes, pela Portaria de 8 de abril de 2011, publicada no Diário Oficial da União (BRASIL, 2011, p. 12).

De acordo com o Portal da UAB (BRASIL, 2012), com a reformulação e as novas atribuições da Capes, a UAB passou a integrar as atividades da Diretoria de Educação a Distância junto a Capes, com a missão fundamental de colaborar com o processo de formação inicial e continuada de professores para a educação básica, na qual:

A Capes, ademais, coordenou as ações que culminaram no lançamento do Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica, que prevê um regime de colaboração entre União, estados e municípios para a elaboração de uma estratégia de formação inicial e continuada de professores. O plano estabeleceu os Fóruns Estaduais Permanentes de Apoio à Formação Docente, que identificaram a demanda por educação a distância em licenciaturas de todas as áreas e em pedagogia, e orientam a oferta pelas instituições públicas de ensino superior (Ipes) de cursos em Polos de Apoio Presencial. (BRASIL, 2012).

Observa-se que o sistema da UAB tem crescido rapidamente a cada ano. Destaca-se que o governo pretende:

[...] a incorporação dos cursos pela estrutura formal das IES públicas, na qual o ideal seria que o curso estivesse dentro dos departamentos, com colegiado e eleições para a coordenação de curso, etc. Esta incorporação fará com que as Universidades deixem de receber recursos descentralizados para o projeto específico e incorporem os alunos da EAD no seu contingente orçamentário” (CARVALHO, 2009, p. 133-134).

Acredita-se que exista uma tensão entre as políticas públicas vigentes, caminhando de forma acelerada, iniciativas que buscam conciliar o balizamento legal e as práticas que contemplem de fato um Ensino Superior a distância flexível, que atenda as necessidades e expectativas da sociedade.

A modalidade de Educação a Distância vem crescendo e se consolidando gradativamente como uma estrutura que busca atender às necessidades sociais de acesso a uma educação de qualidade. Percebe-se que as iniciativas de criação e implementação de políticas que possam dar conta da diversidade que a EAD vem apresentando ainda não são suficientes, sendo este um processo recente, considerando a movimentação da legislação que efetivamente passa a regulamentar a EAD.

Mesmo com essa aceleração das políticas voltadas para a EAD, e com as diversas contradições que marcam esse processo, temos um ganho enorme com a quantidade de pessoas beneficiadas com possibilidade de continuar estudando. Percebe-se que, aos poucos, a legislação que versa sobre essa modalidade de ensino vem se modificando e aperfeiçoando esse processo.

3.3.1 O Fórum da Área de Pedagogia

Entre os documentos legais que regulam a EAD no âmbito da UAB, considera-se importante destacar a Portaria n.º 79, de 14 de abril de 2010, que dispõe sobre os Fóruns Nacional e Regionais de Coordenadores do Sistema

Universidade Aberta do Brasil, como uma iniciativa inovadora dentro do sistema da UAB, considerando seu Artigo 1º ao descrever que:

§ 1 Compete aos Fóruns Nacional e Regionais de Coordenadores do Sistema UAB apoiar a Diretoria de Educação a Distância (DED) na formulação de diretrizes, na definição de parâmetros e critérios técnicos e pedagógicos que norteiem as ações do Sistema UAB relacionados à infraestrutura de polos, oferta de cursos em polos de apoio presencial, seleção e capacitação de tutores, dentre outros. (BRASIL, 2010).

Percebe-se a inserção dos profissionais que atuam diretamente nos cursos implementados pela UAB na participação e articulação que vêm movimentando as modificações nas políticas públicas. Pontuam-se nesse estudo algumas informações referentes aos Fóruns da Área da Pedagogia³⁰, por considerar essas ações como uma articulação positiva e pouco divulgada.

Privilegia-se neste texto o Fórum dos Coordenadores do Curso de Pedagogia, evento anual previsto pela legislação vigente, podendo ter outros encontros fora dessa data. Além do encontro presencial, os participantes têm atividades de discussão permanente no Ambiente Virtual de Trabalho da UAB – ATUAB³¹.

Esse é um espaço restrito aos coordenadores dos Cursos a Distância da UAB. Cada curso tem o seu ambiente, assim como SisUAB³², para Coordenadores da UAB de cada instituição credenciada. Acredita-se que os Fóruns de Área e os

³⁰ O primeiro contato com essa iniciativa ocorreu com a participação da pesquisadora no III Fórum da Área da Pedagogia, realizado nos dias 03 e 04 de maio de 2010 na Capes, em Brasília. O referido evento teve como pauta a apresentação geral do Sistema CGAC (coordenação geral de articulação acadêmica); esclarecimento sobre bolsas, polos e SISUAB; discussão e definição de parâmetros dos estágios supervisionados; reestruturação e planejamento das comissões de área e as diretrizes e encaminhamentos da avaliação dos Projetos Pedagógicos.

³¹ O ATUAB é o ambiente de trabalho da Universidade Aberta do Brasil restrito aos seus colaboradores. Configura-se numa personalização do ambiente virtual de aprendizagem (AVA) Moodle para o compartilhamento de informação, comunicação entre a Capes, IES e Polos, além da gestão e discussão de temas de interesse para o desenvolvimento do Sistema UAB. Participam desse ambiente os coordenadores UAB, coordenadores de curso, coordenadores de polo de apoio presencial e colaboradores da Capes. Fonte: Portal da Capes. Disponível em: <http://capes.gov.br/educacao-a-distancia/atuab>.

³² O SisUAB é uma plataforma de suporte para a execução, acompanhamento e gestão de processos da Universidade Aberta do Brasil. Está preparado para o cadastramento e consulta de informações sobre instituições, polos, cursos, material didático, articulações, colaboradores e mantenedores (Portal da UAB).

Ambientes Virtuais sejam um avanço no desenvolvimento da Educação a Distância no Brasil.

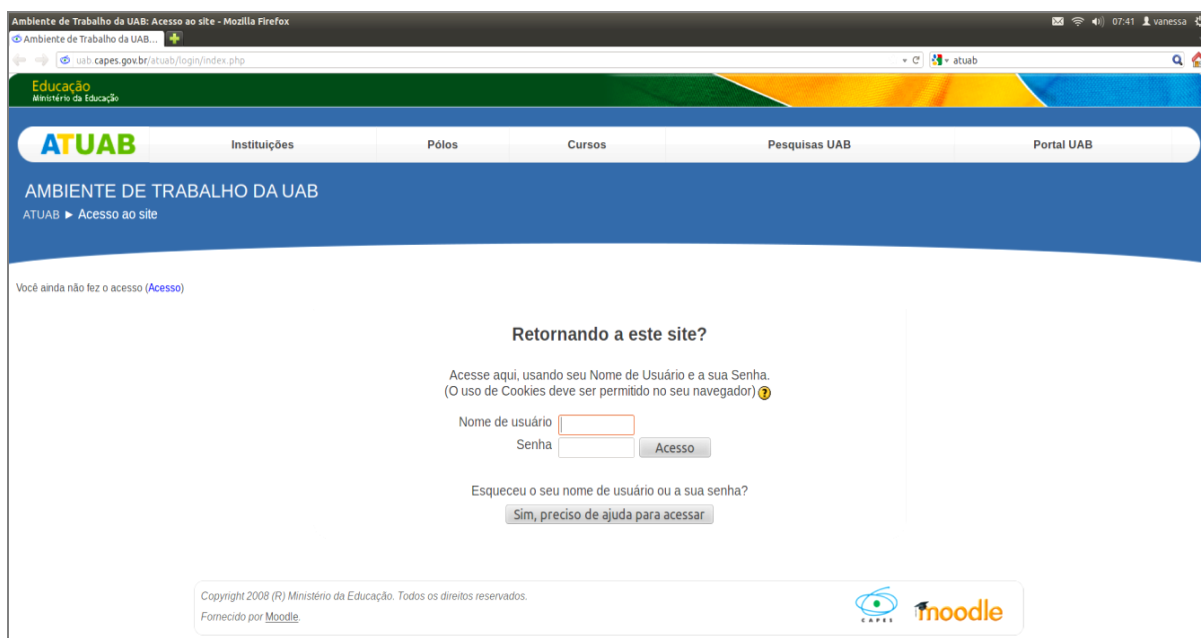


Figura 7 - Ambiente Virtual de Trabalho da UAB – ATUAB.

Fonte: Portal UAB.

Considera-se que esses momentos de reflexão e trocas, nos Fóruns e no ATUAB, caracterizam a forma como a Licenciatura em Pedagogia do Sistema UAB vem se constituindo, quais as inquietações e sugestões dos seus representantes para qualificar o desenvolvimento do Curso. Acredita-se que esse movimento de participação reflete diretamente nas práticas pedagógicas dos professores, tutores e alunos.

O primeiro Fórum da Área da Pedagogia aconteceu em 2008 na cidade de Brasília, segundo o documento de “Sistematizações dos fóruns das áreas – ano 2008”. Após a abertura do evento, os coordenadores reuniram-se em grupos para discutir e listar as suas dúvidas e sugestões em relação ao Curso, destacando as especificidades de cada região. Algumas das reivindicações desse primeiro encontro foram: o pedido de contratação de mais bolsistas e técnicos, revisão do valor e número de bolsas e investimento em pesquisa pelo MEC.

O segundo Encontro da Área de Pedagogia ocorreu nos dias 22 e 23 de junho

de 2009, em Brasília, do qual participaram 25 professores de 23 universidades. Segundo o documento de “Sistematizações dos fóruns das áreas – Ano 2009”, os coordenadores trataram das diversidades dos Projetos Pedagógicos de Curso de cada Instituição, sendo a troca de informações entre os coordenadores tema para novos encontros do grupo. Refletiram ainda sobre o processo de avaliação do Curso de Pedagogia.

Somos contrários a critérios que levem à hierarquização (ranqueamento) dos cursos de licenciatura e, concomitantemente, afirmamos nossa abertura para sermos avaliados em termos de atendimento às políticas públicas do MEC e da UAB/CAPES e em termos de qualidade pedagógica da formação dos professores. Conforme a especificidade das IES e do entorno histórico-cultural das regiões abrangidas por todos os polos de cada curso (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2009).

Nesse segundo encontro ainda ficou acordado a intensificação da utilização do ambiente AUTUAB:

Para trocar e socializar materiais já produzidos pelas IES quanto a documentos, convênios com SMEs e Estados; Socializar estratégias como a criação de escolas, polos, estágio e o aprofundamento das relações pedagógicas e de formação entre essas escolas e a IES; Gestão de pessoal com disponibilização de mais professores (pesquisadores e tutores) nos locais de estágio e de diferentes funções, e relação professor com número de alunos supervisionados; Instrumentos e ferramentas de registro progressivo das aproximações dos alunos com a escola e de realização do estágio formal; Organização e adequação das rubricas dos PTA's dos cursos às demandas efetivas (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, 2009).

Em 2010, antes do Encontro da Área de Pedagogia, aconteceu um encontro dos Coordenadores do Curso de Pedagogia, organizado pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), para dar continuidade aos Fóruns anteriores. Como fruto desse encontro, elaborou-se um artigo intitulado “A docência e a tutoria: inquietações emergentes no cenário dos cursos de Pedagogia do Sistema UAB”, elaborado pela professora Adriana Rocha Bruno³³, com as discussões realizadas no

³³ Adriana Rocha Bruno é professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF. Pesquisa e publica sobre Educação a Distância. Mais informações em: <https://sites.google.com/site/arbruno/>.

Fórum de Coordenadores do Curso de Pedagogia – Sistema UAB em Cuiabá na UFMT nos 18 e 19 de março de 2010 - e traz em seu teor grande parte das ideias gestadas pelos coordenadores de curso das dez instituições presentes. Segundo o texto: “No encontro estiveram reunidos 14 coordenadores de tutoria [...] com o propósito de socializar e encaminhar as vozes, pensamentos e indicações dos educadores presentes.” (BRUNO, 2010, p. 02).

Essa sistematização traz no primeiro momento as limitações encontradas pelos presentes e as possíveis soluções para superá-las, destacando a necessidade de pesquisas e aprofundamento dos sujeitos envolvidos nos cursos, para apropriação e utilização dos recursos disponíveis na Plataforma Moodle, a valorização da interatividade entre tutores e alunos, o acúmulo de trabalho dentro das universidades pela falta de institucionalização da EAD nas instituições, a sobrecarga e desvalorização do coordenador de tutores e, ainda, os problemas das estruturas dos polos de apoio presencial.

Em um segundo momento o texto aborda algumas reivindicações do grupo, resgatando as reflexões acerca do trabalho do tutor, sendo que:

Pouco se discute sobre as reais atribuições que o tutor a distância assume nos cursos, como a docência, e os desdobramentos se evidenciam na falta de reconhecimento na carreira docente, atestado da função de professor no ensino superior e na remuneração como professor que de fato é. [...] O fato é que não há problema em ser tutor e nem na tutoria, ou na profissão do tutor desde que este profissional exerça de fato e somente as atividades como tutor, ou seja, aquele que acompanha os estudos do aluno, mas não é o responsável pelo ensino e nem pela mediação pedagógica. (BRUNO, 2010, p. 5).

Após a reflexão sobre a tutoria e sua articulação enquanto docência, o texto lista as reivindicações do grupo, consideradas de fundamental importância, tendo em vista a problemática desta pesquisa e a reflexão sobre o deslocamento de memórias e sentidos produzidos no movimento constitutivo da docência a partir dos sujeitos responsáveis pela efetivação das práticas pedagógicas na modalidade de ensino a Distância, sendo elas:

- Alteração – **extermínio do termo tutor a distância:** inclusive dos documentos legais (MEC). Tendo por base os argumentos sobre a tutoria a distância apresentados, solicitamos a adoção de termo condizente com a

função exercida por esse profissional: professor auxiliar.

- Recebimento de bolsa de tutor (ou melhor, de professor auxiliar) da UAB para todos os projetos (inclusive para os consorciados CEDERJ). Distinção entre as bolsas de tutoria presencial e a de professor auxiliar (antigo tutor a distância). Redefinir o papel do tutor na sua relação de trabalho no tocante à precarização do trabalho docente, para que não seja tomado enquanto um “professor menor”.

- Seguro de vida para o tutor a distância e para o presencial: as viagens destes profissionais para cumprimento de suas funções tem ocorrido sem que estes profissionais estejam assegurados. Já ocorreram acidentes, com vítimas, e os prejuízos (além de tais ocorrências) são evidentes.

- Inserção dos coordenadores de tutores no sistema ATUAB: compreendendo que os coordenadores de tutoria são parte essencial do processo de desenvolvimento dos cursos, a integração destes nas reuniões de coordenação e também no sistema ATUAB se faz urgente.

- Garantia da participação dos coordenadores de tutores como membro no Fórum Permanente por meio do Regimento do Fórum.

Institucionalização da UAB dentro da universidade: ratificando os argumentos anteriormente apresentados, há que se resolver as questões que envolvem a institucionalização dos cursos do sistema AUAB.

- Redefinição do papel da coordenação dos tutores e ampliação para termos coordenador de tutores presencial.

Não permitir expansão ou criação de novos polos sem que todos os requisitos exigidos pela UAB para o pleno funcionamento sejam atendidos.

- Assegurar o processo de formação continuada dos tutores a distância como atribuição do Coordenador de Tutoria a distância (o mesmo para o coordenador de tutoria presencial) e criação de uma equipe de secretaria para assumir assuntos burocráticos e de controle, se necessário.

- Socialização das experiências e dos materiais produzidos em cada Instituição: entendemos que os materiais produzidos pelas IES – fruto de investimento com verba pública, deva ser socializado (guardados os direitos autorais) para todas as IES. (BRUNO, 2010, p. 7, grifo nosso).

Por fim, o texto aborda algumas experiências significativas, como o trabalho de formação de tutores desempenhado pelo coordenador de tutoria, os plantões presenciais realizados por professores e tutores, a criação de um espaço no Moodle para formação continuada dos tutores e para a equipe pedagógica do Curso. Percebe-se, a partir da leitura e reflexão desse documento, uma representação consistente e significativa, a qual levanta questões de ordem estrutural e pedagógica dos cursos a distância.

O terceiro Fórum da Área da Pedagogia aconteceu nos dias 03 e 04 de maio de 2010, na sede da Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior, em Brasília. Durante o encontro, foram retomadas questões relativas ao Fórum realizado na UFMG, onde: “a realização do Fórum “é uma forma de unir a área e

sintonizá-la aos moldes da CAPES [...]” (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR, p. 8). Nesse evento foram discutidas as questões relativas à estrutura e organização dos estágios supervisionados do Curso de Pedagogia, à eleição de um representante do Fórum e à reestruturação das comissões de avaliação através de votação.

Ao descrever alguns dos assuntos discutidos no Fórum da Área da Pedagogia, percebe-se a participação efetiva dos coordenadores de Cursos, bem como seu comprometimento e preocupação em não só pontuar as questões que precisam ser reelaboradas no sistema da UAB, mas de buscar soluções e estratégias para qualificar o trabalho realizado pelos profissionais da educação nessa modalidade educativa e garantir uma educação de qualidade aos alunos atendidos.

3.4 A constituição da docência na EAD

Pensar na condição posição-sujeito assumida pelo professor é buscar, na memória, os sentidos que o constituem como alguém que domina o saber e nos modelos educacionais formados durante a história a partir de salas de aula repletas de classes, cadeiras, alunos e um professor. Assim, esse sujeito ocupa um espaço já instituído antes, sendo que tanto alunos como professores se subjetivam frente a um imaginário constituído historicamente.

Ao longo do tempo, as formas de interatividade entre alunos e professores, independente da abordagem de ensino-aprendizagem desenvolvida, se constituía pela língua oral. A interatividade representa uma forma de disponibilização consciente de mais um meio de comunicação de modo expressivamente complexo, promovendo interações “seja entre usuário e tecnologias digitais ou analógicas, seja nas relações ‘presenciais’ ou ‘virtuais’ entre seres humanos.” (SILVA, 2000, p. 20).

Na condição ocupada pelos professores, tem-se um sujeito que “é determinado, sem se dar conta, a dizer o que o seu lugar de formação social impõe que seja dito” (INDURSKY, 1998). Esse sujeito na ilusão de ser autônomo é assujeitado pela ideologia dominante, onde “a ideologia interpela os indivíduos

enquanto sujeitos.” (ALTHUSSER, 1985, p. 93). Assim:

A situação dos professores perante a mudança social é comparável à de um grupo de atores, vestidos com traje de determinada época, a quem sem prévio aviso se muda o cenário, em metade do palco, desenrolando um novo pano de fundo, no cenário anterior. (ESTEVE, 1991, p. 97).

A descrição de Esteve (1991) sobre o cenário educacional remete à implantação da modalidade de Ensino a Distância nas universidades públicas brasileiras, levando em conta a velocidade com que a EAD vem sendo incorporada no ensino superior pelo sistema da UAB. Essa mudança no contexto da Universidade vem se constituindo de forma acelerada, muitas vezes sem considerar a capacitação e o tempo de planejamento necessário para o trabalho docente.

Ao iniciar o percurso como educadores, na modalidade de Ensino a Distância, se está frente a muitas dúvidas, incertezas, descrenças e emoções, no qual: “a realidade vem demonstrando que o professor universitário tem poucas instâncias formativas, principalmente no início da carreira.” (MACIEL, 2009, p. 292). A fluência tecnológica necessária para o desenvolvimento das atividades docentes nesse espaço virtual que se apresenta precisa ser contemplada nas estratégias de aprendizagem docente promovidas pelas universidades.

Ao buscar-se na memória algum fato que nos remeta a atividades relacionadas a EAD, dificilmente se encontra algum. Hoje, essa nova modalidade de ensino sofre muitas mudanças, experimentações, construções e desconstruções. Os recursos tecnológicos são constantemente mutáveis e é o sujeito que vai escolhendo o que fazer com esses recursos. As novas tecnologias não são um fator isolado. Elas estão presentes nas transformações da vida, no meio sócio-político e cultural, no mercado de trabalho, nos relacionamentos, nos ideais, esperanças e sonhos. Nesse contexto de diversidades pedagógicas e tecnológicas:

Os professores desenvolvem suas próprias concepções na formação inicial e ao longo do exercício profissional, que podem ser tantas quantas forem os professores. As reações variam conforme cada uma das pessoas vivencia o processo, desde sua própria vida e circunstância, história social e cultural.” (FIORENTINI, 2009, p. 161).

Para tanto, também é preciso se apresentar como professores aprendentes e compreender que, ao ensinar, aprende-se muito. Essas duas constantes não caminham em vias separadas. Mesmo que a primeira tentativa, de ser professor a distância, seja de tentar reproduzir o que acontece no ensino presencial, no decorrer desse processo o professor se depara com situações e necessidades diferentes e tem a possibilidade de replanejar e reinventar seus planejamentos e práticas.

Esse processo acontece de forma gradativa, aos poucos se vai reconhecendo como e por que se elege um recurso ou ferramenta, qual a melhor forma de se expressar nesses ambientes. Professores e alunos aprendem e ensinam. Considera-se, assim, que: “Cada avanço, por menor que seja, representa um enfraquecimento das forças de resistências.” (MACIEL, 2009, p. 296).

Percebe-se que a informação e o conhecimento são, cada vez mais, as fontes de transformações da sociedade, tornando-se necessário estar em constante busca de conhecimento. Dessa forma, Nóvoa afirma que:

É preciso combater a mera reprodução de práticas de ensino, sem espírito crítico ou esforço de mudança. É preciso estar aberto às novidades e procurar diferentes métodos de trabalho, mas sempre partindo de uma análise individual e coletiva das práticas. (NÓVOA, 2001, p. 45).

O professor que atua nessa perspectiva tem uma intencionalidade enquanto responsável pela aprendizagem de seus alunos, e esta constitui o seu projeto de atuação, elaborado com vistas a respeitar os diferentes estilos e ritmos de trabalho dos alunos. O trabalho colaborativo na Universidade refere-se ao planejamento e execução das ações, no qual todos os envolvidos sejam parceiros e sujeitos de aprendizagem. O espaço virtual onde transitam os sujeitos da EAD oferece diversos recursos para proporcionar esse trabalho colaborativo e interativo, mas, sozinho, esse espaço não tem sentido, o que gera essa interação são as ações docentes e discentes integradas.

Essa busca profissional se apresenta em constante mudança. É o fim da repetição e das fórmulas prontas. De dono absoluto do saber, o professor passa a ser o intermediário entre o conhecimento acumulado e os interesses e as necessidades de professores e alunos. Hoje, exige-se outra forma de ensinar e aprender que altere o contexto histórico: a Educação a Distância. Frente a essas

transformações, as preocupações se direcionam à subjetivação do professor, que precisa se constituir, na maioria das vezes, a partir da escrita da sua fala, estando fisicamente longe do aluno, tendo que buscar outras maneiras de se relacionar.

Assim, outras formas de contato entre alunos e professores vão se estabelecendo, cada sujeito imerso no contexto do ciberespaço, na condição de aprendiz, vai dando sentido à sua aprendizagem a partir de suas necessidades. Nesse sentido, o fazer pedagógico se constitui em um cenário em que “o docente raramente atua sozinho. Ele se encontra em interação com outras pessoas, a começar pelos alunos.” (TARDIF, 2007, p. 49-50).

Deste modo, o ambiente da EAD apresenta-se de forma mais complexa que o presencial, onde se tem mais de um sujeito envolvido na promoção do ensino-aprendizagem. Esse sujeito, denominado tutor, está em constante contato com os alunos, sendo o elo entre professor-aluno e conteúdo-aluno. Exigindo, portanto, uma interação em tríade, onde esse terceiro elemento torna-se a referência docente ao aluno.

Destaca-se que “[...] se a educação dos seres humanos pouco a pouco se tornou mais complexa, o mesmo deverá acontecer à profissão docente.” (IMBERNÓN, 2006, p. 8). O pensamento de Imbernón nos remete ao contexto da EAD pelas suas especificidades imersas no Ensino Superior. Em meio a tantas novidades e recursos é preciso atentar-se para que a “[...] redefinição dos sistemas econômicos e de regulação do mercado para introduzir elementos que podem supor uma autonomia educacional vigiada, autorizada, ou uma colegialidade artificial.” (IMBERNÓN, 2006, p. 12).

Essas características próprias da EAD precisam ser contempladas na formação desse docente passando “[...] pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, diretamente articulados com as práticas educativas.” (NÓVOA, 1992, p. 28).

O movimento de constituição da docência na EAD torna-se um processo complexo, envolvendo diversas competências que hoje passam a ser incorporadas à vida de professores, tutores e alunos. Como não há modelos para seguir, o processo

constituído hoje por esses sujeitos será historicamente os modelos a serem seguidos, criticados e questionados.

4.1 Curso de Pedagogia EAD da UFSM

O Curso de Pedagogia³⁴ tratado nesta pesquisa está sediado na Universidade Federal de Santa Maria³⁵ (UFSM), na cidade de Santa Maria, Estado do Rio Grande do Sul, estando credenciada para atuar em Educação a Distância (EAD), desde 17 de dezembro de 2004, através da Portaria MEC/CEN n.º 4208. O primeiro Curso Superior, na modalidade a distância, foi o de Educação Especial, oferecido pela UFSM de 2005 a 2009, que promoveu o credenciamento da universidade na educação a distância, estando lotado no Centro de Educação. Nessa mesma Unidade de Ensino estão lotados:

- Curso de Pedagogia Licenciatura: diurno e presencial;
- Curso de Pedagogia Licenciatura: noturno e presencial;
- Curso de Pedagogia Licenciatura: a distância;
- Curso de Educação Especial Licenciatura: diurno e presencial;
- Curso de Educação Especial Licenciatura: noturno e presencial;
- Curso de Educação Especial Licenciatura: a distância;
- Programa Especial de Graduação
- Curso de Especialização em Gestão Educacional: presencial;
- Curso de Especialização em Gestão Educacional: a distância;
- Curso de Especialização em Educação Especial;
- Curso de Especialização em PROEJA;
- Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado.

O Curso de Pedagogia da UFSM, na modalidade presencial, foi criado em 1965, e somente em 2007 foi implementado o Curso de Pedagogia a Distância, a partir da proposta do Governo Federal, através do Ministério de Educação - Secretaria de Educação a Distância para o Sistema Universidade Aberta do Brasil

³⁴ Mais informações sobre o Curso de Pedagogia EAD/UFSM/UAB podem ser encontradas no seguinte endereço eletrônico: <http://www.ufsm.br/pedagogiaead>.

³⁵ Universidade Federal de Santa Maria - Campus Universitário - Centro de Educação - Prédio 16 - Sala 3149. Site: <http://www.ufsm.br>; E-mail: cpedagogiaEAD@gmail.com.

(UAB), com o objetivo de atender à demanda de formação de profissionais habilitados para o exercício do magistério no Estado do Rio Grande do Sul. Este curso nasce com uma forte articulação com os municípios-polos, promovendo uma maior inserção e integração regional.

Os alunos têm acesso ao Curso através de Concurso Vestibular. O Curso de Pedagogia EAD tem duração de quatro anos, distribuídos em oito semestres; cada semestre é organizado em dois módulos, articulados pela disciplina Seminário Integrador, com uma proposta específica de integração e práticas, conforme a organização curricular. (Mais detalhes no Anexo B).

Conforme o Projeto Pedagógico de Curso (PPC), ao final do Curso o aluno estará habilitado a “[...] atuar nas funções de magistério da Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental e etapas iniciais de EJA, bem como em outras áreas que sejam previstos conhecimentos pedagógicos [...]” ((UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, 2007).

O quadro abaixo mostra a distribuição dos polos nas cidades do Rio Grande do Sul.

Município	UF	Região	Polo
Agudo	RS	Região Sul	POLO DE APOIO PRESENCIAL AO ENSINO SUPERIOR DE AGUDO – UAB
Cruz Alta	RS	Região Sul	POLO UAB CRUZ ALTA – RS
Faxinal do Soturno	RS	Região Sul	POLO DE APOIO PRESENCIAL FAXINAL DO SOTURNO
Restinga Seca	RS	Região Sul	POLO EDUCACIONAL SUPERIOR DE RESTINGA SECA – UAB
Sant’ Ana do Livramento	RS	Região Sul	POLO DE APOIO PRESENCIAL MUNICIPAL SANT’ ANA DO LIVRAMENTO – UAB
São Lourenço do Sul	RS	Região Sul	PAED - POLO DE APOIO AO ENSINO A DISTÂNCIA - SÃO LOURENCO DO SUL – UAB
Sobradinho	RS	Região Sul	POLO REGIONAL DE ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA
Tapejara	RS	Região Sul	NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL DE TAPEJARA
Três de Maio	RS	Região Sul	POLO UNIVERSITÁRIO FEDERAL DE TRÊS DE MAIO
Três Passos	RS	Região Sul	POLO UNIVERSITÁRIO FEDERAL DE TRÊS PASSOS

Quadro 5 - Polos do Curso de Pedagogia a Distância da UFSM.

Fonte: Portal da UAB³⁶.

Considerando a demanda existente na região e a necessidade justificada

³⁶ Disponível em: <http://www.uab.capes.gov.br/>. Acesso em 26 de julho de 2010.

pelas secretarias de educação dos municípios, sedes dos polos da UAB, já foram realizadas três edições do curso: em 2008, 2009 e 2010. Desta forma, o Curso está presente hoje em nove polos distribuídos em diferentes cidades do Estado do Rio Grande do Sul, contando com aproximadamente dezesseis professores e cento e quarenta tutores, podendo variar conforme o número de disciplinas ofertadas por semestre (SARTURI; NOGUEIRA, 2010).

Percebe-se o crescente aumento da oferta do Curso a cada ano. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de refletir sobre as práticas educacionais desenvolvidas nesse contexto com vistas a qualificar os processos de ensino e aprendizagem. Se, por um lado, a estrutura física da Universidade está longe dos alunos, por outro, existe um polo na cidade onde os alunos se encontram para estudar, realizar os trabalhos e, conseqüentemente, criar laços de amizade. Considera-se que as relações de afeto também acontecem com os contatos estabelecidos a distância. Percebe-se isso nos encontros presenciais que acontecem no início de cada módulo do Curso, quando professores e tutores dirigem-se aos polos para apresentar as suas disciplinas, realizar as avaliações e socializar as atividades desenvolvidas no Seminário Integrador de cada semestre.

4.2 Ambiente Virtual Livre Moodle

A mediação tecnológica do Curso é desenvolvida no Ambiente Virtual MOODLE, adotado pela UAB e acolhido pela UFSM: “a maioria das atividades a distância será desenvolvida no ambiente virtual que terá como suporte a plataforma Moodle”, conforme consta do Projeto Pedagógico de Curso (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, 2007). Esse é um *software* livre e gratuito que foi desenvolvido especificamente para o uso educacional e mantido por uma comunidade de pesquisadores, educadores e programadores distribuídos em todo o mundo, sendo uma plataforma:

[...] que pode facilmente ser montada ou organizada em torno de um conjunto de ferramentas de raiz construtivista ou utilizada segundo um

modelo mais tradicional de sebenta eletrônica ou “dispensário de informação” sem qualquer semelhança com os ambientes de aprendizagem construtivistas no lastro dos conceitos atuais de construtivismo. (VALENTE; MOREIRA; DIAS, 2009, p. 50-51).

Mesmo sendo planejado e desenvolvido para o uso educacional, com diversos recursos e possibilidades de interação, a diferença na utilização dessa plataforma vai estar na maneira que o professor escolhe usar este ou aquele recurso disponível no Moodle. Além da integração de outros espaços virtuais como vídeos, áudios, *sites* interativos, etc. buscando, principalmente, um constante diálogo.

O Moodle, assim como qualquer outro software que gerencia conteúdo na internet, não funciona sozinho. Quando pensados para desencadear processos de ensino e aprendizagem, são os sujeitos que habitam esse espaço/lugar virtual que o tornam um mais ou menos produtivo, colaborativo e dinâmico.

A ação docente e discente nessa realidade virtual vai sendo construída ao longo da trajetória, desenvolvendo nesses sujeitos habilidades e competências que levem à chamada fluência tecnológica/digital. Segundo o pesquisador Cristiam Briggs (2012), a alfabetização e a fluência têm a ver com nossa capacidade de usar uma tecnologia para atingir um resultado desejado em determinada situação, utilizando as tecnologias que estão disponíveis para nós naquele momento. Assim como na imagem³⁷ que segue:

³⁷ Agradeço ao pesquisador Cristiam Briggs (@briggzay) que, prontamente, retornou a mensagem enviada por correio eletrônico solicitando autorização para utilizar as ilustrações disponibilizadas no *blog*: <http://www.socialens.com/blog/>.

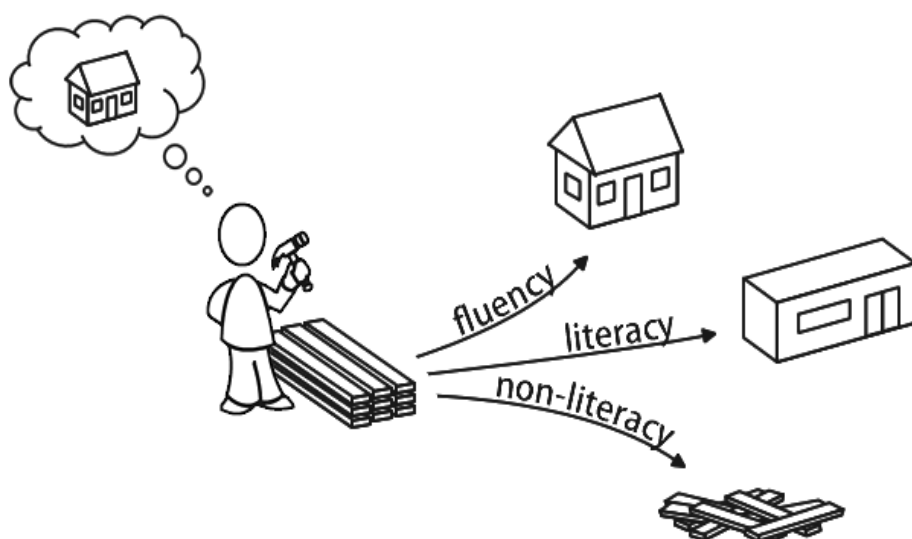


Figura 8- Alfabetização e Fluência.
Fonte: Socialens (BRIGGS, 2012).

Ao pensar o conceito de *fluência* voltado para a realidade virtual, tem-se um sujeito que é capaz de interagir com diversas outras pessoas. No caso da EAD, um professor que planeja e desenvolve atividades e dinâmicas no Moodle, mesmo que os alunos tenham diferentes “níveis” de fluência digital, consegue criar uma ambiência³⁸ favorável à aprendizagem de todos os envolvidos.

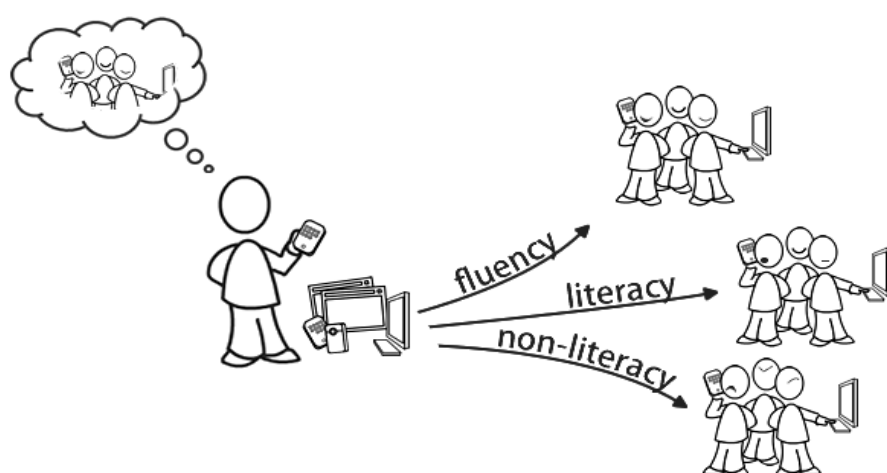


Figura 9 - Fluência digital.
Fonte: Socialens (BRIGGS, 2012).

³⁸ O termo *ambiência* é utilizado aqui segundo o pensamento de MACIEL (2001; 2009).

A ilustração acima remete a um professor capaz de alcançar o resultado esperado com seus alunos, considerando suas diversas diferenças e realidades. Nesse sentido, considera-se fundamental a formação desse profissional para atuar na EAD, buscando atender os objetivos específicos do uso da plataforma segundo o Projeto Pedagógico do Curso, a saber:

- Estudar, aplicar e integrar as tecnologias de programação em rede e multimídia na construção do ambiente;
- Proporcionar um suporte aos procedimentos didáticos utilizados pelo coordenador de disciplina;
- Integrar professores/alunos de diferentes áreas geográficas através da internet, permitindo-lhes acessar a escolaridade-universitária pública, gratuita e de qualidade;
- Desenvolver um ambiente de aprendizagem através de internet que auxilie na construção do conhecimento por meio de interfaces amigáveis e de fácil uso para educados e educadores;
- Fornecer mecanismos de comunicação assíncronos, permitindo assim que o professor/aluno trabalhe dentro de seu próprio ritmo de aprendizagem e em seu tempo disponível, além da comunicação síncrona, que lhe exige uma participação efetiva no grupo de trabalho para uma avaliação do seu progresso pelo coordenador de disciplina;
- Disponibilizar mecanismos ao professor/coordenador de disciplina para avaliar e acompanhar o progresso da aprendizagem dos alunos, permitindo-lhe, assim, interferir, quando necessário, na construção do conhecimento desse aluno;
- Superar o ambiente de sala de aula tradicional, apresentando a informação de uma forma mais interativa, propiciando ao professor/aluno uma participação mais ativa na elaboração e construção do conhecimento, tanto individual como em grupo. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, 2007).

O referido curso foi desenhado prevendo, além de todas as disciplinas que compõem seu currículo, uma disciplina chamada Seminário Integrador. O desafio dos Seminários Integradores não é somente desenvolver uma disciplina que deve cumprir um conteúdo pré-estabelecido, mas de articular os conteúdos das disciplinas dos semestres, quando os alunos serão capazes de aplicar e reconhecer o sentido do que estão estudando.

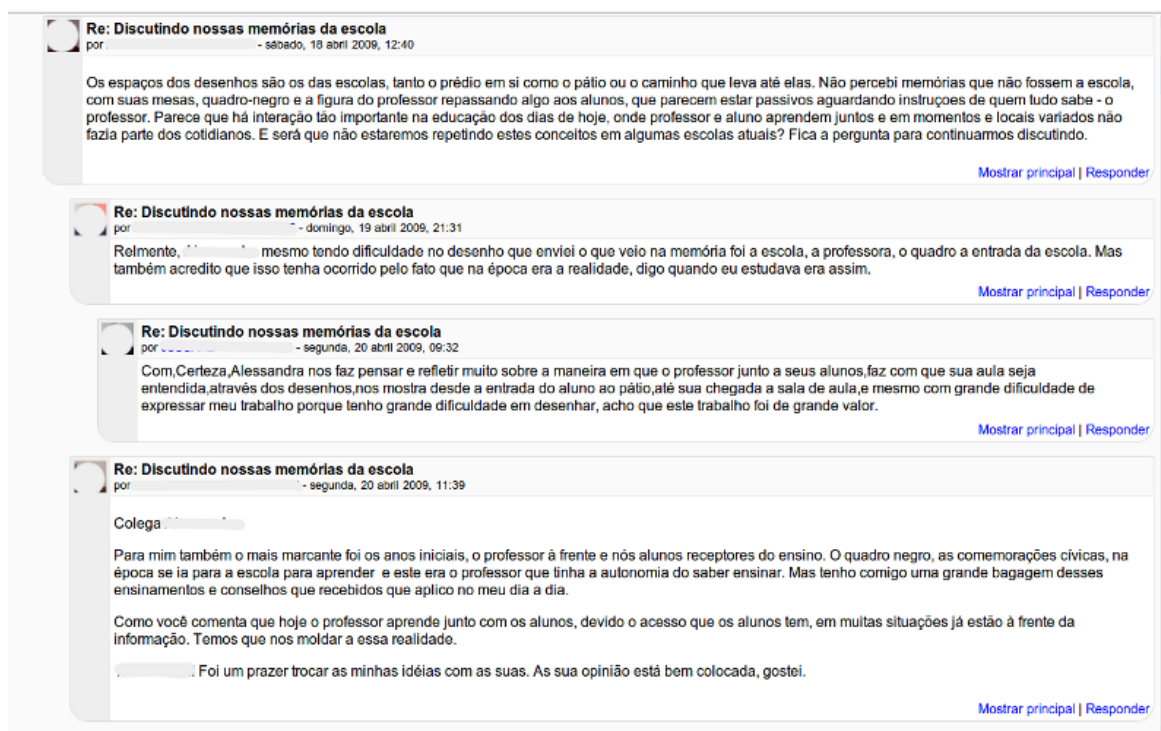


Figura 10 - Fórum de discussão.

Fonte: Ambiente virtual do Curso de Pedagogia.

Para reportar-se à prática desenvolvida no ambiente virtual do curso, será destacado um trecho de um fórum de discussão realizado no Seminário Integrador (FIGURA 10), no qual se percebe que é possível efetivar o diálogo e a construção de conhecimento em grupo. Ressalta-se que, nesse percurso, a presença do professor/tutor é fundamental para instigar, construir e reconstruir caminhos que mobilizem tanto o conteúdo a ser desenvolvido como o conhecimento que os alunos trazem consigo.

Cabe destacar que, ao utilizar o fórum de discussão, professores/tutores precisam estar atentos às colocações dos alunos sobre a problematização proposta, buscando estabelecer um diálogo entre os participantes, lançando novas questões, conduzindo o trabalho para transformar os conceitos e informações em conhecimentos cada vez mais complexos.

Ao acompanhar os fóruns realizados no ambiente, é possível observar essa construção acontecendo gradativamente, quando alunos e professores/tutores têm espaço para “falar” diversas vezes, expondo suas ideias e opiniões, revertendo a organização tradicional da sala de aula, na qual o professor fala quase todo o tempo.

Constituem-se, assim, outras possibilidades de comunicação e compreensão numa relação sem barreiras de tempo e espaço.

Dentre as demais ferramentas utilizadas no ambiente Moodle, destaca-se a Wiki, que é uma aplicação para gestão e edição de conteúdo construído de forma colaborativa. A atividade pode ser desenvolvida por toda a turma ou em grupos, com o objetivo de produzir textos com a participação de todos. A Wiki estimula o trabalho coletivo e a reflexão, pois são necessários diálogos para as construções e reconstruções das ideias.

Pode-se observar, por meio de recursos de acompanhamento dos alunos disponíveis na própria Wiki do Moodle, que os alunos acessam diversas vezes esse espaço, criando estratégias para sinalizar as modificações que vão fazendo e indicando caminhos para melhorar o que consideram ainda não estar pronto.

Portanto, tanto a Wiki como qualquer uma das ferramentas oferecidas pelo Moodle, deve ser pensada e escolhida a partir do planejamento de uma atividade que busca favorecer o aprendizado e não somente para cumprir o conteúdo que deve ser desenvolvido dentro do prazo.

Para compor a descrição de alguns dos recursos disponibilizados pelo Moodle destaca-se o glossário, que pode ser criado pelo professor ou pelos alunos, versando sobre um ou vários assuntos. Essa ferramenta permite também que sejam realizados comentários sobre os conceitos inseridos.

Observou-se³⁹, durante o desenvolvimento das atividades realizadas no Moodle, um processo de adaptação tanto de alunos quanto de professores/tutores, no qual os alunos têm acesso a todas as disciplinas e trabalhos desenvolvidos desde o seu início, podendo, assim, perceber de que forma o conhecimento vem sendo construído. Esse registro forma um dossiê que vai sendo construído gradativamente e de forma inusitada, uma vez que, na educação presencial, raramente ocorre o registro e memória do processo formativo.

A interação e a participação ativa favorecem a união e o sentimento de pertencimento dos alunos ao curso, que, além do ambiente virtual, têm no seu polo de referência um tutor presencial, biblioteca e laboratório de informática. Além da

³⁹ Considera-se aqui os quatro anos de atuação da autora como tutora a distância do Curso de Pedagogia EAD/UFSM/UAB.

possibilidade de criar espaços de estudo e interação com os demais colegas e profissionais do polo, comunidade local e da UFSM.

Significa que alunos e professores/tutores acrescentam ao currículo do Curso as especificidades da Educação a Distância, tomando o Moodle como ferramenta de trabalho e não como mero canal de informação. Ressalta-se que trabalham com os mesmos conteúdos previstos no ensino presencial, pois a proposta do Curso a Distância segue a mesma orientação.

4.3 A Tutoria no Curso de Pedagogia EAD/UFSM/UAB

A seguir, relatam-se alguns aspectos da organização do sistema de tutoria do Curso de Pedagogia EAD/UFSM/UAB, pois mesmo atendendo à mesma legislação, cada curso apresenta características específicas na organização do seu trabalho pedagógico e administrativo.

O sistema de tutoria do Curso de Pedagogia EAD/UFSM/UAB foi organizado a partir do Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia EAD (2007) e das vivências do trabalho realizado junto ao Curso. Nele está explicitado que o tutor possui as funções de: assessorar o professor/formador; acompanhar os alunos e orientá-los em suas atividades, seja no que diz respeito ao conteúdo das disciplinas, a assuntos relacionados à organização e administração do curso ou a problemas de ordem pessoal ou emocional, orientando os professores/alunos no sentido de buscar as soluções cabíveis em cada caso. Também é tarefa da tutoria oportunizar o trabalho colaborativo e cooperativo entre professor/pesquisador, professor/formador e professor/aluno, promovendo o estudo em grupo e motivando-os durante o Curso para evitar a evasão escolar.

Tanto a definição quanto a orientação na execução de tais funções estão intimamente relacionadas com a concepção de Educação a Distância no sentido de promover um processo de ensino e aprendizagem que promova uma efetiva formação de profissionais capazes de atuar na sua área de formação com autonomia e qualidade.

A proposta do curso é que o tutor a distância, com 20 horas semanais, atenda, no máximo, 50 alunos de uma disciplina. Nesse contexto, o tutor atua como mediador e orientador das atividades previstas em cada disciplina e acompanha o desenvolvimento de cada aluno e turma, especialmente através dos recursos e instrumentos oferecidos pela Plataforma Moodle.

Em 2007, o Curso de Pedagogia EAD ofereceu duzentas e noventa vagas para nove polos no Estado do Rio Grande do Sul: Restinga Seca, Faxinal do Soturno, Sobradinho, Cruz Alta, Três Passos, Três de Maio, Tapejara, Santana do Livramento e São Lourenço do Sul. Nesta ocasião, foram selecionados quarenta e oito tutores, seis para cada disciplina oferecida no primeiro semestre. A seleção foi feita mediante a análise de currículo e de entrevistas pelos professores de cada disciplina, considerando a especificidade da mesma. Ao mesmo tempo foram selecionados, através da análise de currículo, nove tutores presenciais para atuar com os alunos diretamente nos polos. Enquanto cada tutor a distância atende, em média, quarenta e cinco alunos (um polo inteiro e metade de outro, dividida com um colega tutor), os tutores presenciais atendiam uma média de vinte e cinco a trinta alunos.

Com a possibilidade da coordenação de tutores manter aqueles que estivessem correspondendo às expectativas de seu trabalho, surgiu o problema de profissionais de áreas bem distintas da área do Curso, como, por exemplo, da Informática, e que tinham interesse em continuar desenvolvendo o seu trabalho. Como essas pessoas demonstraram ser excelentes tutores, os mesmos foram alocados em disciplinas não tão específicas, como Língua Portuguesa, Metodologia Científica, etc. e deu-se continuidade a esta parceria. Aqueles tutores de outras áreas que não deram conta de disciplinas afins a seu campo de estudo foram dispensados do trabalho. (CECHIN; NOGUEIRA, 2010).

No final de 2008 foi realizada a segunda oferta do Curso, considerando a alta demanda de pessoas naqueles municípios que tinham interesse em cursar Pedagogia a distância. Neste momento, foi repensado o processo de seleção de tutores e optou-se por selecionar apenas pedagogos e educadores especiais, estes últimos por serem de uma área afim e, principalmente, de um curso que tem um programa de ensino muito similar ao da Pedagogia. Foram selecionados, então,

mais quarenta e oito tutores.

A seleção dos tutores presenciais não é baseada apenas na análise do currículo, que não dá conta de conhecer a pessoa e as habilidades que ela demonstra para desempenhar esta função. Portanto, além da análise dos currículos, a coordenação do curso foi pessoalmente aos nove polos, realizando entrevistas e uma pequena atividade no computador, para descobrir se a pessoa tinha intimidade com algumas ferramentas como *internet* e *e-mail*. Esta foi uma experiência particularmente rica pela oportunidade de conhecer todos os polos e entender um pouco do contexto social e cultural em que os alunos estão inseridos. (CECHIN; NOGUEIRA, 2010).

O sucesso da atividade no computador na seleção dos tutores presenciais fez com que, em 2009, a experiência fosse introduzida na seleção de quarenta tutores a distância, quando foram testados os conhecimentos e habilidades destas pessoas não somente com o computador, mas também as habilidades de escrita e diálogo, para atuar em cinco polos (quatro antigos e um novo, Agudo) no qual o curso está sendo desenvolvido em 2010 (terceira oferta). Neste processo seletivo, foi mantido o perfil desejado, sendo selecionados pedagogos ou educadores especiais, pois a experiência da segunda turma foi bem sucedida.

Para melhor operacionalizar a ação pedagógica, os tutores são distribuídos em grupos de cinco ou seis integrantes e procura-se mantê-los nesse grupo quando há troca de disciplina e semestre, preservando, assim, a dinâmica de trabalho da equipe. Caso um tutor não se sinta à vontade em seu grupo, ou a coordenadora de tutores e professores das disciplinas, a partir das avaliações, concluam que o trabalho de um grupo não está ocorrendo a contento, estas pessoas podem ser remanejadas ou até mesmo o grupo ser desfeito.

A ideia de manter o mesmo grupo, de preferência com a mesma oferta, traz para estes tutores uma experiência única já que, ao permanecer por quatro anos no Curso, podem acompanhar o crescimento e o desenvolvimento acadêmico desses alunos até a sua formatura. Considera-se, assim, que esse novo profissional da educação é presença constante no dia-a-dia dos alunos, o que permite o reconhecimento de que a distância geográfica não é barreira para a consolidação de uma relação de aprendizagem e afeto. (CECHIN; NOGUEIRA, 2010).

Assim, a organização do sistema de tutoria do curso vai se constituindo a partir da vivência dos envolvidos nesse processo, com reuniões e uma avaliação permanente das ações desenvolvidas durante as práticas pedagógicas de cada disciplina. Não podemos deixar de registrar a tensão existente entre o desenvolvimento de um trabalho de qualidade e carência de condições favoráveis para tanto.

Ao passo que a gestão do Curso desenvolve um trabalho pedagógico comprometido com qualidade da aprendizagem dos alunos e com a organização das práticas de professores e tutores, ainda não temos uma base legal que dê conta da contratação desses profissionais para além de uma bolsa de pesquisa.

4.3.1 Posição sujeito-tutor

Reflete-se aqui a posição sujeito-tutor existente a partir das políticas públicas e do discurso produzidos por esses sujeitos sobre a sua experiência, enquanto tutor a distância, no âmbito do Sistema da Universidade Aberta do Brasil no Curso de Pedagogia EAD da UFSM.

Considerando a posição constituída historicamente, ocupada pelo professor, que nesse cenário apresentado pela EAD vem sofrendo um deslocamento, não só pelo movimento de comunicação descentralizada presente na modalidade a distância, mas também pela função do tutor que surge em meio aos processos de ensino-aprendizagem no ensino superior.

Esse sujeito, denominado tutor pelas políticas públicas, com suas atribuições descritas pelas leis e documentos, produz outros sentidos sobre suas funções, descentraliza a posição do professor e mostra nos seus enunciados uma tensão entre ser e estar professor. Os tutores a distância, antes de ter essa função, possuem uma formação acadêmica para serem professores e ocupam um espaço que ainda não foi naturalizado de forma desprendida da docência.

Busca-se, no discurso oficial, as definições que remetem ao trabalho desenvolvido pelo sujeito-tutor, encontrando hoje na legislação vigente a Resolução

CD/FNDE n.º 26, de 5 de junho de 2009, que traz no artigo V, menção à função do tutor, definindo:

Tutor: profissional selecionado pelas IPES vinculadas ao Sistema UAB para o exercício das atividades típicas de tutoria, sendo exigida formação de nível superior e experiência mínima de 1 (um) ano no magistério do ensino básico ou superior, ou ter formação pós-graduada, ou estar vinculado a programa de pós-graduação. (BRASIL, 2009).

Anterior à Resolução nº 26 tem-se, nos referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância, uma definição mais detalhada para a função de tutor dentro da modalidade de Ensino a Distância:

A tutoria a distância atua a partir da instituição, mediando o processo pedagógico junto a estudantes geograficamente distantes, e referenciado aos polos descentralizados de apoio presencial. A principal atribuição deste profissional é o esclarecimento de dúvidas através de fóruns de discussão pela Internet, pelo telefone, participação em videoconferências, entre outros, de acordo com o projeto pedagógico. O tutor a distância tem também a responsabilidade de promover espaços de construção coletiva de conhecimento, selecionar material de apoio e sustentação teórica aos conteúdos e, frequentemente, faz parte de suas atribuições participarem dos processos avaliativos de ensino-aprendizagem, junto com os docentes. (BRASIL, 2007, p. 21).

Considerando as políticas públicas que versam sobre a implementação e desenvolvimento da EAD no Brasil, destaca-se aqui as atribuições contidas no edital de seleção de tutores e no termo de compromisso assinado pelos profissionais selecionados para exercício da tutoria na UFSM, especificamente no Curso de Pedagogia a Distância, tendo as seguintes atribuições:

Mediar a comunicação de conteúdos entre o professor e os estudantes; Acompanhar as atividades discentes, conforme o cronograma do curso; Apoiar o professor da disciplina no desenvolvimento das atividades docentes; Manter regularidade de acesso ao Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA e responder às solicitações dos alunos no prazo máximo de 24 horas; Estabelecer contato permanente com os alunos e mediar as atividades discentes; Colaborar com a coordenação do curso na avaliação dos estudantes; Participar das atividades de capacitação e atualização promovidas pela instituição de ensino; Elaborar relatórios mensais de acompanhamento dos alunos e encaminhar à coordenação de tutoria; Participar do processo de avaliação da disciplina sob orientação do

professor responsável; Apoiar operacionalmente a coordenação do curso nas atividades presenciais nos polos, em especial na aplicação de avaliações. (UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL, 2009, p. 2).

Entende-se aqui o discurso oficial como um discurso do Estado “[...] em sua função de articulador simbólico, com suas instituições e as relações materializadas pela formação que lhe corresponde.” (ORLANDI, 2007, p. 4). Discurso esse que busca traçar um perfil desse profissional a partir de sentidos pré-constituídos, movimentando a ideologia e as formações imaginárias dos sujeitos envolvidos. Assim, tem-se um discurso “[...] que individualiza a forma-sujeito histórica, produzindo seus efeitos nos processos de identificação do sujeito na produção dos sentidos.” (ORLANDI, 2007, p. 4).

Acredita-se que esse sujeito-tutor ocupa um espaço balizado pelas políticas públicas, onde a “[...] a responsabilização do sujeito enquanto cidadão que tem direitos e deveres sociais também é um efeito das relações imaginárias que promovem a dita "normalidade" da vida em sociedade.” (PETRI, 2004, p. 71-72).

A constituição do indivíduo em sujeito se efetiva ao ser assujeitado pela ideologia na sua relação com a história e com a língua. Dito de outra forma, “a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este ser submetido à língua, significando e significando-se pelo simbólico na história.” (ORLANDI, 2005, p. 17). Considera-se, assim, que o efeito de sentidos produzidos pelo discurso acontece num lugar de representação do simbólico, materializado pela ideologia de um sujeito histórico que é fragmentado e atravessado pelo inconsciente.

Esse sujeito, ao ser assujeitado, assume diversas posições-sujeito. Quando se propõe analisar os discursos produzidos pelos sujeitos da pesquisa dentro da perspectiva da AD, passa-se a utilizar a noção de posição-sujeito, sendo que “uma posição-sujeito é um lugar social representado no discurso.” (ORLANDI, 1998, p. 75).

A seguir, apresenta-se uma pré-análise⁴⁰ desenvolvida somente com os sujeitos-tutores do Curso de Pedagogia. Para tanto, foi realizado um recorte das respostas dos tutores a distância na avaliação realizada pela coordenação do curso

⁴⁰ Mantemos aqui essa pequena análise, realizada como parte do projeto de pesquisa submetido ao exame de qualificação.

em 2009 e 2010, buscando mobilizar as noções de posição-sujeito, formações imaginárias e formações ideológicas.

Houve uma preocupação aqui com os sentidos produzidos por esses profissionais ao desempenhar esse papel, assumindo a função de tutor a distância e como esse sujeito vem se assujeitando e naturalizando essa posição-sujeito tutor no contexto que está inserido. Assim, “O que nos interessa é o que o texto organiza em sua discursividade, em relação à ordem da língua e das coisas: a sua materialidade.” (ORLANDI, 1996, p. 57).

A posição constituída historicamente, ocupada pelo professor⁴¹ nesse cenário apresentado pela EAD, vem sofrendo um deslocamento não só pelo movimento de comunicação descentralizada presente na modalidade a distância, mas também pela função do tutor que surge em meio aos processos de ensino-aprendizagem no ensino superior *on-line*.

Esse sujeito denominado “tutor” pelas políticas públicas com suas atribuições descritas pelas leis e documentos, vem produzindo outros sentidos sobre suas funções, descentralizando a posição do professor e mostrando nos seus enunciados uma tensão entre ser e estar professor. Os tutores a distância do Curso de Pedagogia a Distância da UFSM, antes de ter essa função, possuem uma formação acadêmica para serem professores. Assim, ocupam um espaço que não está sendo naturalizado de forma despreendida da docência.

Os sujeitos-tutores buscam na memória lembranças que remetam à sua atuação enquanto tutores na modalidade de Ensino a Distância. Nesse sentido, Petri (2006, p.1) afirma que “falar do passado é tentar estabelecer elos com a memória, tentando evitar que essa recuperação da memória se reduza a um acúmulo de informações sobre o passado”. Pode-se evidenciar esse resgate histórico na “fala” dos tutores a seguir:

Tutor A	Ser tutor é ser um professor , embora tenhamos um professor para cada disciplina e nós atuemos como tutores, somos nós que estamos em contato com os alunos, às vezes muito mais que os próprios
---------	---

⁴¹ Neste trabalho as palavras professor, educador e docente são utilizadas como sinônimos.

	professores, devido ao grande número de alunos em todos os polos.
Tutor B	O papel do tutor se assemelha muito com o papel do professor. Ambos têm a tarefa de promover o conhecimento. O tutor durante suas intervenções tem que procurar manter o aluno motivado, incentivando-o a buscar mais conhecimentos.
Tutor C	É um educador a distância, aquele que discute as estratégias de aprendizagem, que suscita a criação de percursos acadêmicos, que problematiza o conhecimento, que estabelece o diálogo com o aluno, que media os problemas de aprendizagem, sugere, instiga, acolhe. É um elo entre o aluno, o professor e a instituição. Enfim, é um professor no espaço virtual.
Tutor D	A meu ver, o tutor a distância é um formador, um educador. Uma pessoa que auxilia na aprendizagem dos alunos, bem como aprende a cada momento.

Quadro 6 - Recorte da “fala” dos tutores.

Fonte: Elaborado pela autora com base na avaliação realizada pela coordenação do Curso em 2009 e 2010.

É pelo discurso que o sujeito materializa a ideologia; o discurso não é o texto em si, mas os sentidos que ele é capaz de mobilizar. Nesse sentido, percebe-se nas sequências discursivas dos sujeitos A, B, C e D o sentimento de ser professor, de reconhecimento do seu trabalho como o trabalho de um docente.

Ao dizer “embora tenhamos um professor para cada disciplina e nós atuemos como tutores”, o sujeito-tutor A remete à tentativa de justificar a sua prática como docente, sem ser designado assim pelo discurso oficial, tentando balizar o lugar que cada sujeito dessa modalidade de ensino deve ocupar. Esse sujeito não nega a presença do professor, mas tem no seu imaginário os saberes constitutivos da docência como seus também.

E, de fato, mesmo que não esteja presente no discurso oficial a palavra “professor”, quando se refere à função de tutor, ao descrever suas atribuições, listam-se ações que remetem à memória do ser professor. Entende-se aqui por *memória* “um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contradiscursos.” (PECHEUX, 1999, p. 56).

O sujeito-tutor B, dizendo que “ambos têm a tarefa de promover o conhecimento”, faz pensar que a tarefa de promover o conhecimento é de todos os

envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (tutor, professor, coordenação de curso, políticas de governo, sociedade). No entanto, ele busca uma aproximação entre as funções de tutor e de professor ao falar que “O tutor durante suas intervenções tem que procurar manter o aluno motivado”, mostrando, assim, que esse comprometimento de promover o conhecimento não é de uma forma geral, mas na ação enquanto professor.

Os sujeitos-tutores, mesmo ao recorrer a palavras diferentes para nomear sua função, terminam designando seu trabalho no movimento onde o sujeito é interpelado pela ideologia “[...] no processo simbólico, o indivíduo, agora sujeito, determina-se pelo modo como, na história, terá sua forma individualizada concreta, pelas instituições.” (ORLANDI, 2007, p. 4).

Acredita-se que esses sujeitos encontram-se num movimento de contra-identificação com a ideologia dominante, onde: “[...] a formação discursiva se constitui na relação como interdiscurso (memória do dizer), representando no dizer as formações ideológicas [...]” (ORLANDI, 1996, p. 21), vivendo num espaço de tensão e regulação entre o que pode ou não ser dito sobre seu trabalho.

De um lado, o discurso oficial que busca silenciar as possibilidades de produção de outros sentidos, considerando-se a partir do contexto capitalista que normatiza legalmente os sujeitos, defendendo sutilmente seus interesses com base na economia. De outro lado, têm-se os profissionais devidamente qualificados, selecionados a partir da sua formação de professor, em grande parte com uma trajetória de experiência na docência, que ocupam um lugar novo no contexto da educação superior. Essa discussão segue no capítulo quatro com a análise do discurso dos sujeitos da pesquisa.

Esses recortes, por seu lado, não são o fato do analista, mas da relação com o material de análise, na detecção dos processos significativos que nele se inscrevem. Uma vez detectado um processo significativo relevante para o tema e o objetivo da pesquisa, ele deve ser procurado ao longo do corpus, pelos recortes. (ORLANDI, 2003, p. 11).

Ainda pontua-se que ao filiar-se à corrente teórica da AD, estabeleceu-se uma relação com o *corpus*, portanto, mesmo buscando um distanciamento e uma neutralidade, esse se apresenta como uma ilusão em que, contraditoriamente, se tenta conter os sentidos do leitor. Assim, passou-se a olhar os sentidos produzidos pelos sujeitos, mobilizando aqui as noções da AD, como base para pensar a constituição das práticas pedagógicas na EAD.

5.1 Práticas Pedagógicas na EAD

“No funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos.”
(ORLANDI, 2000, p. 21).

A EAD vem alterando o cenário do ensino formal da Universidade, sendo possível hoje uma comunicação mediada por computador com pessoas de diversos lugares do mundo, nesse espaço/lugar que se define aqui como *realidade virtual*. Os sujeitos formam comunidades, conversam, compartilham arquivos e interagem com pessoas que têm interesses em comum. Segundo Valente, a utilização do computador como auxiliar da aprendizagem é fundamental, por isso, afirma que “[...] o aprendizado ocorre pelo fato de estar executando uma tarefa por intermédio do computador.” (VALENTE, 1993, p. 8).

Hoje existem outras dinâmicas para ensinar e aprender, mesmo no ensino presencial, pois se passou a utilizar os recursos das tecnologias de informação e comunicação, alterando o antigo cenário. Diante dessas mudanças, vão se estabelecendo outras formas de contato entre alunos, tutores e professores.

A incorporação crescente das novas tecnologias da informação e comunicação aos processos de ensino e aprendizagem vem disseminando as

possibilidades da EAD, podendo romper barreiras culturais, de língua, de espaço geográfico e de tempo. Esse crescimento também mostra as fragilidades e dificuldades dessa modalidade de ensino. Aborda-se aqui o desenvolvimento das práticas pedagógicas dos professores considerando essas diversas possibilidades. Acompanhar a entrada de um docente na EAD e as significações e re-significações produzidas pelas vivências desse profissional representa, nesta pesquisa, presenciar significativas mudanças, tanto no entendimento da EAD como possibilidade de ensino, como a alteração das práticas desenvolvidas no ensino presencial proporcionadas pela atuação na EAD. A seguir, pode-se perceber isso claramente, na “voz” da professora Rebeca ao relatar sua entrada na EAD e o que isso mudou depois de um tempo de trabalho nesse novo cenário:



É preciso que fique claro que, antes de começar a trabalhar com a EAD, tinha o maior descrédito nessa modalidade de ensino. Lembro que, ao retornar à UFSM após um afastamento de quatro anos para o doutorado, encontrei o *boom* da EAD na instituição. **Não tenho a menor vergonha de contar que comecei na EAD por causa da bolsa. No dia que resolvi trabalhar na EAD, cheguei em casa e disse ao meu marido “vendi minha alma”.** A bolsa vinha bem a calhar e eu havia de saber lidar com a problemática dessa modalidade. Sempre acreditei que o contato direto com o aluno, as falas, os silêncios, os movimentos da sala de aula eram imprescindíveis para a aprendizagem. Para mim, “sentir os humores” da turma, os olhares, as interações entre os alunos e destes com o professor, só era possível no ambiente presencial de ensino-aprendizagem. **Hoje percebo que estes humores estão presentes de uma forma ainda mais marcante no cotidiano da EAD.** Através do AVA é possível perceber as interações, as motivações, os silêncios dos alunos de uma forma ainda mais marcante porque está lá registrado. Hoje eu posso, depois de três anos, acessar a primeira disciplina com que trabalhei na EAD e encontrar lá o registro de todos estes movimentos: alunos que foram mais participativos, mais silenciosos, aqueles que repetem o que os colegas falam, sem querer se comprometer, aqueles que fazem só o que o professor pede e aqueles que vão além. **E é perceptível, semestre após semestre, o crescimento destes alunos, principalmente em termos de leitura.** (Professora Rebeca, grifo nosso).

Rebeca apresenta pelo seu relato parte da sua história da EAD, do processo de identificação com a modalidade e com o possível aprendizado dos sujeitos. “Desse modo, quando falamos em sujeito, já está posta a relação língua/sujeito/história.” (ORLANDI, 2011, p. 1). Passar a considerar a EAD como uma possibilidade de educação que foi possível pela sua relação com a “língua/sujeito/história”.

Com tantas mudanças os professores se veem “embaraçados e envoltos em novos dilemas, os professores relutam entre os velhos e os novos modelos/valores que lhes são oferecidos.” (COSTA, 2005, p. 1270). Ainda segundo a autora:

Observa-se, pois, uma valorização tal desse “que-fazer” pedagógico que, sob os ombros dos profissionais da educação, terminaria por pesar uma enorme responsabilidade moral: a de civilizar uma vila, uma coletividade, uma cidade, um estado, um país e, em nossos dias, todo um mundo que inexoravelmente se globaliza. (COSTA, 2005, p. 1265).

Como se percebe, a prática pedagógica “é formada por esquemas subjetivos (relativos aos componentes prático, cognitivo e dinâmico das ações) e por todas as elaborações construídas pelos indivíduos em torno desses componentes.” (SACRISTÁN, 1999, p. 78). As práticas pedagógicas nesse cenário da EAD passam a se materializar mediadas pelas tecnologias digitais, de modo expressivamente complexo, promovendo interações “seja entre usuário e tecnologias digitais ou analógicas, seja nas relações ‘presenciais’ ou ‘virtuais’ entre seres humanos.” (SILVA, 2000, p. 20).

Portanto, parece que as práticas pedagógicas em EAD caminham na direção de ações guiadas pela Pedagogia que, no entendimento de Cambi: “é um saber em transformação [...]” (CAMBI, 1999, p. 642). Entende-se aqui prática pedagógica como:

[...] prática intencional de ensino e de aprendizagem, não reduzida à questão didática ou às metodologias de estudar e de aprender. [...] articulada a uma educação como prática social e ao conhecimento como produção histórica e cultural, datado e situado, numa relação dialética e tensionada entre prática-teoria-prática, conteúdo-forma, sujeitos-saberes-experiências e perspectivas interdisciplinares. (FERNANDES, 2006, p. 447).

Considerando a prática como aplicação das regras ou dos princípios de uma arte ou ciência na sociedade em que se vive, as práticas pedagógicas são realizadas com base nos conhecimentos pedagógicos dos sujeitos envolvidos no contexto educacional. Nesse sentido, os saberes práticos são procedentes “das experiências cotidianas da profissão, contextualizados e adquiridos em situação de trabalho.” (ALTET, 2001, p. 30). Assim, o professor vai se identificando com essa

modalidade educacional, na medida em que passa a trabalhar nela, como podemos perceber no recorte abaixo:



Um aluno do presencial pode passar todo o curso lendo apenas fragmentos e “sobreviver” às disciplinas, concluí-las e se formar com uma quantidade de leitura mínima. Na EAD isso é impossível, o aluno precisa se apropriar das leituras para dar conta das atividades. A exigência também é muito maior, porque ele tem atividades diárias para fazer, tarefas para postar. Enquanto no presencial existem épocas mais intensas de avaliação, o aluno da EAD tem uma avaliação processual, que envolve tanto as atividades semanais do ambiente, quanto a avaliação presencial exigida por lei. **Posso afirmar com certeza que hoje a EAD consome diariamente meu corpo e minha alma. Não mais por causa da bolsa, mas por um ideal de transformá-la numa possibilidade de ensino que não vai substituir o ensino presencial, mas que vai servir de alternativa a todos os que a ela não têm acesso por uma questão de organização do tempo ou de localização geográfica.** (Professora Rebeca, grifo nosso).

A professora Rebeca passa, com o tempo e pela sua vivência na EAD, a acreditar na potencialidade dessa modalidade educativa e também na possibilidade dos sujeitos ensinarem e aprenderem mediados pela tecnologia. Contudo, por essa mesma experiência que a faz acreditar na EAD, percebe a fragmentação e a diferenciação da mesma, não nas possibilidades de ensino e aprendizagem, mas na organização institucional da própria universidade, que ao ofertar cursos a distância ainda não dá conta de garantir os mesmos direitos aos alunos e professores da EAD. Percebe-se isso no recorte a seguir:



Em nossa própria instituição, sinto que caminhamos a passos lentos: não temos representatividade nos conselhos superiores, **existem normas que regulamentam a vida acadêmica dos alunos do presencial e que não funcionam com alunos da EAD.** Assim como existem direitos que precisam ser estendidos aos alunos da EAD. Precisamos de uma normatização interna desta modalidade, no entanto, entendo que enquanto não tivermos representação nos conselhos superiores, isto não acontecerá. A maioria dos conselheiros desconhece o trabalho realizado nesta modalidade. Ou desconhece ou despreza. (Professora Rebeca, grifo nosso).

Acredita-se que as práticas pedagógicas desenvolvidas na Universidade não são somente do professor, são constituídas por ações entrelaçadas dos alunos, dos gestores, da comunidade e da sociedade. Ações essas que nos impedem de pensar o pedagógico separado do político e da política, pois o balizamento normativo da legislação vigente esbarra na prática docente.

Dessa forma, o trabalho desenvolvido na Universidade precisa ser “um verdadeiro labirinto informacional que possibilite uma nova forma de compreender e produzir conhecimento.” (PRETTO, 2008, p. 38). Conhecimento que nos faça refletir assim como a professora Rebeca, pois acreditar na potencialidade da EAD não significa apagar a fragmentação que essa modalidade ainda vive, para perceber além do cumprimento de protocolos e do trabalho por amor.

Ao citar a palavra “amor”, não se nega aqui a possibilidade de produzir sentimentos na/pela profissão docente, mas busca-se um distanciamento do discurso pedagógico que constitui um “dizer institucionalizado, sobre as coisas, que se garante, garantindo a instituição em que se origina e para a qual tende: a escola.” (ORLANDI, 1994, p. 28).

Por conseguinte, o discurso sobre as práticas pedagógicas se constitui no cerne das políticas públicas que pressupõem planejamento e estratégias de ação docente, assim, o fazer pedagógico se constitui em um cenário em que “o docente raramente atua sozinho. Ele se encontra em interação com outras pessoas, a começar pelos alunos.” (TARDIF, 2007, p. 49-50). Na EAD, percebe-se que essa interação vai trazendo mudanças aos sentidos que os profissionais que nela atuam, percebendo-se isso na resposta da Tutora Ana à pergunta: O que você entende por Educação a Distância?



A minha percepção do processo educacional “mediado pela internet” é bem diferente da percepção que tinha em 2009. Quando eu entrei no curso, acreditava que os processos de ensino/aprendizagem eram “inventados”... Como um aluno vai entender, aprender, construir conhecimento a partir do conteúdo exposto no ambiente, das explicações feitas por mensagens, em fóruns, sem um “contato físico”, sem o “olho no olho”?! Achava isso estranho, sinceramente impossível. Entretanto, o discurso era outro... é possível uma formação à distância! E eu, que tinha entrado nessa (faltou palavra), precisa ao menos tentar entender que significava esse discurso. O tempo passou, algumas leituras foram feitas, o trabalho foi sendo desenvolvido com empenho e dedicação, e o retorno dos alunos foi chegando. E a cada retorno percebi, sim, que a educação a distância não é algo que se inventa... é algo que acontece! Depois de divagações, vamos à pergunta/resposta: é aquele processo educacional que se dá por meio de uma tecnologia, onde aluno/professor interagem através de mensagens, fóruns, etc. e juntos conseguem estabelecer processos que culminam (ou não!) na construção/produção de conhecimento. Esqueci de dizer... hoje faço uma capacitação a distância e incentivei a funcionária da escola a prestar vestibular. Se a educação a distância é uma construção, precisamos colaborar. (Tutora Ana).

Ana busca na memória lembranças que remetam à sua história na EAD, pois o início da sua prática docente se deu nessa modalidade educativa. Nesse sentido: “Falar do passado é tentar estabelecer elos com a memória, tentando evitar que essa recuperação da memória se reduza a um acúmulo de informações sobre o passado.” (PETRI, 2006, p. 1). Pode-se evidenciar esse resgate histórico também na “fala” do sujeito-professor a seguir:



Sem dúvida a EAD que eu participo nos modelos que venho buscando produzir com os tutores e acadêmicos que me envolvo se constituem em uma rede de colaboração e produção de saberes. Isso pode ser percebido nos processos de avaliação que vamos fazendo ao longo das disciplinas. A possibilidade do espaço de aprendizagem da EAD é individual e coletivo, cada um pode trazer suas experiências e ser mobilizado pela experiência do outro. Pode identificar em si os movimentos de construção em relação a saberes que vão desde a leitura da realidade até a apropriação de saberes científico-culturais que estão à disposição da formação. Por isso, por mobilizar experiências e por movimentar saberes tanto dos sujeitos como da área de formação, este espaço se constitui de produção de saberes. (Professora Byte).

Qualquer que seja o nível de interação, especialmente o uso de estratégias sugeridas para melhorar a mesma, permite ao professor identificar e atender as necessidades individuais dos alunos, ao mesmo tempo, os ambientes virtuais oferecem recursos tecnológicos para efetivar essa mediação de forma colaborativa, sendo esse um dos fatores fundamentais para o trabalho na EAD. Nesse sentido, a professora Ana Carolina comenta que:



[...] tenho certeza disso, caso não conseguisse estabelecer essa colaboração eu já não estaria mais atuando, pois preciso destes elementos para eu aprender e acredito que todas as pessoas são movidas pelas relações que estabelecem, desta forma, todos os sujeitos, eu, tutoras, estudantes, tutoras presenciais, coordenação, enfim... Somos partes de uma rede e esta só consegue movimento se todos nós estivermos em interação. (Professora Ana Carolina).

Ainda sobre a possibilidade de criar uma rede de colaboração, o professor Antônio, fazendo uma comparação entre o ensino presencial e a distância:

Eu creio que sim. Lamento, entretanto, que nosso modelo não cooperativo, hiperespecializado e fragmentado da atuação na educação presencial seja ainda balizador de muito do que fazemos em outros espaços. Quando vejo, no entanto, os fóruns da DCG na qual estou atuando agora, só posso acreditar que é possível avançar coletiva e solidariamente. Ontem à noite lia



e relia as mais de 400 participações de 2 fóruns e penso que os estudantes - talvez até mais do que nós, professores, têm levado a sério a dica de que um mais um é sempre mais que dois. Acho, sem correr o risco de estar sendo otimista em demasia, que é possível, sim, estabelecer uma rede de colaboração. Digo mais: acho que ela existe, ainda que informalmente, entre alguns de nós que estão mais convencidos do que outros sobre as possibilidades emancipatórias da EAD. Além disso, trabalhar em EAD dá muito trabalho, exige muito tempo. Se isso, de um lado, é um complicador, por outro pode ser visto justamente como razão para pensar um outro estado de coisas, uma outra possibilidade de ação. (Professor Antônio).

Assim, para Moran: "Ensinar com as novas mídias será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos." (2000, p. 70). A adoção das estratégias tecnológicas na EAD exige um repensar na relação professor-aluno e dos meios de comunicação e interação que poderão tanto aproximar as pessoas, como também afastá-las. E ainda uma organização das práticas pedagógicas dos professores e tutores, de forma integrada.



A minha prática pedagógica inicia quando sei qual é a disciplina que irei atuar. Logo procuro o ementário dela, bem como procuro entender qual é o seu objetivo e os conteúdos que devem ser desenvolvidos. Depois inicio a procura de materiais didáticos (textos, artigos, possíveis imagens para a capa da disciplina), e logo entro em contato com a professora da disciplina para passar as ideias que tive. Com o aval dela inicio o processo de construção da disciplina no ambiente virtual, e à medida que vamos tendo os encontros presenciais e via *e-mail* com a equipe da disciplina, ela vai ganhando forma e o seu conteúdo. Tudo é construído coletivamente, e no transcorrer da disciplina tenho que ir dando o retorno do trabalho desenvolvido nos meus pólos para a professora. Esta se faz presente sempre no desenvolvimento das atividades, contribuindo e chamando a atenção para o que carece de maior desenvolvimento ou explicação. (Tutor Lorenzo).

Assim como relata Lorenzo, as práticas pedagógicas vêm sendo pensadas e planejadas em conjunto, compartilhadas entre o professor da disciplina e os tutores que nela atuam. Essa não é a realidade de todas as disciplinas do curso, pois: "A relação entre professor-pesquisador e tutor varia muito." (Tutor Lorenzo). Essa docência virtual compartilhada ainda encontra-se em processo de naturalização entre os sujeitos dessa modalidade de ensino.

A experiência da EAD ainda contribui para o desenvolvimento das práticas

pedagógicas do ensino presencial, como relata o professor Antônio:



Creio que, de modo especial, essa experiência me fez ver o quanto a 'invisibilidade' do aluno da modalidade presencial não pode ser ocultada na EAD. Também creio que minha noção de planejamento precisou ser revigorada não só em termos de detalhamento e previsibilidade, mas também no que se refere a rotas alternativas para a aprendizagem sobre as quais temos que pensar quando preparamos disciplinas em EAD, mas para as quais nem sempre pensamos no presencial. **Tenho usado o Moodle com meus alunos do presencial** e creio que em algumas disciplinas tenho me apresentado, ao mesmo tempo, de maneira melhor estruturada, com um fluxo de informação melhor resolvido e equacionado. Atualmente, estou ministrando uma DCG pensada para a EAD, na qual tenho alunos do presencial. Meus alunos do presencial, apesar de escreverem mais e - em muitos casos - melhor, têm enfrentado dificuldades maiores que as dos alunos de EAD em termos de como gerenciam seu tempo e de como agir de modo mais autônomo. **Essa questão da autonomia está me fazendo repensar questões para o presencial e não tenho dúvida de que isso tem estreita relação com minha vivência na EAD.** (Professor Antônio).

Refletir sobre o movimento de constituição das práticas pedagógicas na EAD, a partir dos sentidos produzidos pelos sujeitos da pesquisa, remete a um processo em construção, um modelo pedagógico que ainda está por vir. A ideia de modelo não representa um único percurso a seguir, mas o início de uma referência a ser avaliada e replanejada.

As relações estabelecidas entre os sujeitos e o espaço/lugar da EAD mobilizam uma passagem da descrença nessa modalidade ao ingressar nesse "novo" trabalho, e com passar do tempo e das vivências os sujeitos se mostram favoráveis à EAD como uma possibilidade de ensino e aprendizagem no Ensino Superior. Trazendo ainda um desconforto com a normatização que vem sendo aplicada nesse cenário.

Ainda que esses sujeitos se mostrem favoráveis com as possibilidades pedagógicas da EAD, permanece a dúvida de como amenizar o impasse da utilização dos recursos digitais e sua relação com as produções de sentidos, nas quais: "[...] as relações sociais e a língua (produção de sentido) não está, pois, na questão de incluir-se ou excluir-se, mas no fato de que ela tem se apresentado como mais um componente do que no marxismo se chama de processo de alienação." (ORLANDI, 2011, p. 10). O grande desafio da busca de superação dessa alienação

frente à realidade virtual seria: “[...] propiciar este espaço politicamente significado para que este sujeito possa se relacionar com a história, o político, o simbólico e a ideologia, quando pensamos a relação desse sujeito com essa forma material da língua.” (ORLANDI, 2011, p. 10).

5.2 Políticas Públicas

A política ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo.
(RANCIÈRE, 2005, p. 16-17)

Para pensar as questões do funcionamento político, recorre-se ao pensamento de Jacques Rancière, considerando-se que a sua contribuição teórica permite aprofundar a noção de político na perspectiva da AD. Segundo o autor: “O que constitui o caráter político de uma ação não é seu objeto ou o lugar onde é exercida, mas unicamente sua forma, a que inscreve a averiguação da igualdade na instituição de um litígio, de uma comunidade que existe apenas pela divisão.” (RANCIÈRE, 1996, p.44). Orlandi (2011) completa dizendo que:

O político para quem trabalha com linguagem está no fato de que os sentidos são divididos, não são os mesmos para todo mundo, embora “pareçam” os mesmos. E esta partição tem a ver com o fato de que vivemos em uma sociedade dividida. Uma sociedade que é estruturada pela divisão e por relações de poder que significam estas divisões, em relações dissimétricas, irreversíveis como tal. Os sujeitos, uma vez que passam por processos de individua(liza)ção, ocuparão enquanto indivíduos sua posição na sociedade, estabelecendo seus laços sociais. São eles também sujeitos divididos em seus processos de individua(liza)ção. (ORLANDI, 2011, p. 6).

Orlandi e Rancière destacam o político como constitutivo de uma partilha/divisão, e estas se referem à participação dos que não têm parte em um movimento de subjetivação, sendo esta “a produção, por uma série de atos, de uma instância e de uma capacidade de enunciação que não eram identificáveis num campo de experiência dado, cuja identificação caminha a par com a reconfiguração

do campo da experiência.” (RANCIÈRE, 1996, p. 47).

Jacques Rancière (1996), na obra “O Desentendimento”, afirma, sobre o sujeito político, que este não é um grupo que “toma consciência” de si. É um operador que junta e separa as capacidades existentes na configuração da experiência dada, quer dizer, no nó entre as divisões da ordem policial e o que nelas já se inscreveu como igualdade. Descrevendo o exemplo de uma greve de operários para explicar o funcionamento de um ato político, o autor explica que: “O ato político da greve é constituir a relação entre essas coisas que não têm relação, é fazer ver junto. Isso implica numa série de deslocamentos na ordem, revelando a contradição de duas lógicas.” (RANCIÈRE, 1996, p. 52).

No cenário estudado, as políticas públicas são entendidas como mecanismos de regulação das práticas pedagógicas, balizando as ações dos sujeitos, tendendo muito mais para o que Rancière conceitua como polícia:

A polícia não é, para mim, o poder sobre os corpos, e sim a configuração da comunidade como totalidade orgânica, definida de maneira exaustiva por suas funções, seus lugares e suas identidades. A política, ao contrário, é a configuração da comunidade que abre essa totalidade, que faz intervir sujeitos suplementares que não são partes do corpo social, mas formas de subjetivação de um litígio. (RANCIÈRE, 2005, p. 2).

A ordem policial faz parte da ordem política, que só existe na medida em que os sujeitos se subjetivam, numa ordem natural de dominação interrompida pela instituição de uma parte daqueles não têm parte nenhuma (RANCIÈRE, 2007). Nesse sentido, a professora Rejane Arce Vargas⁴² explica que:

[...] política reinstaura o político, mas não é determinante deste, tampouco um pode ser tomado pelo outro, uma vez que o político é o que constitui as práticas de sentido, a própria formação de uma sociedade. Podemos dizer ainda que o político subjaz como constitutivo de quaisquer produções de sentido, pois diz respeito à organização das sociedades e tudo que se diz sobre esse real de divisões vivenciado é irremediavelmente construído pela/na linguagem. (VARGAS, 2011, p. 81).

⁴² Rejane Arce Vargas é Doutora em Letras/Estudos Linguísticos pela UFSM. Atualmente, é leitora de Língua Portuguesa na *Université de Franche-Comté, Besançon* (França). Principais temas com os quais trabalha: discursos em circulação, subjetividades contemporâneas, designação, laços sociais, filiação de sentidos, memória.

A criação de uma legislação específica para a EAD não configura uma ordem política, mas sim as ações imediatistas que, mesmo não dando conta de todas as especificidades apresentadas até o momento pela modalidade, passam por um processo de naturalização da desigualdade.

É a lógica do funcionamento dos Estados como instâncias de administração, e dos sistemas midiáticos: trocar a política pela identificação de problemas que precisam ser solucionados. Se não é o conflito que é motor, o motor é uma espécie de patologia da vida política que a administração se propõe a remediar. É o modo de funcionamento do Estado moderno. (RANCIÉRE, 2010, p. 132).

O conjunto de normas e regras que compõem as condições de produção dos discursos dos sujeitos da EAD nos remete à política, sendo: “a gestão dos assuntos comuns como conjunto de problemas que remetem aos cuidados da gente competente, em oposição à política como exercício da capacidade comum de todos.” (RANCIÉRE, 2005, p. 29). No recorte a seguir temos a descrição, por parte de um dos sujeitos da pesquisa, de como os assuntos que remetem à gestão da EAD vem funcionando:



Penso que está faltando: regulamentação na forma de contratação, pois o que tenho visto e sentido é um desrespeito em relação àqueles que estão trabalhando com a EAD. Com os bolsistas percebo (no lugar que tenho trabalhado, o Curso de Pedagogia) um alto comprometimento com o processo de formação tanto de professores como de tutores, no entanto, estes não estão sendo respeitados em alguns aspectos: não se tem as condições de trabalho necessárias. Nós, bolsistas, recebemos quando o MEC quer; não se tem planejamento de pagamento e o MEC desconsidera o planejamento e as necessidades de vida destes bolsistas, pois os bolsistas podem trabalhar por ‘amor’, mas isso é trabalho e é aquilo que garante a sobrevivência de muitos deles. Falo isso porque penso viver em uma ação de EAD, que é o Curso de Pedagogia, que tem uma estrutura e organização pedagógica, bem como um movimento metodológico interessante e comprometido com a formação; no entanto, já tive a possibilidade de avaliar outras experiências que não são tão comprometidas assim. Por isso, penso que seria necessário um sistema de regulação e de avaliação nacional mais eficiente. (Professora Byte).

Os mesmos sujeitos que relatam sobre sua história na EAD, contando as mudanças que aconteceram nas suas práticas pedagógicas e na sua visão sobre essa modalidade, mostram no seu discurso uma insatisfação sobre a normatização dessa mesma EAD. Nesse sentido, considera-se que: “O político compreendido

discursivamente significa que o sentido é sempre dividido, sendo que esta divisão tem uma direção que não é indiferente às injunções das relações de força que derivam da forma da sociedade na história.” (ORLANDI, 1998, p. 2).

O funcionamento da EAD é mantido por um sistema de bolsa para pesquisa e não por uma remuneração pelo trabalho prestado, inserindo a prática discursiva dos sujeitos “[...] no complexo contraditório-desigual-sobre-determinado [...]” (PÊCHEUX, 1988, p. 213), que todo discurso ocupa pelas condições históricas e sociais onde são produzidos e produzem sentido.

Jacques Rancière considera que “[...] a polícia não define uma instituição de poder, mas um princípio de partilha do sensível, no interior da qual podem ser definidas as estratégias e as técnicas do poder [...]” (RANCIÈRE, 2005, p. 78). Nesse interior, encontra-se a ordem policial da EAD, buscando mecanismos de controle e regulação dos sentidos produzidos pelos sujeitos que atuam nesse cenário. Como, por exemplo, a mudança nos critérios de seleção dos bolsistas da UAB, que ocorreu pelos Ofícios Circulares 20/2011, de 15 de dezembro de 2011 e 21/2011 de 16 de dezembro de 2011. As alterações preveem que os profissionais selecionados atendam às seguintes recomendações:

a) Possuir formação na área da disciplina ou do curso em que atuam, garantindo assim a qualidade da formação em nível superior oferecida no âmbito do Sistema UAB; b) Estar vinculado ao setor público ou ser aluno de programa de pós-graduação de IES pública ou possuir outro tipo de vínculo com a IES de atuação, como, por exemplo, ser professor voluntário, assistente ou similar. [...] A determinação de que os tutores do Sistema UAB tenham vínculo com o setor público em procedência da recomendação da Consultoria Jurídica do Ministério da Educação que, por sua vez, atende a determinações dos de controle do Governo Federal. (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DO NÍVEL SUPERIOR, 2011, p. 1).

Essas alterações favorecem a quem? Melhoram as condições de atuação desses profissionais como? Foram criadas para garantir uma EAD com mais qualidade? A resposta para esses questionamentos pode ser encontrada no próprio ofício circular, onde diz: “Essa determinação visa evitar que a questão do vínculo do tutor no Sistema UAB não seja objeto de problemas judiciais futuros.” (COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DO NÍVEL SUPERIOR, 2011, p. 2).

Essa normatização remete à ordem policial da sociedade, buscando conter os sentidos dos sujeitos que vem se mobilizando para alterar essa desigualdade, contudo, assim como o professor Nelson Pretto, acredita-se que nesse contexto globalizado cada vez mais “[...] a discussão política esvaziou-se, porque tudo tem que ser rápido. Na prática, aderiu-se à lógica da organização Mundial do Comércio e de todas as demais políticas planetárias.” (PRETTO, 2010, p. 289).



Entendo que os professores efetivos da instituição deveriam ser responsáveis também por esta modalidade, mas existe um mundo de interesses neste sentido (muitos professores não concordam com a modalidade, outros dizem que o concurso não estava direcionado a esta modalidade...). (Professora Ana Carolina).

Ana Carolina, ao descrever sua interpretação sobre o pensamento dos professores que estão na universidade, apresenta a ausência de unidade no que se refere à modalidade a distância, que sofre, assim, além do preconceito externo, a falta de credibilidade dos profissionais que atuam no lócus onde se produz a EAD. Outro fator presente na trajetória da EAD é a movimentação para sua institucionalização, presente na “fala” da professora Rebeca:



Preocupa-me também a tendência, cada vez mais clara, em se tratando de UAB, do financiamento dos cursos acabarem. Não sei até que ponto as pessoas que trabalham com EAD o fazem por acreditarem nesta modalidade de ensino, ou pelo auxílio que recebem em forma de bolsa. Temo que o final das bolsas traga uma grande crise nos cursos oferecido pela UAB nas instituições espalhadas pelo Brasil todo. **Em nossa própria instituição, sinto que caminhamos a passos lentos: não temos representatividade nos conselhos superiores, existem normas que regulamentam a vida acadêmica dos alunos do presencial e que não funcionam com alunos da EAD.** (Professora Rebeca, grifo nosso).

Rebeca descreve a diferença que existe entre a modalidade de ensino a distância e presencial: o diploma no final do curso em ambas as modalidades é igual, mas tanto o trabalho dos professores da EAD, como a gestão administrativa/pedagógica é diferente, e não é uma diferença que surge própria das especificidades dessa modalidade. Mesmo ao considerar que todo novo processo passa por diferentes estágios de implementação e adaptação, contando do ano da sua criação legal, a EAD tem hoje cinco anos de existência, tempo razoável para um

re-planejamento e re-organização do funcionamento dessa modalidade nas universidades públicas. Outra questão a ser pensada sobre o funcionamento da EAD pode ser lida abaixo na “fala” da Tutora Bianca:



Eu percebo que não adianta também elaborar políticas para dar possibilidades de ter um curso superior às pessoas, se depois essas pessoas não têm lugar no mercado de trabalho, porque aí vamos ter um “depósito” de pessoas com diploma sem lugar no mercado de trabalho, então as políticas precisam olhar para essa realidade depois. Quanto ao pagamento, acredito que esse é um aspecto que deveria ser levado mais a sério, pois o atraso nas bolsas é impressionante, diria até um descaso com os profissionais que se dedicam para esse trabalho que não é nada fácil, exige tempo e organização. Também acredito que a bolsa poderia ser de um valor um pouco maior, porque dependendo a disciplina a gente faz o trabalho por três pessoas muitas vezes, como por exemplo, no semestre passado eu trabalhei com três disciplinas e foi o semestre mais “tenebroso”, achei que não pude dar atenção necessária a nenhuma das disciplinas o suficiente, devida a grande carga de trabalho. (Tutora Bianca).

O pensamento de Bianca remete às contradições das políticas públicas, pois político que regula a EAD transcende “as boas intenções” das políticas públicas, gerando contradições que em longo prazo não atendem aos objetivos que se propõem. Os sujeitos que estão à margem da história, como aqueles que não têm, não se “esforçam”, não podem... Ganham o “direito” de ingressar no Ensino Superior, ao terminar o curso contribuem para o aumento dos números de formandos do país, das metas de governo, da demanda do capital e continuam vivendo à margem, sendo parte dos que não tem parte, compondo assim uma partilha do sensível. “A partilha do sensível faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço que essa atividade se exerce.” (RANCIÉRE, 2009, p. 16).

Contradição é a palavra que nesse estudo remete ao pedagógico, que é político, normatizado pela polícia e sem uma movimentação política. Os docentes da EAD vivem num movimento de construção e desconstrução de metodologias/didáticas/fundamentos para ensinar e aprender com/pelas tecnologias. No mesmo tempo/lugar/espaço que veem como fruto do seu trabalho/esforço contribuir para a tão falada “educação de qualidade”, deles é negado ganho de remuneração/reconhecimento que está presente na trajetória da maioria dos outros profissionais.

Ficam mais questionamentos do que respostas ao pensar: Como oferecer um

ensino de qualidade sem as condições mínimas para isso? O que fazer com essa “indignação” dos sujeitos causada pela normatização da EAD segundo as políticas públicas?

5.3 Tutor é professor?

*“Alterar o nome é alterar os sentidos?”
(PETRI, 2009, p. 4).*

Muito tem se discutido na rede hoje sobre a seguinte questão: o tutor é ou não é professor? Primeiro tem-se que considerar o que se entende por ser professor, o que caracteriza o exercício da docência, como ela está organizada no cenário do Ensino Superior.

Para seguir a reflexão, elencaram-se alguns conceitos que definem a constituição do docente e as suas práticas. Aqui nos filiamos à produção dos pesquisadores que compõem a RIES⁴³, Rede Sul brasileira de Investigadores da Educação Superior, considerando seu tempo de pesquisa e produção na área da docência do Ensino Superior.

Entende-se a docência como um processo complexo, pois envolve diferentes saberes, lugares, tempos e sujeitos. Nesse sentido, busca-se no pensamento de Cunha, a constituição da docência ao expressar que:

O professor ensina a partir de sua experiência enquanto aluno, inspirado em seus antigos professores. [...] alicerça-se nas práticas historicamente construídas, delineando representações da profissão de professor que se estabelecem no senso comum. É um processo bastante presente na docência universitária, já que o professor desse nível de ensino, não tendo, geralmente, formação profissional para o magistério, tende a repetir práticas naturalizadas na sua cultura. (CUNHA, 2006, p. 363).

⁴³ “RIES – Rede Sul brasileira de Investigadores da Educação Superior – Núcleo de Excelência em Ciência, Tecnologia e Inovação CNPq/FAPERGS: trabalho coletivo baseado na pesquisa e no ensino que vem sendo realizado por um grupo de professores - investigadores de diferentes instituições de Ensino Superior do Rio Grande do Sul [...] que se dedicam ao estudo da Educação Superior. Notas: A RIES iniciou em 1998 e entre seus projetos destaca-se a configuração da Educação Superior como área de produção de pesquisa e de ensino nas instituições de Ensino Superior, consolidado pela Enciclopédia de Pedagogia Universitária.” (MOROSINI, 2009, p. 48).

Na EAD depara-se com uma nova questão, a docência em espaços/lugares virtuais ainda não conta com práticas historicamente construídas e ainda não se apresenta como uma prática naturalizada pela cultura presente no cenário universitário hoje. Mesmo com a expansão da EAD, grande parte dos docentes ao iniciar o seu trabalho nesse novo cenário está frente a um grande desafio. Mesmo sendo um novo cenário, considera-se que esse espaço/lugar se apresenta como uma oportunidade capaz de gerar uma nova aprendizagem docente, pois esta:

[...] ocorre no espaço de articulação entre modos de ensinar e aprender, em que os atores do espaço educativo superior intercambiam essas funções, tendo por entorno o conhecimento profissional compartilhado e a aprendizagem colaborativa. Não é possível falar-se em um aprender generalizado de ser professor, mas entendê-lo a partir do contexto de cada docente no qual são consideradas suas trajetórias de formação e a atividade formativa para a qual se direcionam. (ISAIA, 2006, p. 377).

O fazer pedagógico do professor vai se constituindo em um cenário em que “[...] o docente raramente atua sozinho. Ele se encontra em interação com outras pessoas, a começar pelos alunos.” (TARDIF, 2002, p. 49-50). Nesse sentido, pela interação ele vai construindo enquanto professor, organizando e re-organizando as suas práticas pedagógicas a partir da sua trajetória, das suas vivências.

Após as considerações sobre a docência, vê-se como o tutor vem sendo conceituado nos documentos legais, que regulam a EAD no Brasil. A primeira vez que o termo tutor apareceu na legislação brasileira, no que se refere à UAB, foi no Edital de Seleção n.º 01/2005-SEED/MEC, de 16 de dezembro de 2005, definindo assim:

3.1.10 Tutor a distância: orientador acadêmico com formação superior adequada que será responsável pelo atendimento dos estudantes via meios tecnológicos de comunicação (telefone, *e-mail*, teleconferência, etc.); e
3.1.11 Tutor presencial: orientador acadêmico com formação superior adequada que será responsável pelo atendimento dos estudantes nos pólos municipais de apoio presencial. (BRASIL, 2005 p.1).

O Decreto n.º 5.622, de 19 de dezembro de 2006, que regulamenta o art. 80 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, aborda no capítulo IV, Art. 26, que as Instituições credenciadas, mediante comprovação da avaliação do MEC, podem realizar

atividades específicas, como: “seleção e capacitação dos professores e tutores.” (BRASIL, 2006).

O termo *tutor* também aparece diversas vezes nos Referenciais de Qualidade para a Educação a Distância, publicados pela primeira vez oficialmente pelo MEC em 2003, com sua última versão em 2007, sofrendo algumas alterações e tendo seu início em 1996, como podemos acompanhar na figura abaixo:

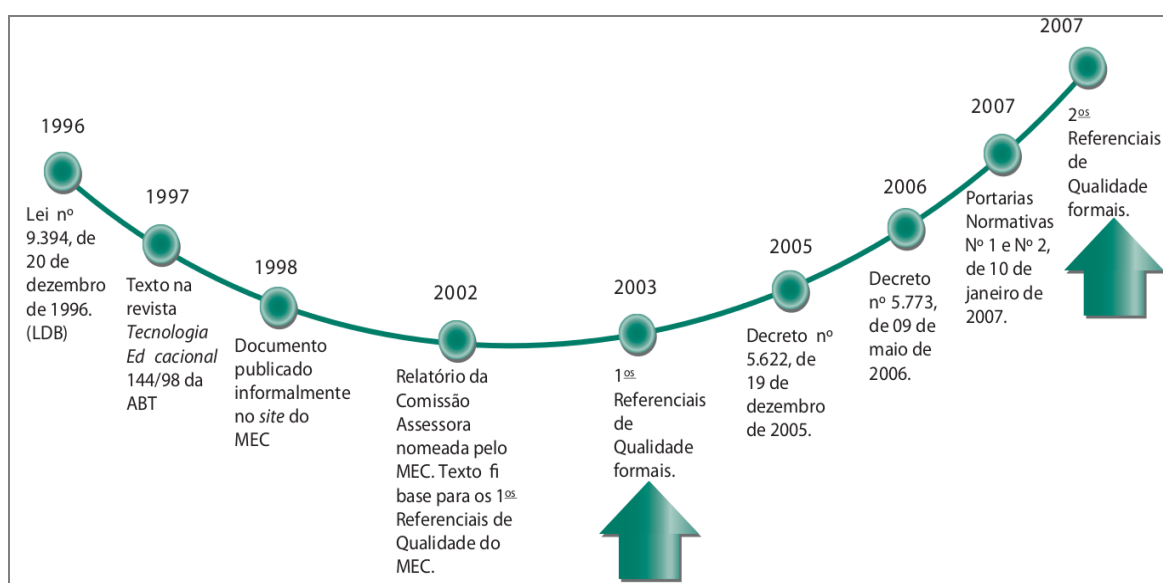


Figura 11: Linha do tempo dos Referenciais de Qualidade .

Fonte: Silva (2009, p. 149.).

Os Referenciais de Qualidade para a Educação a Distância não compõem a legislação específica para EAD, mas:

Todavia, mesmo sem tomar para si um caráter normativo, podemos encontrar, no Decreto n.º 5.622, de 19 de dezembro de 2005, além da menção a critérios que aparecem nesses referenciais, uma menção específica aos referenciais de qualidade no Art. 7, parágrafo único, transcrito a seguir:

Parágrafo único. Os atos do Poder Público, citados nos incisos I e II, deverão ser pautados pelos **Referenciais de Qualidade para a Educação a Distância**, definidos pelo Ministério da Educação, em colaboração com os sistemas de ensino.

Na Portaria Normativa n.º 2, de 10 de janeiro de 2007, os Referenciais de Qualidade são mencionados nos artigos 1, §2º, e 2º, §4º, conforme transcrição abaixo:

Art. 1. §2º O pedido de credenciamento para EAD será instruído com os documentos necessários à comprovação da existência de estrutura física e tecnológica e recursos humanos adequados e suficientes à oferta da educação superior a distância, conforme os requisitos fixados pelo Decreto

n.º 5.622, de 2005 e os **referenciais de qualidade próprios** (grifos nossos).

Art. 2. [...] §4º O pedido de aditamento será instruído com documentos que comprovem a existência de estrutura física e recursos humanos necessários e adequados ao funcionamento dos pólos, **observados os referenciais de qualidade**, além do comprovante de recolhimento da taxa de avaliação in loco, no art. 1o, §4o (grifos nossos). (SILVA, 2009, p. 149, grifo nosso).

Considerando, assim, a importância dada aos Referenciais de Qualidade para a Educação pela legislação vigente, destaca-se que a palavra *tutor* aparece citada diversas vezes, onde somente na página onze do documento encontra-se a palavra *tutor* associada a professor, da seguinte forma: “a interação entre professor-estudante, tutor-estudante e **professor-tutor** deve ser privilegiada e garantida, a relação entre colegas de curso também necessita de ser fomentada” (BRASIL, 2007, p. 11, grifo nosso). O documento descreve cada uma das funções dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem da EAD, detalhando o papel do corpo de tutores nos cursos superiores, considerando que:

O tutor deve ser compreendido como um dos sujeitos que participa ativamente da prática pedagógica. Suas atividades desenvolvidas a distância e/ou presencialmente devem contribuir para o desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem e para o acompanhamento e avaliação do projeto pedagógico. (BRASIL, 2007, p. 21).

Considerando ainda as características dos tutores presenciais e a distância, quando “ressalta-se que o domínio do conteúdo é imprescindível.” (BRASIL, 2007, p. 22).

A contratação do tutor, assim como do professor no âmbito da UAB, se efetiva mediante um termo de compromisso de bolsista, caracterizando a remuneração desses profissionais como uma bolsa de pesquisa. As atribuições desses profissionais estão especificadas no Anexo I da Resolução CD/FNDE n.º 26, de 5 de junho de 2009, modificada pela Resolução n.º 8, de 30 de abril de 2010, que altera os incisos I a V do art. 9, o § 1.º do art. 10 e o item 2.4 do Anexo I da Resolução do FNDE n.º 26/2009, que estabelece orientações e diretrizes para o pagamento de bolsas de estudo e de pesquisa a participantes da preparação e execução dos cursos dos programas de formação superior, inicial e continuada no âmbito do Sistema da UAB.

A Resolução do FNDE n.º 8/2010, no que se refere às atribuições dos bolsistas altera somente as especificações do professor, separando essa função em professor pesquisador e professor pesquisador conteudista. As atribuições do tutor permanecem ainda conforme o Anexo I da Resolução do FNDE n.º 26/2009 (Mais informações no Anexo I). As atribuições desses profissionais com as devidas alterações podem ser visualizadas no quadro abaixo.:

Professor Pesquisador	Professor Pesquisador Conteudista	Tutor
<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver as atividades docentes na capacitação de coordenadores, professores e tutores mediante o uso dos recursos e metodologia previstos no plano de capacitação; - Participar das atividades de docência das disciplinas curriculares do curso; - Participar de grupo de trabalho para o desenvolvimento de metodologia na modalidade a distância; - Participar e/ou atuar nas atividades de capacitação desenvolvidas na Instituição de Ensino; - Coordenar as atividades acadêmicas dos tutores atuantes em disciplinas ou conteúdos sob sua coordenação; - Desenvolver o sistema de avaliação de alunos, mediante o uso dos recursos e metodologia previstos no plano de curso; - Apresentar ao coordenador de curso, ao final da disciplina ofertada, relatório do desempenho dos estudantes e do desenvolvimento da disciplina; - Desenvolver, em colaboração com o coordenador de curso, a metodologia de avaliação do aluno; - Desenvolver pesquisa de acompanhamento das atividades de ensino desenvolvidas nos cursos na modalidade a distância; - Elaborar relatórios semestrais sobre as atividades de ensino no âmbito de suas atribuições, para encaminhamento à DED/CAPES/MEC, ou quando solicitado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Elaborar e entregar os conteúdos dos módulos desenvolvidos ao longo do curso no prazo determinado; - Adequar conteúdos, materiais didáticos, mídias e bibliografia utilizados para o desenvolvimento do curso à linguagem da modalidade a distância - Realizar a revisão de linguagem do material didático desenvolvido para a modalidade a distância; - Adequar e disponibilizar, para o coordenador de curso, o material didático nas diversas mídias; - Participar e/ou atuar nas atividades de capacitação desenvolvidas na Instituição de Ensino; - Participar de grupo de trabalho para focar a produção de materiais didáticos para a modalidade a distância. - Desenvolver pesquisa de acompanhamento das atividades de ensino desenvolvidas nos cursos na modalidade a distância; - Elaborar relatórios semestrais no âmbito de suas atribuições, para encaminhamento à DED/CAPES/MEC, ou quando solicitado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mediar a comunicação de conteúdos entre o professor e os cursistas; - Acompanhar as atividades discentes, conforme o cronograma do curso; - Apoiar o professor da disciplina no desenvolvimento das atividades docentes; - Manter regularidade de acesso ao AVA e dar retorno às solicitações do cursista no prazo máximo de 24 horas; - Estabelecer contato permanente com os alunos e mediar as atividades discentes; - Colaborar com a coordenação do curso na avaliação dos estudantes; - Participar das atividades de capacitação e atualização promovidas pela Instituição de Ensino; - Elaborar relatórios mensais de acompanhamento dos alunos e encaminhar à coordenação de tutoria; - Participar do processo de avaliação da disciplina sob orientação do professor responsável; - Apoiar operacionalmente a coordenação do curso nas atividades presenciais nos polos, em especial na aplicação de avaliações.

Figura 12: Atribuições dos bolsistas.

Fonte: Elaborado pela autora com base nos anexos da Resolução CD/FNDE n.º 8/2010.

A Resolução do FNDE n.º 8/2010 ainda trata das atribuições do profissional que pode ser selecionado para atuar como tutor no âmbito da UAB, como se pode ver a seguir:

VI - Tutor: profissional selecionado pelas IPES vinculadas ao Sistema UAB para o exercício das atividades típicas de tutoria, sendo exigida formação de nível superior e experiência mínima de 1 (um) ano no magistério do ensino básico ou superior, ou ter formação pós-graduada, ou estar vinculado a programa de pós-graduação. O valor da bolsa a ser concedida é de R\$ 765,00 (setecentos e sessenta e cinco reais) mensais, enquanto exercer a função. Cabe às IPES determinar, nos processos seletivos de tutoria, as atividades a serem desenvolvidas para a execução dos Projetos Pedagógicos, de acordo com as especificidades das áreas e dos cursos. (BRASIL, 2010).

Ressalta-se aqui que os tutores do Curso de Pedagogia EAD/UFSM/UAB têm sua formação de nível superior em Pedagogia ou outra Licenciatura, sendo que esses profissionais possuem a habilitação para docência antes de exercer a função de tutor.

O trabalho do tutor também está presente no Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação – Bacharelados, Licenciaturas e Cursos Superiores de Tecnologia (presencial e a distância) do MEC, sendo um dos itens de avaliação a tutoria a distância, com as seguintes atribuições:

O tutor a distância atua a partir da instituição mediando o processo pedagógico junto a estudantes geograficamente distantes e referenciado aos polos de apoio presencial. São atribuições do tutor a distância: esclarecimento de dúvidas através fóruns de discussão pela Internet, pelo telefone, participação em videoconferências; promover espaços de construção coletiva de conhecimento, selecionar material de apoio e sustentação teórica aos conteúdos; participar dos processos avaliativos de ensino-aprendizagem. (BRASIL, 2011, p. 25).

Além da legislação que regula a UAB, têm-se ações isoladas, onde está presente o termo *tutor*, realizadas por alguns estados como no Rio Grande do Sul pela Portaria n.º 4.059, de 10 de dezembro de 2004 determinando, em seu Art. 1º, que: “As instituições de ensino superior poderão introduzir, na organização pedagógica e curricular de seus cursos superiores reconhecidos, a oferta de disciplinas integrantes do currículo que utilizem modalidade semi-presencial [...]”. Definindo claramente o perfil do profissional a exercer a função de tutor:

Parágrafo único. Para os fins desta Portaria, **entende-se que a tutoria das disciplinas ofertadas na modalidade semi-presencial implica na existência de docentes qualificados** em nível compatível ao previsto no projeto pedagógico do curso, com carga horária específica para os momentos presenciais e os momentos a distância. (RIO GRANDE DO SUL, 2004, p. 1, grifo nosso).

Outro exemplo vem do Conselho Estadual de Educação (CEE) do Estado do Rio de Janeiro pela Deliberação CEE n.º 297, de 04 de julho de 2006, que estabelece normas para o credenciamento de instituições e autorização de cursos e programas de Educação a Distância na Educação de Jovens e Adultos, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Profissional Técnica de Nível Médio, para o Sistema Estadual de Ensino do Rio de Janeiro. Citando em seu capítulo IV, Art. 20 que: O quadro técnico e pedagógico para o funcionamento de cursos e programas distância autorizados deverá ser composto: [...] IV - **de Tutores, que terão que ser professores.** (CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, 2006, p. 6, grifo nosso).

Pode-se identificar até aqui como a palavra *tutor* vem sendo designada na legislação brasileira, sendo a designação “uma construção permanente dos acontecimentos de linguagem.” (GUIMARÃES, 2005, p. 89). Nesse sentido, passamos a ver como os sujeitos da pesquisa vêm se relacionando com essa designação. Considerando ainda que a palavra *tutor* represente aqui um:

[...] visível já-nomeado (na língua e na história) que passa pelo processo de nomeação/renomeação, o que não traz em seu bojo nenhuma garantia de ressignificação, o que foi, certamente, suposto, no e pelo discurso oficial que altera o nome, e que aguarda para se efetivar. (PETRI, 2009, p. 75-76).

Assim, esse novo profissional designado *tutor*, para além do seu trabalho efetivo, ao assumir a posição sujeito-tutor, movimenta seus sentidos na busca de uma identificação com esse entre-lugar que vem ocupando.

Águia, na citação abaixo, ao relatar sobre a sua atuação como tutora, faz uma retomada das ações que caracterizam o trabalho do professor, e após afirmar que seu trabalho é de professor, se retrata, argumentando que seu pensamento é controverso. Está funcionando aí a produção de sentidos sobre o “acontecimento” quando: “Não é o sujeito que nomeia ou refere, nem a expressão, mas o acontecimento, exatamente porque ele constitui seu próprio passado.” (GUIMARÃES, 2005, p. 42).



Acredito que o tutor na EAD é a pessoa que procura aproximar as disciplinas e os conteúdos estudados da realidade, sugerindo, instigando, compreendendo, discordando, problematizando o aluno para que o mesmo construa seu próprio saber. **É o professor de plantão**; é o amigo e apoio em todos os momentos. Ele quem conduz o aluno no ambiente virtual, que orienta e mediatiza a aprendizagem. Acredito que existam muitas controvérsias em relação a esse conceito meu, assim sinto enquanto tutora, assim procuro me portar. (Tutora Águia, grifo nosso).

Ao remeter-se ao trabalho de professor, a Tutora Águia destaca que não é simplesmente o professor, mas o professor de plantão, quando o não dito remete à atuação de outro tipo de professor nesse mesmo espaço. Percebe-se uma diferenciação do trabalho desses dois sujeitos tutor/professor no fragmento abaixo:



Ser tutor hoje, depois de quatro anos praticamente, é “a alma do negócio” em grosseiras palavras, ou seja, vejo que o trabalho em EAD, digo a equipe nesse caso, é como se fosse um trem: os professores são os maquinistas, depois vem os professores pesquisadores e depois os tutores, só que veja bem, os tutores não são meros vagões um atrás do outro, separados! Não! Os maquinistas vão nos dizer onde temos que ir, mas quem vai conduzir o trem na verdade são os pesquisadores e os tutores, porque somos nós que conhecemos cada aluno, a maneira como cada turma se organiza na sua dinâmica de trabalho, e acaba que todos da equipe trabalhando junto e conduzindo o trem, sem ter o vagão mais importante, ou achar que o primeiro vagão (dos maquinistas) é o chefe! Pelo menos é assim que vejo que deveria ser! (Tutora Bianca).

A autorização para dizer como funciona o trabalho na EAD para a tutora Bianca se justifica pelo tempo de atuação, colocando em funcionamento o sentimento de pertencimento a um lugar pelo seu discurso, que segundo Orlandi: “[...] pode ser definido como um processo social cuja especificidade está no tipo de materialidade de sua base.” (ORLANDI, 1996, p. 146). O sentido de pertencimento a um lugar se materializa pela língua. Nesse aspecto, reporta-se novamente a Orlandi (1996) quando diz: “já que a língua constitui o lugar material em que se realizam os efeitos de sentido. Daí decorre que a forma da interpretação.” (ORLANDI, 1996, p. 147).

Tem-se até agora os sentidos produzidos por dois sujeitos-tutores que atuam há quatro anos na EAD. Abaixo se vê os sentidos produzidos sobre o trabalho do tutor, de um professor do Curso de Pedagogia EAD/UFSM/UAB, ao descrever seu entendimento sobre esse profissional.

Penso que a função de tutor é a de professor. Tutoria é docência e precisa ser encarada como tal e valorizada consoantemente. Penso que sem nossos tutores a UAB (aqui e em outros espaços) estaria tão fragilizada e, talvez, inviabilizada. Na minha relação com tutores tenho visto que muitas vezes não tem sido possível estabelecer uma relação tão respeitosa e mutuamente benéfica como caberia. Creio que essa relação ainda é muito hierarquizada e assimétrica, mas não há, a rigor, nenhum imperativo de que assim tenha que ser. Como mencionei antes, creio que minha primeira experiência de interação com tutores foi mais dialogada do que as que tenho hoje, em parte, talvez, pela celeridade dos processos de organização e implementação das disciplinas. Temos tutoras e tutores muito qualificados e que são, em muitos casos, mais sintonizados com os pilares conceituais da EAD do que os próprios pesquisadores que têm as disciplinas ao seu encargo, sem falar na questão da fluência tecnológica, que muitas vezes é elemento diferencial na organização de atividades e objetos de aprendizagem mais propensos a traduzir as concepções pedagógicas dos professores nas disciplinas que ministram. (Professor Antônio, grifo nosso).



O lugar de onde o sujeito professor fala é outro; de um lado quem ocupa o lugar em questão, de outro quem vivencia esse novo processo de docência. Considerar o tutor como professor abre espaço para que se pense o trabalho do professor de forma compartilhada, no qual as ações da docência acontecem ora separadas, ora juntas, num movimento de entrelaçamento.

Para pensar essas questões, buscou-se a seguir os sentidos produzidos por um sujeito-tutor que passou a ocupar a posição sujeito-professor nesse mesmo contexto do Curso de Pedagogia EAD/UFSM/UAB.

O que mudou significativamente foi o grau de responsabilidade de uma prática para a outra. Pois, na função de tutor você tem o professor, que se pode dividir a responsabilidade de uma disciplina. Certamente configura-se em práticas diferentes, pois como tutor você tem como responsabilidade acompanhar o processo de aprendizagem dos alunos, estimulá-los a realizar as atividades propostas; acompanhar os trabalhos o desenvolvimento individual dos alunos e registrá-lo adequadamente; avaliar a aprendizagem dos alunos, comentar os trabalhos e esclarecer as possíveis dúvidas dos alunos. Já na função de professor você passa a elaborar e organizar o material para as disciplinas. Elaborar sistemas de avaliação dos alunos mediante o uso dos recursos disponíveis na plataforma Moodle. Corrigir as avaliações, bem como a correção das mesmas, a entrega de notas nas datas previstas, e coordenar o trabalho com os colegas que são tutores em busca de alcançar os objetivos propostos na disciplina, etc. (Professora Antonia, grifo nosso).



Ao passar de uma posição a outra os sentidos mudam, mas, mesmo que a posição sujeito-professor represente um lugar constituído de longa data historicamente, o “ser tutor” nos remete a ações específicas e bem definidas nesse

cenário e remetidas diretamente às práticas pedagógicas intrínsecas da docência. Assim: “O que se vê aí é como os movimentos designativos; ressignificam constantemente o real, que não está como o empírico, mas como identificado pelo simbólico, que inclui necessariamente o político.” (GUIMARÃES, 2005, p. 89). Ao tratar do político Orlandi lembra que:

[...] não há controle “pessoal” ou “coletivo” dos processos e da história de que sujeitos e sentidos participam. O que há é a aparência de controle e de certeza dos sentidos porque as práticas sócio-históricas são regidas pelo imaginário, que é político. (ORLANDI, 1993, p. 7).

Assim, essa aparência de controle foge ao instituído pela legislação na/pela linguagem ao designar o tutor no cenário da EAD, pois:

A designação é o que poderia chamar de significação de um nome, mas não enquanto algo abstrato. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história. (GUIMARÃES, 2005, p. 9).

Na sua relação com a história, as práticas pedagógicas referentes à EAD no âmbito da UAB se apresentam como uma história do tempo presente, ainda em processo de significação pelos sujeitos que ocupam esse lugar/espço.

Ao pensar os conceitos sobre a docência e ao entrecruzar as referências da legislação e os sentidos produzidos pelos sujeitos sobre ser professor e a posição sujeito-tutor, tem-se uma situação recente que funciona numa constante mobilidade. Nesse cenário analisado trabalham professores, com designações diferentes, mas também com práticas diferentes, que mesmo quando se misturam não se confundem. Assim, professor na EAD é professor e tutor na EAD também é professor, mas ambos com práticas muito diferentes das que configuram um professor do ensino presencial.

Entende-se que essas duas maneiras de ser professor se complementam, sendo de grande responsabilidade para ambos, pois tão importante quanto planejar e organizar o trabalho pedagógico, elaborar avaliações e lançar notas é o trabalho de garantir a comunicação, acompanhar a aprendizagem dos alunos, promoverem espaços de diálogo e interação, dentre tantas outras práticas pedagógicas realizadas por esses profissionais. Sendo uma dependente da outra e as duas de

igual importância para a garantia do funcionamento da EAD no âmbito da UAB e para a promoção da aprendizagem dos estudantes.

Contudo, ainda tem a questão referente à forma de contratação e remuneração desses profissionais. Tanto professor quanto tutor são submetidos a uma forma de trabalho desigual se comparados aos outros profissionais da educação. Mesmo o professor da EAD recebendo mais do que o tutor, ainda assim este não tem nenhum vínculo empregatício nem plano de carreira; o que ocorre é que esse profissional, em geral, já faz parte do corpo docente da universidade, garantindo assim as condições mínimas de trabalho. Já o tutor, além de receber um valor inferior no curso em questão, em geral faz parte da Educação Básica.

Mesmo que a insatisfação exista por parte do tutor no que se refere à contratação de remuneração no âmbito da UAB, receber esse valor para trabalhar em casa, nos parece um “ganho” se comparado que este recebe praticamente o mesmo valor para sair de casa e passar as mesmas vinte horas atendendo uma turma de alunos, muitas vezes com condições precárias de trabalho.

Não se concorda em nenhum momento com o sistema de contratação e remuneração assim como se apresenta hoje pela EAD no âmbito da UAB, muito menos com a comparação feita no parágrafo acima. Mas não se pode omitir essa realidade presenciada tanto nesse trabalho dissertativo quanto na pesquisa.

Retomando a questão do tutor, finaliza-se este capítulo pensando que a legislação, ao negar a designação de professor ao tutor, não apaga os sentidos produzidos tanto por esse profissional como pelo próprio sujeito designado professor. Assim, um não substitui o outro, pois ainda que os dois exerçam de fato a docência, esta se caracteriza como uma **docência virtual compartilhada**.

Pode parecer um tanto romântico, mas voltar a ter ânimo de professor para um profissional deveras esquecido pelas políticas públicas, vai fazer diferença para aquele aluno que mora tão distante e se faz tão presente na vida do professor e dos colegas da EAD. Aluno esse que consegue um estágio ao longo do seu curso, um trabalho, que tem por meio dessa mesma EAD que ainda apresenta tantas falhas, o direito à formatura, com toga, flores e todas as homenagens que tem o aluno do presencial.

A EAD tem falhas, sim, assim como o ensino presencial as tem, não as mesmas, outras tantas que paulatinamente vão se modificando. Assim, tanto uma quanto a outra modalidade com as suas distintas características ficam nos entre - lugares dos sentidos produzidos pelos sujeitos, do discurso oficial e da realidade vivida.

Ao ser construído o referencial teórico sobre a temática da docência no ensino superior e das práticas pedagógicas na modalidade Educação a Distância, considerando as políticas públicas e legislação decorrentes deste tema, deparou-se com uma história fragmentada. Tentativas de criação de uma legislação que levaram anos para frutificar, nascendo provida de iniciativa das estatais, que organizadas deram início à UAB em 2005/2006, e não mobilização política da sociedade.

Uma história de contradições, com a ausência de muitos nomes próprios e tantos outros protagonistas e coadjuvantes que lutaram pela EAD como possibilidade de ensino no Brasil. Com a presença constante de soluções imediatistas que não dão conta das suas especificidades em longo prazo.

Ainda assim, uma história que atravessa os sentidos dos sujeitos nela envolvidos, marcada pela autorrealização e pelo tão sonhado diploma de Ensino Superior, direito de todos e possibilidade de alguns, que vem conquistando o acesso a uma educação (no caso do curso pesquisado) de qualidade com a contratação dos profissionais e condições de trabalho desqualificada.

Professores e tutores organizam suas práticas pedagógicas na modalidade de Educação a Distância em regime de colaboração e cooperação, não só dividindo as ações de planejamento e execução que envolve as práticas pedagógicas, mas percorrendo caminhos para uma efetiva docência virtual compartilhada.

O trabalho dos professores da EAD, aqui conceituado como docência virtual

compartilhada, se caracteriza pela complexa e específica atuação no cenário da EAD, mesclando os encontros presenciais e a ocupação de um lugar/espço virtual, a divisão e o entrecruzamento das tarefas, a avaliação e o replanejamento constante.

Ao analisar as correlações e diferenciações estabelecidas pelos sujeitos da pesquisa entre a posição sujeito-professor e tutor na modalidade de Educação a Distância, observa-se que no discurso oficial temos um professor que é tutor; pelo discurso dos sujeitos temos um tutor que é professor; ser professor é uma condição para ser tutor, desempenhar ações de professor constitui o trabalho tutor. O tutor não deixa de ser professor ao ocupar a posição sujeito-tutor, também não deixa de ter ações docentes ao desenvolver seu trabalho na EAD. A contradição consiste no discurso oficial negar ao tutor a designação de professor ao atuar como tutor.

Dessa forma, a partir do questionamento principal dessa pesquisa: Quais os sentidos produzidos no discurso de professores e tutores sobre a constituição das suas práticas pedagógicas na modalidade de Educação a Distância? Pode-se dizer que: Os sentidos produzidos no discurso de professores e tutores sobre a constituição das suas práticas pedagógicas na modalidade de Ensino a Distância apresentam-se em um entre-lugar, onde a EAD, assim como pesquisada e apresentada nesta dissertação, passa por um processo de naturalização, tanto das suas possibilidades, quanto da conquista de um reconhecimento entre as modalidades educacionais existentes. Com filiações ideológicas marcadas pela lei do capital em contradição com a oferta de uma educação humana e de qualidade atravessam o discurso dos sujeitos, que mantêm a necessária ilusão de prever os sentidos e continuar sendo/estando professor na EAD.

A constituição das práticas pedagógicas na EAD apontam para a possibilidade da movimentação de novas práticas sociais, onde os sujeitos envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem professores/tutores/alunos durante o desenvolvimento do curso se deparam com novas possibilidades de comunicação e interação mediadas pela internet. Destaca-se que durante o processo pesquisado/vivido a primeira oferta (com ingresso em 2008) do Curso de Pedagogia EAD/UFSM/EAD resultou na formação de nove turmas, onde tanto as transformações ocorridas nas práticas de tutores e professores como visto no

discursos produzidos por eles, como o resultado de uma primeira etapa do projeto do Curso pesquisado acenam para a constituição de sujeitos mais autônomos e participativos, capazes de transformar a realidade que estão inseridos.

Considera-se que a EAD não é um fator isolado, tem problemas que são recorrentes das suas especificidades, mas, ainda sim, se inserem no complexo ecossistema educacional, refletindo uma problemática histórica de luta e falta de reconhecimento dos profissionais dessa área.

A crescente inserção de diversas tecnologias não garante uma educação moderna e de “qualidade”, novas tecnologias não são sinônimos de novas práticas pedagógicas, que superem o cenário particionado que tem sido uma constante na EAD. Se o investimento em recursos tecnológicos não acompanhar o investimento nos sujeitos como planejadores e desenvolvedores da EAD, os computadores de última geração continuarão sendo usados de uma forma minimalista, com o mesmo papel das antigas máquinas de escrever.

Ao finalizar essa etapa, ainda permanece o desejo de continuar pesquisando o movimento de aprendizagem e os efeitos de sentido que a inserção das tecnologias provoca nos sujeitos da educação. Num cenário onde o que movimenta a educação são sujeitos, e não máquinas.

REFERÊNCIAS



ALTET, M. As competências dos professores profissionais: entre conhecimentos, esquemas de ação e adaptação, saber analisar. In: PERRENOUD, Ph.; PAQUAY, L.; ALTET, M.; CHARLIER, E. (Orgs.). **Formando professores profissionais**. Quais estratégias? Quais competências? 2. ed. revista. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado: notas para uma investigação. In: ZIZEK, S. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1966.

ALTHUSSER, Luis. **Aparelhos ideológicos de estado**. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BELLONI, M. L. **Educação a Distância**. Campinas: Autores Associados, 1999.

BRASIL. Lei no 5.692/71, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Camara dos Deputados**. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/MontarIntegra.asp?CodTeor=136683>. Acesso em 20 de abril de 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura - MEC. Secretaria de Educação a Distância. Referenciais de qualidade para cursos a distância. **Ministério da Educação**. 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12777%3Areferenciais-de-qualidade-para-

[ead&catid=193%3Aseed-educacao-a-distancia&Itemid=865](#). Acesso em 20 de abril de 2011.

BRASIL. LDB. Lei nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Ministério da Educação**. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php> Acesso em 20 de abril de 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – MEC. Secretaria de Educação a Distância. Edital nº. 1, de 16 de dezembro de 2005. Chamada pública para seleção de polos municipais de apoio presencial e de cursos superiores de instituições federais de ensino superior na modalidade de educação a distância para o “Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB”. **Universidade Aberta do Brasil**. 2005. Disponível em: http://uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=section&id=4&Itemid=22>. Acesso em: 31 ago. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – MEC. Lei nº. 11.273, de 6 de fevereiro de 2006. Autoriza a concessão de bolsas de estudo e de pesquisa a participantes de programas de formação inicial e continuada de professores para a educação básica. **Universidade Aberta do Brasil**. 2006. Disponível em: http://uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=section&id=4&Itemid=22>. Acesso em: 31 ago. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – MEC. Lei nº. 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. **Ministério da Educação**. 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php> Acesso em 20 de abril de 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – MEC. Lei nº. 8.405, de 9 de janeiro de 1992. Autoriza o Poder Executivo a instituir como fundação pública a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e dá outras providências. **Universidade Aberta do Brasil**. 1992. Disponível em: http://uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=section&id=4&Itemid=22>. Acesso em: 31 ago. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – MEC. Portaria nº. 79, de 14 de abril de 2010. institui o Fórum Nacional de Coordenadores e Coordenadores Adjuntos do Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB. **Universidade Aberta do Brasil**. 2010. Disponível em: http://uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=section&id=4&Itemid=22>. Acesso em: 31 ago. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – MEC. Decreto nº. 5.622 de 19 de Dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Universidade Aberta do Brasil**. 2005. Disponível em: http://uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=section&id=4&Itemid=22>. Acesso em: 31 ago. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – MEC. Decreto nº. 5.800, de 08 de Junho de 2006. Dispõe sobre o Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB. **Universidade Aberta do Brasil**. 2006. Disponível em: <http://uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=section&id=4&Itemid=22>. Acesso em: 31 ago. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – MEC. Lei nº. 11.502, de 11 de julho de 2007. Modifica as competências e a estrutura organizacional da fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. **Universidade Aberta do Brasil**. 2007. Disponível em: <http://uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=section&id=4&Itemid=22>. Acesso em: 31 ago. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – MEC. Resolução CD/FNDE nº. 26, de 5 de junho de 2009. Estabelece orientações e diretrizes para o pagamento de bolsas de estudo e de pesquisa a participantes da preparação e execução dos cursos dos programas de formação superior, inicial e continuada no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), a serem pagas pelo FNDE a partir do exercício de 2009. **Universidade Aberta do Brasil**. 20109. Disponível em: <http://uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=section&id=4&Itemid=22>. Acesso em: 31 ago. 2011.

BRASIL. Lei nº 11.502, de 11 de julho de 2007. Modifica as competências e a estrutura organizacional da fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, de que trata a Lei no 8.405, de 9 de janeiro de 1992; e altera as Leis nos 8.405, de 9 de janeiro de 1992, e 11.273, de 6 de fevereiro de 2006, que autoriza a concessão de bolsas de estudo e de pesquisa a participantes de programas de formação inicial e continuada de professores para a educação básica. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 12 jul. 2007a. Disponível em: <http://portal.in.gov.br/page_leitura_jornais>. Acesso em: 31 ago. 2011.

BRASIL. Decreto nº 6.316, de 20 de dezembro de 2007. Aprova o Estatuto e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 21 dez. 2007b. Disponível em: <http://portal.in.gov.br/page_leitura_jornais>. Acesso em: 31 ago. 2011.

BRASIL. Decreto nº 6.316, de 20 de dezembro de 2007. Aprova o Estatuto e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 21 dez. 2007b. Disponível em: <http://portal.in.gov.br/page_leitura_jornais>. Acesso em: 31 ago. 2011.

BRASIL. Projeto de Lei n.º 962/1972. Dispõe sobre frequência livre em cursos de nível universitário. **Camara dos Deputados**. 1972. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=185157>. Acesso em 21 de junho de 2011.

BRASIL. Projeto de Lei 1878/1974. Institui a universidade aberta. **Camara dos Deputados**. 1974. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=197217>. Acesso em 21 de junho de 2011.

BRASIL. Projeto de Lei 3700/1977. Institui a universidade aberta. In: **Camara dos Deputados**. 1977. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=215148>. Acesso em 21 de junho de 2011.

BRASIL. Projeto de Lei 1751/1983. Autoriza o poder executivo a instituir, na educação brasileira, o sistema de "universidade aberta". **Camara dos Deputados**. 1983. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=195773>. Acesso em 21 de junho de 2011.

BRASIL. Projeto de Lei 8571/1986. Autoriza o uso da designação 'universidade aberta' a instituição que indica e da outras providencias. **Camara dos Deputados**. 1986. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=233117>. Acesso em 21 de junho de 2011.

BRASIL. Projeto de Lei 203/1987. Dispõe sobre a criação da universidade nacional de ensino a distancia. **Camara dos Deputados**. 1987. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=173090>. Acesso em 21 de junho de 2011.

BRASIL. Projeto de Lei 4592/1990. Dispõe sobre a universidade aberta do brasil e da outras providencias. **Camara dos Deputados**. 1990. <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=222781>. Acesso em 21 de junho de 2011.

BRASIL. Projeto de Lei 4625/1994. Autoriza o poder executivo a criar a universidade aberta do brasil, e da outras providencias. **Camara dos Deputados**. 1994. <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=223056>. Acesso em 21 de junho de 2011.

BAGÃO, Germano. **Teorias do ensino a distância**. Disponível em: <http://www.prof2000.pt/users/gbagao/teoriasead.htm>. Acesso em: 20 de junho de 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura - MEC. Secretaria de Educação a Distância. **Portal da Universidade Aberta do Brasil**. Disponível em: <http://uab.capes.gov.br>. Acesso em 27 de abril de 2010.

BRUNO, Adriana da Rocha. A docência e a tutoria: inquietações emergentes no cenário dos cursos de Pedagogia do Sistema UAB. In: **I Fórum de Coordenadores do Curso de Pedagogia** – Sistema UAB. Cuiabá – UFMT – 18 e 19 de mar. de 2010.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

CARVALHO, A. B. **A educação a distância e a formação de professores na perspectiva dos estudos culturais**. 2009. 220f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, 2009.

CECHIN, A. C.; NOGUEIRA, V. N. Curso de pedagogia a distância da UFSM: caminhos percorridos pela gestão de tutoria. In: **Anais do VIII encontro de pesquisa em Educação da Região Sul**. Londrina, 2010.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. Diretoria de Educação a Distância. **Sistematizações das reuniões das áreas**. CAPES: Brasília, 2009.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE SUPERIOR. **Ata do Fórum da Área da Pedagogia**. CAPES: Brasília, 2010.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Ofício Circular 21/2011**, de 16 de dezembro de 2011. CAPES: Brasília, 2011.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Ofício Circular 20/2011**, de 15 de dezembro de 2011. CAPES: Brasília, 2011.

COSTA, S. S. G. De fardos que podem acompanhar a atividade docente ou de como o mestre pode devir burro (ou camelo). **Educação e Sociedade**. Campinas, v.26, n.93, set./dez. 2005.

CUNHA, M. I. Verbetes. In: CUNHA, M. I.; ISAIA, S. **Professor da Educação Superior. Universitária** – Glossário- vol. 2. Brasília/ INEP, 2006.

ESTEVE, J.M. Mudanças sociais e função docente. In: Nóvoa, A. (org.). **Profissão Professor**. Porto, Porto Editora, 1991.

FERNANDES, C. Currículo e prática pedagógica da educação superior. In:

MOROSINI, M. (Ed.). **Enciclopédia de pedagogia universitária**: glossário. Brasília, v. 2, 2006.

FIORENTINI, L. M. R. Aprender e ensinar com tecnologias, a distância e/ou em ambiente virtual de aprendizagem. In: FIORENTINI, L. M.R.; SOUZA, A. M. R.; MILITÃO, M, A. (orgs.). **Educação superior a distância**: Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede (CTAR). Faculdade de Educação-UnB - UAB, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia** - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIMENO SACRISTAN, J. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

GREGOLIN, M. R. V.. Análise do Discurso: Lugar de Enfrentamentos Teóricos. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B.C.(Orgs). **Teorias Linguísticas**: problemáticas contemporâneas. Uberlândia: EDUFU, 2003.

HOLMBERG, B. **Theory and practice of distance education**. 2nd revised edition. London and New York: Routledge, 1995.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza (Coleção questões da nossa época) - 6 ed. São Paulo: Cortez: 2006.

INDURSKY, F. **A análise do discurso e sua inserção no campo das ciências da linguagem**. In: Cadernos do IL. nº 20. Porto Alegre, UFRGS, Instituto de Letras, dez. / 1998.

ISAIA, S. Verbetes. In: CUNHA, M. I.; ISAIA, S. **Professor da Educação Superior. Universitária** – Glossário- vol. 2. Brasília/ INEP, 2006.

KRAMER, E. A. W. C. et al. **Educação à Distância**: da teoria à prática. Porto Alegre: Alternativa, 1999.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LOBO NETO, Francisco José da Silveira. Regulamentação da Educação a Distância: caminhos e descaminhos. In: Silva, M. (Org.). **Educação on-line**. 02 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006,

MACIEL, A. M. R. A geratividade docente na educação superior e os movimentos (trans) formativos para o desenvolvimento profissional. In: ISAIA, S.; BOLZAN, D. (Org.). **Pedagogia universitária: desenvolvimento profissional docente**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

MACIEL, A. M. R. **Formação na docência universitária?** Realidade e possibilidades a partir do contexto da Universidade de Cruz Alta. Campinas, UNICAMP, 2000. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, 2000.

MACIEL, A. M. R. O processo formativo do professor no ensino superior: em busca de uma ambiência (trans) formativa. in: ISAIA, S. M. A.; BOLZAN, D. P. V. ; MACIEL, A. M. R. (Orgs.). **Pedagogia Universitária: tecendo redes sobre a educação superior**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009.

MAIA, C.; MATTAR, J. **ABC da EAD: a educação a distância hoje**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MAGALHÃES, M. A. B., OLIVEIRA, J. B. A. **Pós-graduação à distância: uma alternativa viável**. Rio de Janeiro: ABT, 1985.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da Análise do Discurso**. Belo Horizonte, BH: Editora UFMG, 1998.

MENEZES, E. T.; SANTOS, T. H. "Projeto Minerva" (verbete). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível em: <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=291>. Acesso em 27 de abril de 2010.

MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. **Educação a Distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thompson, 2007.

MORAN, J. M. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/innov.htm>. Acesso em: 15 de maio 2009.

NOGUEIRA, V. N. A linguagem escrita na educação a distância: possibilidades de comunicação e constituição do sujeito/aluno. In: **Anais do XV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**, 2010, Belo Horizonte, 2010.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. **Os professores e sua formação. Lisboa - Portugal : Dom Quixote, 1992.**

_____. **Professor se forma na escola.** Revista Nova Escola. São Paulo: Abril, n. 142. Maio, 2001.

ORLANDI, Eni Orlandi (Org.). **Discurso Fundador** – A formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes, 1993.

_____. **Discurso e Leitura.** São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Discurso e argumentação: um observatório do político.** In: Fórum Linguístico, Florianópolis: n. 1 (73-81), jul-dez, 1998.

_____. **O que é lingüística.** São Paulo. Brasiliense, 2003.

_____. **Língua e conhecimento linguístico:** para uma história das idéias no Brasil. São Paulo, S.P.: Cortez Editora, 2002.

_____. **Interpretação** - autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4a. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas, SP: Pontes, 1999.

_____. **A questão do assujeitamento:** um caso de determinação histórica. ComCiência. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, v. 89, 2007.

_____. Língua, Comunidade e Relações sociais no espaço digital . In: DIAS, C. P. (Org.). **e-urbano: sentidos do espaço urbano/digital.** 1. ed. Campinas: Labeurb, 2011.

PETERS, O. **A Educação a Distância em Transição:** tendências e desafios. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. (org.). **O papel da memória.** Campinas, Pontes, 1999.

_____. **Análise Automática do Discurso.** In GADET, Françoise & HAK, Tony. Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: EDUCAMP, 1998.

PETRI, V. **Michel Pêcheux e a teoria do discurso nos anos 60**. In: Semana Acadêmica de Letras da UFSM, 2006, Santa Maria. Disponível em: www.ufsm.br/corpus/txts_profes/Verli_expressao.pdf. Acesso em 20 de maio de 2009.

_____. **Algumas reflexões sobre o sujeito nos estudos da linguagem**. Língua e Instrumentos Lingüísticos, São Paulo, v. 1, n. 13/14, p. 65-74, 2004.

_____. De "garganta do diabo" para "ponte sobre o vale do menino Deus": reflexões acerca das práticas sociais e dos modos de designar o espaço público . **Revista RUA** [online]. n. 16. Volume 1, 2010.

PIMENTEL, N. M. **Introdução à educação a distância**. Florianópolis: SEAD/UFSC, 2006.

PRETI, O. **Educação a Distância: Uma Prática Educativa Mediadora e Mediatizada**. Cuiabá: UFMG, 1996.

PRETTO, N. L. **Escritos sobre Educação, Comunicação e Cultura**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2008.

_____. Professores universitários em rede: um jeito hacker de ser. In: Dalben; Â. I. L. F. (org). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**: políticas e práticas educacionais. Belo Horizonte: Autêntica,

PORTAL DA UAB. **Universidade Aberta do Brasil**. 2011. Disponível em: <<http://uab.capes.gov.br/index.php>>. Acesso em: 31 ago. 2011. 2010.

RANCIERE, Jacques. **O Desentendimento**. Editora 34, 1996.

_____. Entrevista. In: NATERCIA, Flávia. Em nome do dissenso, filósofo francês redefine termos e conceitos na arte e na política. **Revista Ciência e Cultura**. v. 57, n. 4. Campinas. SP: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, 2005.

_____. As Desventuras do Pensamento Crítico. In: AGAMBEN, G.; MARRAMAO, G ; RANCIÈRE, J.; SLOTERDIJK,. P. **Crítica do contemporâneo - Política**. Portugal: Fundação Serralves, 2008.

_____. **A Partilha do Sensível**. estética e política.Ed. 34, 2009.

_____. A associação entre arte e política. In: Dossiê Ética, Estética e Política. **Urdimento** - Revista de Estudos em Artes Cênicas. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Teatro. Vol 1, n.15 (Out 2010).

Florianópolis: UDESC/CEART, 2010.

SACRISTAN, J. G. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SARTURI, R. C.; NOGUEIRA, V. N. **Relação entre as tecnologias de informação e comunicação e a prática educativa na educação a distância**. In: Anais do XV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Belo Horizonte, 2010.

SILVA, Fátima C. N. da. A evolução dos Referenciais de Qualidade para a EAD. In: SANCHES, Fábio (org). **Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância** . AbraEAD, 2008.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

SP-STUDIO. **Help**. Disponível em: Disponível em: <http://www.sp-studio.de/>. Acesso em: 20 de julho de 2011.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2007

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, CENTRO DE EDUCAÇÃO. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia a Distância**. Santa Maria: PROGRAD, 2006.

VALENTE, José Armando. **Diferentes usos do computador na educação**. In: Valente, J.A. (org.) Computadores e Conhecimento: Repensando a Educação. Campinas, SP. Gráfica da UNICAMP, 1993.

VALENTE, L.; MOREIRA, P.; DIAS, P.; MOODLE: moda, mania ou inovação na formação? ALVES, L.; BARROS, D.; OKADA, A. **MOODLE: Estratégias Pedagógicas e Estudos de Caso**. Salvador: EDUNEB, 2009.

VARGAS, Rejane Maria Arce. **Designação e dessignificação: a filiação de sentidos na fraseologia contemporânea** . 2011. Tese (Doutorado em Letras/Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

ANEXOS

Anexo A - Formulário de cadastramento de bolsistas da UFSM

Ficha de Cadastramento / Termo de Compromisso do Bolsista (*) Campos Obrigatórios			
Data do cadastramento *			
Nome da Instituição ao qual esta vinculado (SIGLA + NOME) *			
Tipo do Curso ao qual esta vinculado *		() Aperfeiçoamento () Bacharelado () Lato Sensu () Licenciatura () Extensão () Sequencial () Tecnólogo () Mestrado () Doutorado	
Nome do Curso ao qual esta vinculado *			
Função no Programa- Tipo de Bolsa *		PROFESSOR PESQUISADOR	
Número do CPF *			
Nome Completo *			
Profissão *			
Sexo *		M	F
Data de Nascimento *			
Nº documento de identificação *		Tipo documento de identificação *	
Data de Emissão do documento *		Órgão Expedidor do documento *	
Unidade Federativa Nascimento *		Município Local Nascimento *	
Estado Civil *		Solteiro (a) Divorciado (a)	Casado (a) Viúvo (a)
		Separado (a) União Estável	
Nome cônjuge			
Nome do Pai			
Nome da Mãe *			
Endereço para Contato			
Endereço Residencial *			
Complemento do endereço			
Número	Bairro	CEP *	
Unidade Federativa *		Município *	
Código DDD *	Telefone de contato *	Telefone celular *	
E-mail de contato *			
Dados da Formação em Nível Superior			
Área do último Curso Superior Concluído *			
Último curso de titulação *			
Nome da Instituição de Titulação *			
Informações Bancárias			
Banco		001 – BANCO DO BRASIL	
Agência Preferencial - Sem dígito verificador *			
ÓRGÃO RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA			
Denominação DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA		Sigla DED/CAPES	
Endereço SBN Quadra 02 Bloco L Lote 6, 8º andar - CEP: 70040 -020, Brasília – DF		Representante Legal (nome, cargo) Celso José da Costa – Diretor de Educação a Distância - DED/CAPES/MEC	

Atribuições do Bolsista

- Desenvolver as atividades docentes na capacitação de coordenadores, professores e tutores mediante o uso dos recursos e metodologia previstos no plano de capacitação;
- Participar das atividades de docência das disciplinas curriculares do curso;
- Participar de grupo de trabalho para o desenvolvimento de metodologia na modalidade a distância;
- Participar e/ou atuar nas atividades de capacitação desenvolvidas na Instituição de Ensino;
- Coordenar as atividades acadêmicas dos tutores atuantes em disciplinas ou conteúdos sob sua coordenação;
- Desenvolver o sistema de avaliação de alunos, mediante o uso dos recursos e metodologia previstos no plano de curso;
- Apresentar ao coordenador de curso, ao final da disciplina ofertada, relatório do desempenho dos estudantes e do desenvolvimento da disciplina;
- Desenvolver, em colaboração com o coordenador de curso, a metodologia de avaliação do aluno;
- Desenvolver pesquisa de acompanhamento das atividades de ensino desenvolvidas nos cursos na modalidade a distância;
- Elaborar relatórios semestrais sobre as atividades de ensino no âmbito de suas atribuições, para encaminhamento à DED/CAPES/ MEC, ou quando solicitado.

Declaração

Declaro ter ciência dos direitos e das obrigações inerentes à qualidade de bolsista na função de PROFESSOR PESQUISADOR e nesse sentido, COMPROMETO-ME a respeitar as cláusulas descritas nas atribuições do bolsista deste Termo de Compromisso.

Declaro, ainda, sob as penas da lei, que as informações prestadas são a expressão da verdade e que preencho plenamente os requisitos expressos na Lei 11.273/ 2006 e da Lei 11.502/2007, para o recebimento da bolsa e que o recebimento da referida bolsa não constituirá acúmulo de bolsa de estudo ou pesquisa conforme disposto no artigo 1º inciso III da lei 11.273/2006 exceto os casos disciplinados pela portaria conjunta CAPES/CNPQ Número 01 de dezembro de 2007 e:

A opção 1 ou 2 deverá ser assinalada de acordo com os requisitos preenchidos.

1 - () PROFESSOR PESQUISADOR I

Que tenho 3 anos ou mais de experiência no magistério superior.

OU

2 - () PROFESSOR PESQUISADOR II

() Que tenho ___ ano(s) de experiência no ensino _____ ; e/ou

() Vínculo a programa de pós-graduação de mestrado ou doutorado ; e/ou

() Formação pós-graduada de mestrado ou doutorado.

Estou ciente, também, que a inobservância dos requisitos citados acima implicará(ão) no cancelamento da(s) bolsa(s), com a restituição integral e imediata dos recursos, de acordo com as regras prevista na Resolução FNDE/CD nº 26 de 06 de junho de 2009 com redação atualizada pela resolução FNDE/CD nº 8 de 30 de abril de 2010.

_____, ____/____/____.

Local

Data

Assinatura do Bolsista

Assinatura do Coordenador UAB da IPES

Ficha de Cadastramento / Termo de Compromisso do Bolsista (*) Campos Obrigatórios			
Data do cadastramento *			
Nome da Instituição ao qual esta vinculado (SIGLA + NOME) *			
Tipo do Curso ao qual esta vinculado *		<input type="checkbox"/> Aperfeiçoamento <input type="checkbox"/> Bacharelado <input type="checkbox"/> Lato Sensu <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Licenciatura <input type="checkbox"/> Extensão <input type="checkbox"/> Seqüencial <input type="checkbox"/> Tecnólogo <input type="checkbox"/> Mestrado <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Doutorado	
Nome do Curso ao qual esta vinculado *			
Função no Programa- Tipo de Bolsa *		PROFESSOR PESQUISADOR	
Número do CPF *			
Nome Completo *			
Profissão *			
Sexo *		M F	Data de Nascimento *
Nº documento de identificação *		Tipo documento de identificação *	
Data de Emissão do documento *		Órgão Expedidor do documento *	
Unidade Federativa Nascimento *		Município Local Nascimento *	
Estado Civil *		Solteiro (a) Divorciado (a) Estável	Casado (a) Viúvo (a)
		Separado (a) União	
Nome cônjuge			
Nome do Pai			
Nome da Mãe *			
Endereço para Contato			
Endereço Residencial *			
Complemento do endereço			
Número	Bairro	CEP *	
Unidade Federativa *	Município *		
Código DDD *	Telefone de contato *	Telefone celular *	
E-mail de contato *			
Dados da Formação em Nível Superior			
Área do último Curso Superior Concluído *			
Último curso de titulação *			
Nome da Instituição de Titulação *			
Informações Bancárias			
Banco		001 – BANCO DO BRASIL	
Agência Preferencial - Sem dígito verificador *			
ÓRGÃO RESPONSÁVEL PELO PROGRAMA			
Denominação DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA		Sigla DED/CAPES	

Endereço SBN Quadra 02 Bloco L Lote 6, 8º andar - CEP: 70040 -020, Brasília – DF	Representante Legal (nome, cargo) Celso José da Costa – Diretor de Educação a Distância - DED/CAPES/MEC
---	---

Atribuições do Bolsista <p style="text-align: center;">A opção 1 ou 2 deverá ser assinalada de acordo com a função a ser exercida.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mediar a comunicação de conteúdos entre o professor e os cursistas; • Acompanhar as atividades discentes, conforme o cronograma do curso; • Apoiar o professor da disciplina no desenvolvimento das atividades docentes; • Estabelecer contato permanente com os alunos e mediar às atividades discentes; • Colaborar com a coordenação do curso na avaliação dos estudantes; • Participar das atividades de capacitação e atualização promovidas pela Instituição de Ensino; • Elaborar relatórios mensais de acompanhamento dos alunos e encaminhar à coordenação de tutoria; • Participar do processo de avaliação da disciplina sob orientação do professor responsável; <p>1 – () Tutor a Distância Manter regularidade de acesso ao AVA e dar retorno às solicitações do cursista no prazo máximo de 24 horas;</p> <p>2 – () Tutor Presencial Apoiar operacionalmente a coordenação do curso nas atividades presenciais nos polos, em especial na aplicação de avaliações.</p>


Declaração <p>Declaro ter ciência dos direitos e das obrigações inerentes à qualidade de bolsista na função de TUTOR e nesse sentido, COMPROMETO-ME a respeitar as cláusulas descritas nas atribuições do bolsista deste Termo de Compromisso.</p> <p>Declaro, ainda, sob as penas da lei, que as informações prestadas são a expressão da verdade e que preencho plenamente os requisitos expressos na Lei 11.273/ 2006 e da Lei 11.502/2007, para o recebimento da bolsa e que o recebimento da referida bolsa não constituirá acúmulo de bolsa de estudo ou pesquisa conforme disposto no artigo 1º inciso III da lei 11.273/2006 exceto os casos disciplinados pela portaria conjunta CAPES/CNPQ Número 01 de dezembro de 2007 e :</p> <p>() Que tenho ___ ano(s) de experiência no ensino _____ ; e/ou</p> <p>() Vínculo a programa de pós-graduação ; e/ou</p> <p>() Formação pós-graduada.</p> <p>Estou ciente, também, que a inobservância dos requisitos citados acima implicará(ão) no cancelamento da(s) bolsa(s), com a restituição integral e imediata dos recursos, de acordo com as regras prevista na Resolução FNDE/CD nº 26 de 06 de junho de 2009 com redação atualizada pela resolução FNDE/CD nº 8 de 30 de abril de 2010.</p>
--

_____, ____/____/____.
 Local Data

 Assinatura do Bolsista

 Assinatura do Coordenador UAB da IPES

Anexo B – Estrutura curricular do Curso de Pedagogia EAD/UFSM/UAB.

		UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA CENTRO DE EDUCAÇÃO PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA CONTEÚDOS DAS DIRETRIZES CURRICULARES E DISCIPLINAS DA UFSM				
EDUCAÇÃO, TEMPOS E ESPAÇOS						
CÓDIGO	NOME DA DISCIPLINA	N/E*	SEM	TIPO	(T-P)	CHS
	Seminário Integrador I: Educação, Tempos e Espaços	N	1º	DCG	(0-2)	30
MÓDULO I						
	Educação Especial: Fundamentos	N	1º	OBR	(2-0)	30
	História da Educação	N	1º	OBR	(4-0)	60
	Tecnologias da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação	N	1º	OBR	(4-0)	60
MÓDULO II						
	Políticas Públicas na Educação Básica	N	1º	OBR	(4-0)	60
	Introdução à Pedagogia	N	1º	OBR	(4-0)	60
	Psicologia da Educação I	N	1º	OBR	(4-0)	60
	Sociologia da Educação I	N	1º	OBR	(4-0)	60
Carga Horária em Educação, Tempos e Espaços 420						
CONHECIMENTO E EDUCAÇÃO						
	Seminário Integrador II: Conhecimento e Educação	N	2º	DCG	(0-2)	30
MÓDULO I						
	Filosofia da Educação I	N	2º	OBR	(4-0)	60
	Comunicação em Língua Portuguesa	N	2º	OBR	(2-0)	30
	Pesquisa em Educação I: Metodologia Científica	N	2º	OBR	(2-0)	30
	Currículo: Teoria e História	N	2º	OBR	(2-0)	30
MÓDULO II						
	Educação Física	N	2º	OBR	(2-0)	30
	Ciências e Educação I	N	2º	OBR	(4-0)	60

MÓDULO II						
CÓDIGO	NOME DA DISCIPLINA	N/E*	SEM	TIPO	(T-P)	CHS
	Artes Visuais	N	6°	OBR	(2-0)	30
	Educação Física e Movimento Humano	N	6°	OBR	(4-0)	60
	Pesquisa em Educação IV: Projeto	N	6°	OBR	(4-0)	60
Carga Horária em Saberes e Fazeres 300						
SABERES E FAZERES						
	Seminário Integrador VII - Saberes e Fazeres na Educação Básica	N	7°	DCG	(0-2)	30
MÓDULO I						
	Organização da Ação Pedagógica	N	7°	OBR	(4-0)	60
	Processos da Leitura e Escrita II	N	7°	OBR	(4-0)	60
	Libras	N	7°	OBR	(4-0)	60
MÓDULO II						
	Trabalho de Conclusão de Curso I	N	7°	OBR	(2-0)	30
	História e Educação II	N	7°	OBR	(2-0)	30
	Prática de Ensino na Educação Básica: Inserção e Monitoria	N	7°	OBR	(4-2)	90
Carga Horária em Saberes e Fazeres 360						
DOCÊNCIA REFLEXIVA NA EDUCAÇÃO BÁSICA						
	Seminário Integrador VIII: Docência Reflexiva na Educação Básica	N	8°	DCG	(0-2)	30
MÓDULO I						
	Trabalho de Conclusão de Curso II	N	8°	OBR	(2-0)	30
	Estágio Supervisionado em Educação Infantil	N	8°	OBR	(2-8)	150
MÓDULO II						
	Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental	N	8°	OBR	(2-8)	150
Carga Horária em Prática Reflexiva na Educação Básica 360						
Carga Horária em Disciplinas Complementares de Graduação 330						
Carga Horária em Atividades Complementares de Graduação 105						
Data: _____/_____/_____						
_____ Coordenador do Curso						

MÓDULO II (Continuação)						
CÓDIGO	NOME DA DISCIPLINA	N/E*	SEM	TIPO	(T-P)	CHS
	Didática	N	2°	OBR	(4-0)	60
Carga Horária em Conhecimento e Educação 330						
CONTEXTOS E ORGANIZAÇÃO ESCOLAR						
	Seminário Integrador III: Contextos e Organização Escolar	N	3°	DCG	(0-2)	30
MÓDULO I						
	Gestão da Educação Básica	N	3°	OBR	(4-0)	60
	História da Educação Brasileira	N	3°	OBR	(4-0)	60
	Psicologia da Educação II	N	3°	OBR	(4-0)	60
	Sociologia da Educação II	N	3°	OBR	(4-0)	60
MÓDULO II						
	Pesquisa em Educação II: Bases Epistemológicas da Pesquisa	N	3°	OBR	(2-0)	30
	Geografia e Educação I	N	3°	OBR	(4-0)	60
	Educação Matemática I	N	3°	OBR	(4-0)	60
Carga Horária em Contextos e Organização Escolar 420						
SABERES E FAZERES						
	Seminário Integrador IV - Saberes e Fazeres na Educação Infantil	N	4°	DCG	(0-2)	30
MÓDULO I						
	Educação Especial: Processo de Inclusão	N	4°	OBR	(2-0)	30
	Filosofia da Educação II	N	4°	OBR	(4-0)	60
	Literatura Infantil	N	4°	OBR	(2-0)	30
	Contextos Educativos na Infância I	N	4°	OBR	(4-0)	60
MÓDULO II						
	Artes Visuais e Educação	N	4°	OBR	(4-0)	60
Data: _____/_____/_____						
_____ Coordenador do Curso						

APÊNDICES

APÊNDICE A – Quadro 1

Dados coletados para organização do corpus

Políticas Públicas	Professores desde 2008	Antônio	Tenho estado menos envolvido com essa discussão atualmente do que estive, digamos, há uns 5 anos, mas creio que alguns sinais dessas políticas são contraditórios. De um lado, um foco inicial excessivo nas novas tecnologias e uma discussão insuficiente sobre as razões para investirmos tempo, energia intelectual e recursos financeiros nessa modalidade. Além disso, um aporte massivo de recursos, que sensibilizaram muitas instituições, sem que nelas houvesse necessariamente o que chamo de investimento intelectual massivo na ideia de uma educação não presencial e nas demandas que essa modalidade apresentaria aos pesquisadores que pretendessem nela atuar. Creio que, além disso, a posição do governo quanto à política de formação de professores é ambígua quanto à EAD.
		Rebeca	Acho que há uma tentativa do governo em regulamentar a oferta de EAD no país, no entanto se percebe que ainda temos de tudo um pouco: desde a educação a distância feita de forma séria, até aquele que conta com apostilas e televisão, sem tutores a distância para mediar a aprendizagem, sem uma interação maior entre os estudantes. Acredito que o processo de avaliação dos cursos de EAD, iniciado pelo INEP, será um divisor de águas na oferta desta modalidade em todo país. Me preocupa também a tendência cada vez mais clara, em se tratando de UAB, do financiamento dos cursos acabar. Não sei até que ponto as pessoas que trabalham com EAD o fazem por acreditarem nesta modalidade de ensino, ou pelo auxílio que recebem em forma de bolsa. Temo que o final das bolsas trará uma grande crise nos cursos oferecido pela UAB nas instituições espalhadas pelo Brasil todo. Em nossa própria instituição, sinto que caminhamos a passos lentos: não temos representatividade nos conselhos superiores, existem normas que regulamentam a vida acadêmica dos alunos do presencial e que não funcionam com alunos da EAD. Assim como existem direitos que precisam ser estendidos aos alunos da EAD. Necessitamos de uma normatização interna desta modalidade, no entanto, entendo que enquanto não tivermos representação nos conselhos superiores, isto não acontecerá. A maioria dos conselheiros desconhece o trabalho realizado nesta modalidade. Ou desconhece ou despreza.
		Byte	Penso que estamos qualificando as ações de EAD tendo uma de expansão e consolidação da EAD que já ultrapassou alguns preconceitos em relação a qualidade, e por ter se expandido tem a possibilidade de ser avaliada sua produção pela sociedade brasileira. Penso que a Universidade Aberta do Brasil criou esta possibilidade. Temos poucas leis e regulações da EAD no Brasil o que por um lado é bom já que muitas explicações tornam as vezes legais mais não legítimos os direitos da população. Por isso, penso que se a modalidade de Educação está garantida na LDB, já basta para que se tenha que dar conta deste direito. Penso que esta faltando: regulamentação na forma de contratação, pois o que tenho visto e sentido é um desrespeito em relação aqueles que estão trabalhando com a EAD, como bolsistas percebo (no lugar que tenho trabalhado, o Curso de Pedagogia) um alto comprometimento com o processo de formação tanto de professores como de tutores, no entanto estes

		<p>não estão sendo respeitados em alguns aspectos: - não se tem as condições de trabalho necessárias, ou seja, redes de conexão nos polos; - a dificuldade de ampliar referências de estudo, pois não temos a disposição uma biblioteca virtual (pensando aí em livros) e penso que uma política neste sentido precisa ser discutida entre estado e editoras...</p> <p>Por outro lado, nos bolsistas recebemos quando o MEC quer, não se tem planejamento de pagamento, e o MEC desconsidera o planejamento e as necessidades de vida destes bolsistas, pois os bolsistas podem trabalhar por 'amor', mas isso é trabalho e é aquilo que garante a sobrevivência de muitos deles. Falo isso porque penso viver em uma ação de EAD, que é o Curso de Pedagogia, que tem uma estrutura e organização pedagógica, bem como um movimento metodológico interessante e comprometido com a formação, no entanto, já tive a possibilidade de avaliar outras experiências que não são tão comprometidas assim. Por isso penso que seria necessário um sistema de regulação e de avaliação nacional mais eficiente.</p>
Tutoras/Professoras	Ana Carolina	<p>percebo que as políticas públicas estão organizadas com a finalidade de contemplar justamente nosso tempo social, penso que muitos interesses políticos abarcam as políticas públicas, desta forma, faz com que esta modalidade tome esta imensa dimensão.</p> <p>Vanessa, eu nunca tive acesso a estas normatizações oficiais, ou seja, os documentos que regem este sistema, não conheço as políticas públicas que sustentam a modalidade a distância, procuro estar inteirada na organização do curso, as disciplinas e suas ementas, a bibliografia que sustenta cada disciplina...enfim... percebo que não difere do curso presencial, a carga horária das disciplinas, as bibliografias são praticamente as mesmas...até mesmo a organização destas...</p> <p>penso que as contratações estão acontecendo no sentido inverso a proposta das políticas, pois entendo que os professores efetivos da instituição deveriam ser responsáveis também por esta modalidade, mas existe um mundo de interesses neste sentido (muitos professores não concordam com a modalidade, outros dizem que o concurso não estava direcionado a esta modalidade...), desta forma, acredito que o contrato de professores externos é o melhor recurso para o andamento do curso. é desta forma que eu estou atuando como professora, vejo a organização e o trabalho da coordenação do curso muito próxima do curso presencial.</p> <p>as questões relacionadas ao pagamento percebo uma burocracia imensa, alguns elementos que não concordo, como a anulação de bolsas atrasadas de um ano para o outro, a anulação de bolsas quando o sujeito muda de cadastro, eu mesma perdi tres bolsas de tutoria quando passei a atuar como professora...enfim, alguns elementos que poderiam ser revistos...</p>
	Antônia	<p>percebo que nos últimos anos as Políticas Públicas para a Educação à Distância no Brasil vem expandido progressivamente. Em especial a partir de 2005 com a regulamentação desta modalidade através do Decreto de Lei nº 5.622. Acredito que tal expansão deve-se a dois fatores o primeiro da utilização das tecnologias de informação e comunicação (TICs) a nível mundial e também devido a investimentos de organismos internacionais entre eles o Banco Mundial em países de terceiro mundo, como é caso do Brasil. Desde a Educação Básica, percebe-se, um esforço de tais organismo em buscar investir em países de terceiro mundo com o objetivo de elevar o nível de socioeconômico do país. Ressalto que tais Políticas Públicas para a Educação</p>

		à Distância tem como objetivo a expansão e universalização do Ensino Superior no Brasil.
	Tutores	
	Bianca	Quanto ao pagamento, acredito que esse é um aspecto que deveria ser levado mais a sério, pois o atraso nas bolsas é impressionante, diria até um descaso com os profissionais que se dedicam para esse trabalho que não é nada fácil, exige tempo e organização. Também acredito que a bolsa poderia ser de um valor um pouco maior, porque dependendo a disciplina a gente faz o trabalho por 3 pessoas muitas vezes, como por exemplo, no semestre passado eu trabalhei com 3 disciplinas e foi o semestre mais “tenebroso”, achei que não pude dar atenção necessária a nenhuma das disciplinas o suficiente, devida a grande carga de trabalho.
	Lorenzo	Percebo que houveram grandes incentivos para a expansão da EAD no Brasil. Muito se ganhou com isso, principalmente para as comunidades que não conseguiam ter acesso a formação em nível técnico e superior público. No entanto, não sei até que ponto tal expansão é acompanhada de qualidade, uma vez que alguns processos desenvolvidos na ead necessitam de maior acompanhamento e de instrumentos que certifiquem de fato que o processo educativo esta sendo desenvolvido da melhor forma possível.
	Ana	Pois é Vanessa...acredito que essa banalização se de porque muitas pessoas não acreditam na formação feita à distância. Você não acha?! Eu mesma via esse processo como uma invenção. Além disso, o nosso curso ainda é o espelho do presencial...penso que falta alguns ajustes “curriculares” que venham ao (acho que é ao!?) encontro das peculiaridades do público que atende-se.
Educação a Distância	Professores desde 2008	
	Antônio	Penso que EAD é uma modalidade ressignificada a partir do desenvolvimento mais intenso das novas tecnologias de informação e comunicação e que rompe - ao menos operacionalmente - com o pressuposto da sincronia da educação presencial. Trata-se de uma maneira interessante e relevante de prover oportunidades educacionais para quem está, esteve ou tem estado alijado de tais possibilidades, mas que demanda, para sua concretização de algumas dimensões essenciais à educação presencial, mas que naquela modalidade podem ser - digamos, assim - contornadas pela presença do professor ou pela invisibilidade do aluno. Refiro-me, de modo especial, às noções de autonomia e de colaboração.
	Rebeca	Educação a distância é a modalidade educativa que utiliza alguns recursos tecnológicos para fazer com que pessoas que não tem acesso, ou pessoas que optam por organizar seus tempos de estudo de uma maneira diferente, tenham condições de estudar. É preciso que fique claro que, antes de começar a trabalhar com a EAD tinha o maior descrédito nesta modalidade de ensino. Lembro que ao retornar a UFSM após um afastamento de quatro anos para o doutorado, encontro o boom da EAD na instituição. Não tenho a menor vergonha de contar que comecei na EAD por causa da bolsa. No dia que resolvi trabalhar na EAD, cheguei em casa e disse ao meu marido “vendi minha alma”. A bolsa vinha bem a calhar e eu havia de saber lidar com a problemática desta modalidade. Sempre acreditei que o contato direto com o aluno, as falas, os silêncios, os movimentos da sala de aula eram imprescindíveis para a aprendizagem. Para mim, “sentir os humores” da turma, os olhares, as interações entre os alunos e destes com o professor, só era possível no ambiente presencial de ensino-

		<p>aprendizagem. Hoje percebo que estes humores estão presentes de uma forma ainda mais marcante no cotidiano da EAD, através do AVA é possível perceber as interações, as motivações, os silêncios dos alunos de uma forma ainda mais marcante pq está lá registrado. Eu posso hj, depois de três anos, acessar a primeira disciplina com que trabalhei na EAD e encontrarei lá o registro de todos estes movimentos: alunos que foram mais participativos, mais silenciosos, aqueles que repetem o que os colegas falam, sem querer se comprometer, aqueles que fazem só o que o professor pede e aqueles que vão além.</p> <p>E é perceptível, semestre após semestre, o crescimento destes alunos, principalmente em termos de leitura. Um aluno do presencial pode passar todo o curso lendo apenas fragmentos e “sobreviver” as disciplinas, concluí-las e se formar com uma quantidade de leitura mínima. Na EAD isto é impossível, o aluno precisa se apropriar das leituras para dar conta das atividades. A exigência tb é mto maior, pq ele tem atividades diárias para fazer, tarefas para postar. Enquanto no presencial existem épocas mais intensas de avaliação, o aluno da EAD tem uma avaliação processual, que envolve tanto as atividades semanais do ambiente, qto a avaliação presencial exigida por lei.</p> <p>Posso afirmar com certeza, hj a EAD consome diariamente meu corpo e minha alma. Não mais por causa da bolsa, mas por um ideal de transformá-la numa possibilidade de ensino que não vai substituir o ensino presencial, mas que vai servir de alternativa a todos os que a ela não tem acesso por uma questão de organização do tempo ou de localização geográfica.</p>
	Byte	Uma possibilidade de educação que envolve sujeitos aprendentes em um ambiente com recursos tecnológicos que oportunizam acesso a informações e a formação tendo como base metodologias que incrementam a cooperação e interação.
Tutoras/Professoras	CarolinaAna	uma organização distinta, uma modalidade que contempla o tempo, lugar, sociedade e cultura que estamos vivendo.
	Antônia	Entendo por Educação a Distância como uma modalidade de ensino, na qual o processo de aprendizagem é mediado pelas tecnologias de Informação e da Comunicação (TICs), mais especificamente, no caso do curso de pedagogia a plataforma Moodle sendo que nesse processo alunos professores e tutores estão separados fisicamente.
Tutores	Bianca	É uma forma de oportunizar às pessoas que não têm condições de frequentar diariamente uma universidade e que realmente querem ter uma profissão, um curso superior. Assim, as pessoas podem buscar novas oportunidades no mercado de trabalho.
	Lorenzo	A educação a distância é uma modalidade de ensino que permite as pessoas a terem o acesso a cursos e instituições de ensino em diferentes tempos e espaços. Com a internet a EAD ganhou uma propulsão, no entanto a EAD é muito antiga, e inicialmente foi desenvolvida através de fascículos vindos em um jornal.
	Águia	É a forma sistemática de aprender através da construção de sua própria autonomia, subsidiado pelo sistema condutor desta forma de ensino, sem a

		<p>presença física de um professor, mas com o apoio e a mediatização do Tutor no ambiente virtual de aprendizagem e/ou professor/orientador no caso dos telecursos e correspondência.</p>
	Ana	<p>A minha percepção do processo educacional “mediado pela internet” é bem diferente da percepção que tinha em 2009. Quando eu entrei no curso, acreditava que os processos de ensino/aprendizagem eram “inventados”... Como um aluno vai entender, aprender, construir conhecimento a partir do conteúdo exposto no ambiente, das explicações feitas por mensagens, em fóruns, sem um “contato físico”, sem o “olho no olho”?! Achava isso estranho, sinceramente impossível. Entretanto, o discurso era outro...é possível uma formação à distância! E, eu que tinha entrado nessa (faltou palavra), precisa ao menos tentar entender que significava esse discurso. O tempo passou, algumas leituras foram feitas, o trabalho foi sendo desenvolvido com empenho e dedicação, o retorno dos alunos foram chegando. E a cada retorno e com isso percebi sim, que a educação à distância não é algo que se inventa...</p>
Práticas Pedagógicas	Professores desde 2008	<p>Antônio</p> <p>Creio que tive ao menos dois momentos diferentes na minha prática em EAD. No primeiro momento, passei por um processo muito interessante e rico de capacitação para trabalhar em EAD e pude, de modo geral, investir muita energia e tempo para pensar múltiplas possibilidades de me organizar para lecionar em EAD. No primeiro componente curricular que lecionei, tive a oportunidade de interagir com tempo e exaustiva discussão com minha equipe de tutoras, o que aliás, reporto como uma das experiências mais interessantes de trabalho coletivo e solidário. Claro que também houve altos e baixos e que nem todos estavam sintonizados na mesma frequência, mas pudemos, nesse processo, fazer um diálogo e uma construção baseada em respeito mútuo e em compromisso solidário. Dessa receita penso ter resultado uma proposição sólida, mas ao mesmo tempo flexível o suficiente para ‘conversar’ com as necessidades e realidades dos estudantes. Estávamos em tal sintonia que mesmo diante do inesperado, fomos capazes de responder com celeridade aos desafios apresentados e creio que, de um modo geral, saímos todos fortalecidos e convictos de ter feito diferença na vida e na formação dos alunos.</p> <p>Já no meu segundo momento, quando da minha volta do doutorado, as condições estruturais acabaram reduzindo o tempo de maturação do trabalho pedagógico e o curso tem tido que lidar com uma força de trabalho fortemente reduzida em relação ao que postulava e que merece e precisa ter. Isso acaba impondo um regime de maior celeridade, com impactos maiores ou menores na capacidade de diálogo com as tutoras. Eu sinceramente preferia ter mais tempo para conversar e construir com as tutoras, mas diante das circunstâncias (decorrentes inclusive da minha ação ou da minha inépcia) acabo tendo que dar as orientações certas para as situações, em contraposição à ideia de construir caminhos solidariamente com minhas tutoras. Me acostumei a identificar minha atuação em EAD como um trabalho de equipe e sonho poder voltar a trabalhar assim.</p> <p>Acho que o postulado freireano de que nos educamos mutuamente é verdadeiro. Não posso desconhecer, entretanto, que muitos de nossos alunos de EAD tem lacunas na sua escolarização básica e que isso, dada a forte dependência da EAD sobre a leitura e a escrita, tem custado mais caro a esses alunos do que aos do presencial, especialmente quando iniciam seus</p>

		<p>curso. O processo de amadurecimento desses estudantes, por outro lado, nos ajuda a lembrar que o diálogo que podemos ter com os alunos nos é muito rico e instrutivo, tanto quanto esperamos que seja para eles. Meu contato com os alunos e com as tutoras e tutores tem me ajudado a olhar com mais respeito pelo outro, pela diversidade e, particularmente, pelo papel que a EAD cumpre na oferta de oportunidades de formação de boa qualidade para além das fronteiras físicas da universidade. Acho que ainda vamos ter que pensar muito sobre o que fazemos, e o caminho percorrido pode nos balizar nesse processo.</p>
	Rebeca	<p>minha prática é planejar a disciplina junto com os tutores, ouvir suas proposições, idéias e o que pensam a respeito do assunto. A partir daí pensar as atividades avaliativas, bem como os recursos que disponibilizaremos no Moodle.</p> <p>No início faço reuniões semanais, depois quinzenais e, com o tempo, consigo manter-me em contato com os tutores através da internet. Na medida do possível, procuro monitorar a atuação dos tutores e tb dos alunos no ambiente. Acredito que o processo ensino aprendizagem é uma via de mão dupla. Há treze anos que trabalho a mesma disciplina no presencial e não há uma turma que eu não aprenda alguma coisa com eles. Acho que a função do professor, no presencial ou na EAD, é oportunizar a construção do conhecimento. E eu não vejo o conhecimento como algo bruto, fechado, mas como algo que tb está em constante modificação, por isto, ao ensinar, eu aprendo com meus alunos, aprendo muito com meus tutores, assim como os estudantes também aprendem com os colegas (salve Vygotsky), com os recursos tecnológicos que mediam sua relação com o conteúdo, com tutores e com professores. Vivemos imersos num mundo onde o conhecimento nos é oferecido a cada minuto, de diferentes formas. Então estamos constantemente aprendendo uns com os outros.</p>
	Byte	<p>Venho produzindo um processo de planejamento tendo relação com os objetivos de formação, neste o uso das tecnologias, como recurso, são vistos como aqueles capaz de movimentar o processo de aprendizagem (construção e apropriação) dos acadêmicos do curso de pedagogia que precisam se apropriar da profissão.</p> <p>Para a organização do planejamento e para indicar à equipe de tutores, o que espera-se deles como mediadores deste processo, tenho realizado reunião de planejamento inicial no semestre acertando os movimentos de intervenção dos tutores nos espaços da disciplina e na relação com os acadêmicos, bem como o processo de avaliação que deve orientar o acompanhamento dos alunos para rever planejamentos.</p> <p>Durante o andamento da disciplina, no dias dos plantões (uma vez por semana), temos estado conectados, planejando e avaliando o processo, buscando fazer um acompanhamento individual e coletivo dos alunos e polos. Neste dia, cada um escolhe onde trabalhar, todos tutores e professor acessam de casa sendo que começamos a reflexão a partir de uma avaliação encaminhada pelos tutores do andamento da semana.</p> <p>O planejamento é feito semanalmente e a postagem de material, atividades e organização das ações da semana são postadas pelo professor e incrementadas pelos tutores seja com imagens e outros materiais sugeridos no planejamento, ou com a organização das ações dos alunos como fóruns, diários....</p>

	<p>O trabalho dos tutores é diário, exercendo um papel problematizador, tendo em vista questões que são pensadas no planejamento (anteriormente) em função dos objetivos da atividade. Então, acertou-se entre nós que os tutores entram no espaço virtual pelo menos 30 min por dia e o professor recebe deles comunicados via e-mail sobre participação e avaliação dos acadêmicos nas atividades semanalmente ou quando se fizer necessário.</p> <p>Como professora busco realizar uma leitura global do andamento da disciplina em dois momentos distintos, no sábado a tarde e na quarta (dia de plantão). Nestes dias também, se necessário encaminho solicitação aos tutores, como pro exemplo: alertar os acadêmicos para a participação na atividade da semana (quando nos polos evidencio pouca participação) orientar processos de avaliação dos alunos, solicitar que (os tutores) incentivem os alunos para aprofundar discussões pertinentes a temática em discussão...</p>
Tutoras/Professoras	<p>Ana Carolina</p> <p>com relação ao planejamento o primeiro critério é organizar a disciplina conforme a demanda da ementa e da carga horária. Ao longo da disciplina observo o andamento da proposta e caso seja necessário, faço substituições de atividades e o planejamento toma uma nova dimensão, acompanho o desenvolvimento dos estudantes, para desta forma poder contribuir no aprendizado, pois a rigidez não me favoreceria tal atitude de flexibilidade.</p> <p>as reuniões acontecem presencialmente em momentos específicos da disciplina, ou seja, na primeira semana da disciplina, ao final da disciplina para avaliação das atividades do ambiente e ao final da disciplina para fechamento, e as reuniões a distância acontecem uma vez por semana, durante uma hora, onde todas as tutoras e eu discutimos o andamento das propostas, as dificuldades dos alunos, e algumas situações que precisam ser resolvidas, esta reunião na modalidade ead nos sustenta para darmos continuidade com segurança nas propostas das atividades.</p> <p>com relação a organização, estou sempre preocupada que a disciplina seja suficientemente clara, com informações relevantes, ou seja, arquivos com o cronograma, dinâmica, apresentação, descrição detalhada das avaliações, critérios a serem avaliados, para que desta forma os estudantes conscientizem-se sobre todos os elementos que estão sendo considerados, isso tudo para além do conteúdo que é exigido ao longo do módulo.</p> <p>no ambiente virtual, eu, acesso várias vezes ao dia, para responder as eventuais dúvidas, sou a responsável em abrir as atividades, a organizá-las, as tutoras não fazem esta atividade, portanto, acesso o ambiente no mínimo três vezes por dia, sempre foi assim, hoje mesmo, já acessei duas vezes e são apenas 10h da manhã, acredito que até a noite acessarei mais algumas vezes, faço leituras, observo o andamento das discussões nos fóruns interativos, entro em contato com as tutoras presenciais caso observe que um estudante não está acessando o ambiente, enfim..e durante os plantões eu permaneço no ambiente por mais tempo, pois muitos estudantes acessam mais tarde, é o caso de mães que precisam organizar os afazeres domésticos e tal, sempre tenho bons resultados nesta organização, mas estou sempre mudando, aceitando sugestões, fazendo alterações...</p> <p>não temos uma relação estabelecida direcionada as disciplinas, mas esta característica é de todo o ensino superior, independente de ser presencial ou a distância, as relações que eu tenho com professores aconteceram com as disciplinas relacionadas a conclusão do curso, estágio supervisionado e tcc, pois estou dividindo polo com outra professora e conversamos sobre as situações encontradas, com a finalidade de resolvermos os problemas que</p>

	<p>surgem...</p> <p>quando falamos de integrado torna-se difícil, pois cada professor é dono de seu saber e transita na sua disciplina, com as suas exigências e tal....a qualidade penso que estamos sempre conquistando, pois a forma como eu desenvolvi a minha disciplina neste módulo me evidenciou que algumas coisas precisam ser reformuladas, que outras permanecem...enfim..também sobre a qualidade..ela depende de inúmeros sentidos, não depende unicamente dos estudantes, da coordenação ou dos professores, é como uma engrenagem, depende de todos os sujeitos e setores para ter bom resultado...</p> <p>...é um contexto de mão dupla, eu sou uma eterna aprendiz, estou aprendendo todos os dias formas e movimentos distintos que ensinar, é algo inacabado, em processo de construção, acredito que sou responsável em conduzir a organização didática, pedagógica, mas o aprendizado acontece entre todos nós que estamos envolvidos, outro dia estava falando com algumas alunas que estão começando o estágio e eu disse: nós estamos aprendendo com vocês, pois é a primeira turma da modalidade ead que começa estágio, ou seja, vocês precisam nos ver como aprendizes também!" elas ficaram chocadas, pois tem um olhar distanciado..de que o professor tem todas as respostas..elas precisam saber que não é assim, posso ter o domínio das questões pedagógicas específicas da minha atuação, mas não significa que estou pronta, me vejo aprendendo sempre...como um processo que não se finda nunca..é a característica da nossa profissão independente da modalidade</p>
Antônia	<p>Nessa etapa, o estágio supervisionado, as reuniões são realizadas quinzenalmente com professores e tutores responsáveis pelos pólos de abrangência do curso para o planejamento, troca de experiências e vivências, organização de material para a postagem no ambiente, escolha de textos para auxiliar os alunos no processo de reflexão e fundamentação teórica sobre a prática pedagógica a ser desenvolvido no estágio supervisionado do curso de Pedagogia.</p> <p>Orientações semanais e acompanhamento dos registros diários sobre a prática do estágio supervisionado através do recurso "Fórum" disponibilizado pela plataforma Moodle.</p> <p>O que mudou significativamente foi o grau de responsabilidade de uma prática para a outra. Pois, na função de tutor você tem o professor, que pode-se dividir a responsabilidade de uma disciplina.</p> <p>Certamente configura-se em práticas diferentes, pois como tutor você tem como responsabilidade acompanhar o processo de aprendizagem dos alunos, estimulá-los a realizar as atividades propostas; acompanhar os trabalhos o desenvolvimento individual dos alunos e registrá-lo adequadamente; avaliar a aprendizagem dos alunos, comentar os trabalhos e esclarecer as possíveis dúvidas dos alunos.</p> <p>Já na função de professor você passa a elaborar e organizar o material para as disciplinas. Elaborar sistemas de avaliação dos alunos mediante o uso dos recursos disponíveis na plataforma Moodle. Corrigir as avaliações, bem como, a correção das mesmas, a entrega de notas nas datas previstas, e coordenar o trabalho com os colegas que são tutores em busca de alcançar os objetivos propostos na disciplina, etc.</p> <p>Tenho a ousadia de tentar fazer uma comparação entre as funções de tutor para professor "de co autor de um trabalho você passa a ser autor".</p>

	Tutores	Bianca	Eu entro no ambiente todos os dias, respondo às alunas no mesmo dia, a menos que eu não saiba mas aí eu falo com a professora da disciplina. Leio, corrijo os trabalhos das alunas, retorno para elas com as minhas sugestões, e procuro estar sempre ao lado delas, dando apoio e ao mesmo tempo cobro muito delas, a responsabilidade, organização, estética nos trabalhos, etc.
Lorenzo		A minha prática pedagógica inicia quando sei qual é a disciplina que irei atuar. Logo procuro o ementário dela, bem como procuro entender qual é o seu objetivo e os conteúdos que devem ser desenvolvidos. Depois inicio a procura de materiais didáticos (textos, artigos, possíveis imagens para a capa da disciplina), e logo entro em contato com a professora da disciplina para passar as ideias que tive. Com o aval dela inicio o processo de construção da disciplina no ambiente virtual, e a medida que vamos tento os encontros presenciais e via email com a equipe da disciplina, ela vai ganhando forma e o seu conteúdo. Tudo é construído coletivamente, e no transcorrer da disciplina tenho que ir dando o retorno do trabalho desenvolvido nos meus polos para a professora. Esta faz-se presente sempre no desenvolvimento das atividades, contribuindo e chamando a atenção para o que carece de maior desenvolvimento ou explicação.	
Águia		Minha pratica se desenvolve a partir do estudo dos conteúdos curriculares divulgados pelas ementas das disciplinas desenvolvidas no ambiente virtual de aprendizagem. A partir daí elaboramos, (nós tutores e o professor da disciplina) os conteúdos a serem estudados através dos fóruns, tarefas, wikis, videoconferencia, e outras tantas formas metodológicas de promover a aprendizagem num ambiente virtual favorável, mediados por nós tutores, para que os alunos desenvolvam as atividades e aprendam através da troca de conceitos, idéias, experiências e outros.	
Facilidades	Professores desde 2008	Antônio	Penso que o Moodle funciona bem para os fins a que se propõe, mas as analogias e metáforas usadas no ambiente têm, para mim, um tom menos dialógico do que seria - na minha opinião - necessário. Fazer do Moodle o panóptico de Foucault ou a possibilidade de emancipação é, no entanto, uma decisão que passa pelo crivo do professor. Preferia quando o ambiente era organizado por polos, o que permitia aos tutores darem uma cara mais sua ao ambiente educativo no qual atuavam, agindo de modo mais diferenciado quando necessário. Nesse sentido, creio que o ambiente unificado e padronizado perde uma pouco dos tons e nuances dos polos. Estamos, entretanto, mais maduros na experiência de fazer EAD e tenho esperança de que tenhamos aprendido a lidar com dificuldades dessa natureza.
		Rebeca	Acho que falta um investimento maior nos encontros pedagógicos: tutores - professores - coordenação; tutores - tutores; tutores - professores; professores - coordenação. O curso cresceu muito e falta alguém para promover estas interações. Além disto o Moodle ainda é mto restrito: o chat é difícil de ser usado, falta um recurso, que eu sei que existe, mas para nós não é habilitado, que é uma espécie de skype dentro do moodle (o que facilitaria tremendamente o processo de orientação dos estágios). Acho que é uma plataforma mto fácil, a gente logo aprende a mexer com ela, mas gostaria de ter a opção de experimentar outra.

	Byte	<p>O ambiente Moodle é muito fácil e tranquilo para se trabalhar, tem ferramentas interessantes e possibilita boas interações. Não temos utilizado o chat em função das conexões, mas o ambiente dá a possibilidade para ações síncronas e assíncronas, que são muito legais.</p> <p>Penso que uma fragilidade da plataforma é que esta prima por materiais escritos e ou imagens, sendo outras formas de síntese de ações de aprendizagem difíceis de serem utilizadas. Um exemplo disso foi um relatório que os acadêmicos fizeram em vídeo, tendo dificuldade de postagem e de manter a qualidade em função dos espaços na plataforma.</p> <p>Outra fragilidade é a impossibilidade de vídeo-aula direto na plataforma, ou seja, algum sistema de vídeo-conferência como temos hoje no google, MSN... Penso que isso poderia modificar .</p>
Tutoras/Professoras	Ana Carolina	<p>algumas ferramentas no ambiente moodle algumas vezes eu acabo esquecendo pela falta de uso, mas nestes casos eu entro em contato com o suporte, foi o que aconteceu hoje, pois pretendo realizar uma atividade de fórum interativo e preciso que os polos consigam se ver entre si...eu procurei as alternativas no ambiente, reorganizei mas enviei um e-mail para o suporte para confirmar se o meu caminho está correto, ou seja, sempre que acontece alguma situação deste nível, entro em contato, como estou transitando no moodle há 4 anos, os instrumentos mais utilizados estão internalizados, mas alguns ainda me desafiam...</p>
Tutores	Bianca	<p>As facilidades é que posso trabalhar na minha casa, no meu tempo, posso me organizar da forma que eu achar melhor.</p> <p>A hora de estar na EAD é um momento em que parece que me desligo do mundo, tento me concentrar ao máximo no que estou fazendo. Tem horas que me sinto uma professora da UFSM trabalhando no Ensino Superior e isso me valoriza enquanto pessoa e profissional ao mesmo tempo.</p> <p>É uma experiência muito rica, já que trabalho também com os pequenos e fico imaginando os meus alunos na faculdade daqui alguns anos, porque tenho as duas vivências ao mesmo tempo...é impressionante a semelhança. Porque por exemplo, quando eu trabalho com os meus pequenos (3º ano), a questão da importância deles desde já irem desenvolvendo a responsabilidade, vejo as minhas alunas entregando o trabalho atrasado, ou então a gente (tutora) precisa mandar mensagem avisando que ela precisa enviar o trabalho...então são muitas questões que se assemelham...em níveis de ensino completamente diferentes.</p>
	Lorenzo	<p>Quanto as facilidades acredito que o ambiente é bem "tranquilo", consigo transitar nele e em suas ferramentas com muita facilidade. O fórum permite muita interatividade, através da troca de impressões e relatos. As ferramentas de tarefas, através do feed back, possibilita aos alunos um retorno sobre a atividade realizada, que na maioria das vezes não ocorre no ensino presencial. Etc.</p>
	Águia	<p>Entendo como facilidade a viabilidades de cursar à distância um curso superior de qualidade, pois em EAD o aluno, por mais autônoma que se apresente sua organização particular, em termos de tempos e espaços diversos e aleatórios, tem de cumprir a maioria das atividades propostas e de enviar suas produções em no mínimo de 70% para que consiga acompanhar e desenvolver sua aprendizagem, ele se obriga a ler os textos, participar dos fóruns onde a troca de ideias é muito importante, pois ali crescemos, mudamos nosso pensamento</p>

		<p>e nos reconstruímos. Temos, enquanto tutores o acesso as informações precisas sobre o desempenho do aluno e se consegue visualizar pelos registros onde está a dificuldade do mesmo e porque isso pode estar acontecendo. Muitas dessas premissas se apresentam pela falta de leitura de alguns, por não terem aberto os arquivos importantes, por terem facilitado nas leituras obrigatórias e mais.</p>
Rede	Professores desde 2008	<p>Antônio</p> <p>Eu creio que assim. Lamento, entretanto, que nosso modelo não cooperativo, hiperespecializado e fragmentado da atuação na educação presencial seja ainda balizador de muito do que fazemos em outros espaços. Quando vejo, no entanto, os fóruns da DCG na qual estou atuando agora, só posso acreditar que é possível avançar coletiva e solidariamente. Ontem à noite lia e relia as mais de 400 participações de 2 fóruns e penso que os estudantes - talvez até mais do que nós, professores - tem levado a sério a dica de que um mais um é sempre mais que dois. Acho, sem correr o risco de estar sendo otimista em demasia, que é possível, sim, estabelecer uma rede de colaboração. Digo mais, acho que ela existe, ainda que informalmente, entre alguns de nós que estão mais convencidos do que outros sobre as possibilidades emancipatórias da EAD. Além disso, trabalhar em EAD dá muito trabalho, exige muito tempo. Se isso, de um lado, é um complicador, por outro pode ser visto justamente como razão para pensar um outro estado de coisas, uma outra possibilidade de ação</p>
		<p>Rebeca</p> <p>Com certeza. Mas para isto precisamos de comprometimento e tempo de todos. Acho que é mais fácil isto acontecer na EAD do que no presencial, justamente pq na EAD as pessoas recebem bolsa e, para se manter no curso, fazem o que lhes é solicitado com mais tranquilidade.</p> <p>Acho que o feedback dos alunos é importantíssimo para o desenvolvimento de nossas práticas, assim como dos tutores. Se podemos reestruturar algumas coisas que não ficaram muito bem na disciplina, que não fizeram o sucesso que imaginávamos, pq não avaliar a disciplina com os alunos e tutores e proporcionar as modificações necessárias numa oferta futura?</p>
		<p>Byte</p> <p>Sem dúvida a EAD que eu participo nos modelos que venho buscando produzir com os tutores e acadêmicos que me envolvo, se constituem em uma rede de colaboração e produção de saberes. Isso pode ser percebido nos processos de avaliação que vamos fazendo ao longo do das disciplinas.</p> <p>A possibilidade do espaço de aprendizagem da EAD é individual e coletivo, cada um pode trazer suas experiencias e ser mobilizado pela experiencia do outro. Pode identificar em si os movimento de construção em relação a saberes que vão desde a leitura da realidade até a apropriação de saberes científicos-culturais que estão a disposição da formação.</p> <p>Por isso, por mobilizar experiencias e por movimentar saberes tanto dos sujeitos como da área de formação este espaço se constitui de produção de saberes.</p>

	Tutoras/Professoras	Ana Carolina	tenho certeza disso, caso não conseguisse estabelecer essa colaboração eu já não estaria mais atuando, pois preciso destes elementos para eu aprender e acredito que todas as pessoas são movidas pelas relações que estabelecem, desta forma, todos os sujeitos, eu, tutoras, estudantes, tutoras presenciais, coordenação, enfim...somos partes de uma rede e esta só consegue movimento se todos nós estivermos em interação.
	Tutores	Bianca	Com certeza, porque no momento em que eu leio um trabalho de uma aluna (e pra mim que estou com a turma de Restinga Sêca desde o início) consigo perceber claramente a evolução daquela aluna, vejo o quanto ela cresceu, amadureceu e está fazendo trabalhos, produzindo textos cada vez mais sólidos, embasados teoricamente, ou seja, se apropriando a teoria para embasar suas práticas. Então, acredito que a distância não impede de produzir trabalhos bons, e certamente de formar profissionais capacitados, e competentes para lutar por uma vaga na sua área de formação como qualquer outro profissional, seja lá qual for a sua universidade, pública, privada, na modalidade presencial ou à distância.
		Lorenzo	Acredito sim, uma vez que um dos grandes desafios, pelo menos para mim é escrita. E esta, na ead, é algo que já é desenvolvido cotidianamente. O que falta é um trabalho de sistematização destas experiências vivenciadas no cotidiano do semestre, uma sistematização dos saberes que construídos na prática.
		Ana	Acredito que a partir do momento que se constroem junto a disciplina, há como se estabelecer essa rede de colaboração, pois o professor orienta e nós tutores, também dotados de saberes e práticas, ajudamos a produção desses saberes necessários à prática docente e à aprendizagem em EAD. Minha percepção dos conceitos e mensagens podem orientar e acrescentar o pensamento e o saber do outro, isso é o sociointeracionismo de Vigotsky. É a partir da relação de interação que aprendemos melhor.
Professor na Educação Superior	Professores desde 2008	Antônio	Penso que ser professor na educação superior é ter o privilégio de participar da formação profissional de sujeitos que vão atuar em outros espaços e que, nesse sentido, demanda habilidade para conciliar a necessidade de construção de um arcabouço conceitual que permita ao futuro profissional movimentar-se em sua área de atuação, com a compreensão solidária sobre o contexto para o qual formamos. Isso vai implicar, portanto, alinhar prática e teoria numa interação constante e dinâmica.
		Rebeca	Desde que comecei no Ensino Superior, sempre trabalhei com as licenciaturas. Portanto, para mim, ser professor do Ensino Superior é ser responsável pela formação dos formadores. Formar professores é um compromisso muito sério, que exige uma resignificação diária, até pq mtas vezes a gente é questionado na própria prática. Além disto, ninguém me ensinou a ser professora de ES. Eu aprendi sozinha, através de erros e acertos, através do feedback de muitos alunos e alunas que por mim passaram. Faz falta, no meu ponto de vista, a obrigatoriedade da disciplina de Metodologia do Ensino Superior nos programas de pós-graduação. Não acredito que a docência orientada dê conta disto.

	Byte	Professor do Ensino superior é aquele que conquistou por experiências e apropriação de saberes a condição de autoridade, ou seja, produziu em si algo com sentido e significação que o autorizam a orientar processos de aprendizagem de outros que se interessam por um campo e área de formação.
Tutoras/Professoras	Ana Carolina	<p>é uma dimensão que precisa ser pensada realmente...muitas vezes fico atenta as questões micro...e as questões macro não são refletidas...acredito que meu papel como professor pesquisador é justamente direcionar a ação pedagógica para a formação destes estudantes, com qualidade e envolvimento para uma formação de qualidade, pois sabemos que o desafio é muito grande, o meu papel dentro da uab exige de mim uma constante busca pela formação..um desafio constante...</p> <p>com certeza, sempre procurei considerar o contexto socio cultural em que estou atuando, mas a docência na modalidade a distância é um desafio para aprender a fazer este olhar utilizando elementos distintos...enfim, na docência presencial tenho procurado conhecer muito mais a realidade das acadêmicas do curso de pedagogia, procuro conhecer aquelas que mostram marcas culturais específicas, pois elas refletem o contexto da sua constituição, observo que meu olhar para estas meninas que chegam de lugares distintos, como aquelas que chegam do interior do rio grande do sul, e carregam na sua fala, na sua forma de se posicionar (que muitas vezes não existe), perguntas frágeis que representam as experiências vividas...estou valorizando muito mais estes elementos, tenho realizado um olhar distinto valorizando estes aspectos. Também pela oportunidade que o presencial nos oferece, do uso da palavra dita, este contexto torna-se riquíssimo no compartilhamento entre todos os sujeitos envolvidos, pois no ead, a palavra escrita representa uma marca muito forte, é preciso sempre ter cuidado nas palavras escritas, já no diálogo podemos dizer várias vezes o mesmo conceito de formas distintas, construindo este conhecimento, mas no ead as palavras marcam, elas tem muita força, é preciso ter cuidado para não transformar um contexto que precisa ser dialógico num contexto monológico...</p>
Tutores	Bianca	O professor pesquisador na Ead o próprio nome já se encarrega de responder, é aquele professor que vai trabalhar pesquisando ao mesmo tempo, pois a sua prática vai ser a sua pesquisa diária, aprendendo coisas novas, construindo novos saberes e trocando ideias e experiências com seus colegas de trabalho. Certamente por ser um professor com uma caminhada já bastante significativa, tem muito o que contribuir e acrescentar no trabalho com alunos, professores e tutores, e esse é o seu papel: trazer a suas vivências para acrescentar em novas práticas.
	Lorenzo	O papel do professor-pesquisador no ambiente virtual de aprendizagem e no Sistema UAB é estabelecer uma teia de relações entre os tutores presenciais e a distância e os pólos que são de sua responsabilidade. Supervisionando o trabalho do tutor, assim como verificando como estão se dando as relações pedagógicas e teóricas em cada atividade desenvolvida no ambiente virtual.
	Águia	Entendo que é justamente a partilha de saberes com os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. é participar ativamente de todas as propostas e ter um olhar crítico-participativo no seu trabalho enquanto

		pesquisador em EAD.
	Ana	<p>Ainda estou entendendo..."virei" pesquisadora agora, faz poucos dias! Mas se pensar bem, já era...muitos já estão sendo. De repente porque encaram o trabalho com as mesmas responsabilidades que os professores pesquisadores.</p> <p>Autonomia, dedicação, comprometimento, abertura ao diálogo e ao novo (como já dizia Paulo Freire). Enquanto tutora percebi essas características em muitos professores e coincidência ou não, elas eram "mais visíveis" nos substitutos. Vai ver que é pela posição que ocupam. Tive professores que nem reuniões marcavam e quando marcavam não compareciam...outros, não conseguem aceitar a uma posição distinta a sua, mesmo dizendo o contrário.</p>
Professor da EAD	Professores desde 2008	<p>Como reporte anteriormente, penso que minha capacitação para atuar na UAB foi uma experiência muito rica, que me fez ver muitas coisas sobre as quais à vezes passamos 'batido' no presencial. Tenho compreensão de que a UAB tem um papel importante, mas também tenho clareza de que a UAB tem sentidos múltiplos e é compreendida de modo muito distinto Brasil afora e mesmo dentro das instituições. Em função disso, penso que o papel que me cabe no sistema UAB não pode estar confinado ao cumprimento das minhas tarefas. Precisa, além disso, ser capaz de evidenciar que a EAD é tão somente uma modalidade a mais, com um missão que transcende àquela que a educação presencial consegue cumprir, razão pela qual é relevante e necessária, especialmente para aqueles que estão numa situação na qual a relação sincrônica da educação presencial é uma barreira efetiva à sua educação e participação crítica e efetiva na sociedade.</p> <p>Creio que, de modo especial, essa experiência me fez ver o quanto a 'invisibilidade' do aluno da modalidade presencial não pode ser ocultada na EAD. Também creio que minha noção de planejamento precisou ser revigorada não só em termos de detalhamento e previsibilidade, mas também no que se refere a rotas alternativas para a aprendizagem sobre as quais temos que pensar quando preparamos disciplinas em EAD, mas para as quais nem sempre pensamos no presencial.</p> <p>Tenho usado o Moodle com meus alunos do presencial e creio que em algumas disciplinas tenho me apresentado, ao mesmo tempo, de maneira melhor estruturada, com um fluxo de informação melhor resolvido e equacionado.</p> <p>Atualmente estou ministrando uma DCG pensada para a EAD, na qual tenho alunos do presencial. Meus alunos do presencial, apesar de escreverem mais e - em muitos casos - melhor, têm enfrentado dificuldades maiores que as dos alunos de EAD em termos de como gerenciam seu tempo e de como agir de modo mais autônomo. Essa questão da autonomia está me fazendo repensar questões para o presencial e não tenho dúvida de que isso tem estreita relação com minha vivência na EAD</p>
	Rebeca	<p>Professor Pesquisador é o responsável maior pela disciplina, pelo material didático ali postado como também pela forma como ela vai ser conduzida. Se algo não funcionar como previsto na disciplina ele é responsabilizado. Não acredito que na UAB, ou mesmo na EAD, existam papéis mais ou menos importantes, acho que cada um tem, professor e tutores (a distância e presencial) tem papéis a desempenhar. Um não substitui o outro, mas todos</p>

		<p>precisam trabalhar direitinho para que o todo funcione de forma eficiente.</p> <p>Primeiro só entendo um professor pesquisador da EAD como tal, porque este é um professor do ensino superior que deve ser reconhecido em sua capacidade acadêmica, seja de pesquisa como de encaminhamento de ações de aprendizagem de outros.</p> <p>Neste sentido, o papel deste professor pesquisador é a partir de um objetivo de formação pensar e planejar diferentes partes de ação que irão um determinado espaço de tempo dar conta desta formação.</p> <p>Deve ser pesquisador não só pelo planejamento, mas pela capacidade de problematização dos processos de formação em EAD, buscando produzir a partir delas parte de sua pesquisa. Uma pesquisa da prática pedagógica que ele desenvolve e orienta.</p> <p>A relação com os outros professores do curso se dá pelo ambiente, no entanto penso ser insuficiente, podendo ser organizado reuniões de planejamento mais elaboradas, pois precisaríamos estar discutindo sobre como cada uma de nossas disciplinas dá conta do objetivo de formação</p> <p>vejo que há necessidade de uma maior envolvimento da coordenação do curso e da coordenação de professores e tutores com as questões pedagógicas do curso. Isso só seria possível se a estrutura da EAD fosse incorporada a estrutura que hoje temos no presencial com um coordenador envolvido com 20 horas para a coordenação. sabemos que o coordenador não tem este tempo, até porque também é professor</p>
Tutoras/Professoras	Ana Carolina	<p>é uma dimensão que precisa ser pensada realmente...muitas vezes fico atenta as questões micro...e as questões macro não são refletidas...acredito que meu papel como professor pesquisador é justamente direcionar a ação pedagógica para a formação destes estudantes, com qualidade e envolvimento para uma formação de qualidade, pois sabemos que o desafio é muito grande, o meu papel dentro da uab exige de mim uma constante busca pela formação..um desafio constante...</p> <p>com certeza, sempre procurei considerar o contexto socio cultural em que estou atuando, mas a docência na modalidade a distância é um desafio para aprender a fazer este olhar utilizando elementos distintos...enfim, na docencia presencial tenho procurado conhecer muito mais a realidade das academicas do curso de pedagogia, procuro conhecer aquelas que mostram marcas culturais específicas, pois elas refletem o contexto da sua constituição, observo que meu olhar para estas meninas que chegam de lugares distintos, como aquelas que chegam do interior do rio grande do sul, e carregam na sua fala, na sua forma de se posicionar (que muitas vezes não existe), perguntas frágeis que representam as experiências vividas...estou valorizando muito mais estes elementos, tenho realizado um olhar distinto valorizando estes aspectos. Também pela oportunidade que o presencial nos oferece, do uso da palavra dita, este contexto torna-se riquíssimo no compartilhamento entre todos os sujeitos envolvidos, pois no ead, a palavra escrita representa uma marca muito forte, é preciso sempre ter cuidado nas palavras escritas, já no diálogo podemos dizer várias vezes o mesmo conceito de formas distintas, construindo este conhecimento, mas no ead as palavras marcam, elas tem muita força, é preciso ter cuidado para não transformar um contexto que precisa ser dialógico num contexto monológico...</p>

	Tutores	
	Bianca	O professor pesquisador na Ead o próprio nome já se encarrega de responder, é aquele professor que vai trabalhar pesquisando ao mesmo tempo, pois a sua prática vai ser a sua pesquisa diária, aprendendo coisas novas, construindo novos saberes e trocando ideias e experiências com seus colegas de trabalho. Certamente por ser um professor com uma caminhada já bastante significativa, tem muito o que contribuir e acrescentar no trabalho com alunos, professores e tutores, e esse é o seu papel: trazer a suas vivências para acrescentar em novas práticas.
	Lorenzo	O papel do professor-pesquisador no ambiente virtual de aprendizagem e no Sistema UAB é estabelecer uma teia de relações entre os tutores presenciais e a distância e os pólos que são de sua responsabilidade. Supervisionando o trabalho do tutor, assim como verificando como estão se dando as relações pedagógicas e teóricas em cada atividade desenvolvida no ambiente virtual.
	Águia	Entendo que é justamente a partilha de saberes com os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem. É participar ativamente de todas as propostas e ter um olhar crítico-participativo no seu trabalho enquanto pesquisador em EAD.
	Ana	Ainda estou entendendo..."virei" pesquisadora agora, faz poucos dias! Mas se pensar bem, já era...muitos já estão sendo. De repente porque encaram o trabalho com as mesmas responsabilidades que os professores pesquisadores. Autonomia, dedicação, comprometimento, abertura ao diálogo e ao novo (como já dizia Paulo Freire). Enquanto tutora percebi essas características em muitos professores e coincidência ou não, elas eram "mais visíveis" nos substitutos. Vai ver que é pela posição que ocupam. Tive professores que nem reuniões marcavam e quando marcavam não compareciam...outros, não conseguem aceitar a uma posição distinta a sua, mesmo dizendo o contrário.
Tutor	Professores desde 2008	
	Antônio	Penso que a função de tutor é a de professor. Tutoria é docência e precisa ser encarada como tal e valorizada consoantemente. Penso que sem nossos tutores a UAB (aqui e em outros espaços) estaria tão fragilizada e, talvez, inviabilizada. Na minha relação com tutores tenho visto que muitas vezes não tem sido possível estabelecer uma relação tão respeitosa e mutuamente benéfica como caberia.
	Rebeca	O tutor a distância tem a função de mediar as interações no ambiente para isto precisa dominar o conteúdo proposto no material didático, entender como devem ser feitas as atividades propostas (qual seus objetivos) e desenvolver estratégias de motivar, mobilizar, instigar os alunos de forma articulada, educada, estimulante. De nada adianta um tutor que domina 100% do conteúdo mas não sabe tratar os alunos no ambiente. Assim como não adianta um professor dominar o conteúdo e não saber proporcionar situações de aprendizagem daquele conteúdo. Responder aos alunos de forma polida, não dar a resposta pronta, mas provocar o debate, instigar a curiosidade de todos, são qualidades de um bom tutor (presencial ou a distância).

Tutoras/Professoras	Ana Carolina	<p>nossa, a tutoria exigia de mim uma relação direta com o grupo, um olhar diferenciado para cada situação, uma proximidade, algo que conseguia desenvolver pelo numero de alunos, a média de trinta estudantes por polo...com dois polos..isso era possível, sempre procurei construir uma relação direta com os estudantes...com os professores sempre foi muito positivo, eles sempre foram atenciosos delegaram atividades, “autorizando” a autonomia..isso sempre foi positivo, nós sabemos que aqueles professores que não mostram comprometimento com a docência acabam sendo desligados, inclusive eu assumi o lugar de um professor que apresentou estas características, penso que professores que não acreditam na modalidade a distância não precisam estar envolvidos, tem a liberdade de escolher situações de trabalho que realmente dêem movimento a sua própria construção como profissionais....</p> <p>Depois que você passou a ser professora, você percebeu muitas mudanças no seu trabalho, tem coisas semelhantes ou muito diferentes na sua prática? com relação a minha prática tem muita diferença, pois agora sou a responsável pela organização pedagógica, algo que me instiga procurar sempre complementos para o ambiente, preciso estar sempre ligada em tudo o que está acontecendo além da constante interação com as tutoras, pois são dez polos, uma média de 200 estudantes, preciso organizar os enunciados das atividades de forma clara, simples e que seja praticamente auto explicativo e isto exige um exercício danado, pois muitas vezes para mim está claro e para o outro não...sinto muita falta do contato direto com os estudantes, tanto é que durante o plantão eu chamo os estudantes que estão on line para perguntar o que estão achando da disciplina e tal, sempre faço isso, pois é muito difícil fazer duzentas contribuições nos fóruns, mas tenho um fórum tira dúvidas da disciplina que eu sou a única responsável, desta forma, procuro manter contato com aqueles que postam as dúvidas, também sempre peço para as tutoras repassarem diretamente para mim os casos que precisam ser vistos com distinção...enfim, também sinto falta do contato com as tutoras presenciais, elas sempre ajudam muito...</p>
Tutores	Bianca	<p>Ser tutor, hoje depois de 4 anos praticamente, é “a alma do negócio” em grosseiras palavras, ou seja, vejo que o trabalho em EAD, digo a equipe nesse caso, é como se fosse um trem: os professores são os maquinistas, depois vem os professores pesquisadores e depois os tutores, só que veja bem, os tutores não são meros vagões um atrás do outro separados!Não!Os maquinistas vão nos dizer onde temos que ir, mas quem vai conduzir o trem na verdade são os pesquisadores e os tutores, porque somos nós que conhecemos cada aluno, a maneira como cada turma se organiza na sua dinâmica de trabalho, e acaba que todos da equipe trabalhando junto e conduzindo o trem, sem ter o vagão mais importante, ou achar que o primeiro vagão (dos maquinistas) é o chefe!Pelo menos é assim que vejo que deveria ser!!</p>
	Lorenzo	<p>O meu papel dentro do Sistema da UAB e enquanto tutor é realizar as mediações pedagógicas dentro do ambiente virtual de aprendizagem. Estabelecendo relações teóricas e didáticas entre os conteúdos da disciplina e os conhecimentos que o aluno já apresenta sobre determinado assunto. É fazer-se presente, seja on line ou off ,line (através de mensagens, que sempre apresentam o cuidado de facilitar a compreensão do aluno sobre o que se está estudando, bem como esclarecendo as suas dúvidas).</p>

		<p>Águia</p> <p>Acredito que o tutor na EAD é a pessoa que procura aproximar as disciplinas e os conteúdos estudados da realidade, sugerindo, instigando, compreendendo, discordando, problematizando o aluno para que o mesmo construa seu próprio saber. É o professor de plantão; é o amigo o apoio em todos os momentos. Ele quem conduz o aluno no ambiente virtual, que orienta e mediatiza a aprendizagem. Acredito que exista muitas controvérsias em relação a esse conceito meu, assim sinto enquanto tutora, assim procuro me portar.</p>
Relação Professor Tutor	Professores desde 2008	<p>Antônio</p> <p>Creio que essa relação ainda é muito hierarquizada e assimétrica, mas não há, a rigor, nenhum imperativo de que assim tenha que ser. Como mencionei antes, creio que minha primeira experiência de interação com tutores foi mais dialogada do que as que tenho hoje, em parte, talvez, pela celeridade dos processos de organização e implementação das disciplinas. Temos tutoras e tutores muito qualificados e que são, em muitos casos, mais sintonizados com os pilares conceituais da EAD do que os próprios pesquisadores que têm as disciplinas ao seu encargo, sem falar na questão da fluência tecnológica, que muitas vezes é elemento diferencial na organização de atividades e objetos de aprendizagem mais propensos a traduzir as concepções pedagógicas dos professores nas disciplinas que ministram.</p>
	Rebeca	<p>Como já falei anteriormente, falta um trabalho pedagógico mais intenso. Acho que nem todos os nossos professores entendem qual o papel do tutor e vice versa.</p> <p>Além disto, percebe-se claramente que as disciplinas que melhor se desenvolvem, são aquelas que os professores reúnem-se semanalmente com seus tutores para estudo e reflexão ou que acompanham os plantões e, conseqüentemente, o trabalho desenvolvido pelo tutor no ambiente.</p>
	Tutoras/Professoras	<p>Ana Carolina</p> <p>penso que precisa de comprometimento e cumplicidade, o tutor precisa encontrar no professor alguém que ele divida as atividades, as duvidas, as incertezas, pois é o professor o responsável pela orgaziação pedagógica da disciplina, e precisa encotrnar no tutor um aliado para este desafio, este precisa também estar comprometido com as propostas, as reuniões, as avaliações, enfim, com todas as exigências da modalidade.</p> <p>nossa, tem um mundo para falar quando se trata de tutores, pois cada sujeito tem suas características, tem seus valores, tenho experiências muito positivas, de tutores que realizam as atividades no tempo certo, que fazem as correções respeitando os critérios exigidos, alguns que querem fazer até demais, pois já pediram para fazer resumo da disciplina para os estudantes e eu proibi...imagina só!! esta é uma organização de estudo que cada estudante tem que realizarpara si e jamais a tutora...mas também as vezes tenho tutores que não entram no ambiente, que atrasam as correções, ainda aqueles que não aparecem nas reuniões presenciais e também não aparecem nas reuniões onnline, eu sempre procuro trabalhar em parceria com a coordenação, pois meu trabalho depende também do trabalho dos tutores, desta forma, busco ajuda na coordenação, já aconteceu de iniciar uma disciplina com cinco tutoras e destas, quatro serem dispensadas pela falta de interesse em desenvolver um bom trabalho...enfim, é como falei anteriormente, para termos qualidade, dependemos uns dos outros, somos como uma engrenagem e todos são importantes.</p>

Tutores	Bianca	<p>Vou falar da minha experiência a partir do semestre passado. Tenho uma colega maravilhosa, que “pega junto”, é parceira, responsável, me dá autonomia e o mais importante: acredita no meu trabalho!!E isso que me instigou a pensar a ser professora do ensino superior, pois ela me mostrou que eu tenho capacidades que nem eu mesma sabia...ela me mostrou uma outra que eu não conhecia. Então, a minha relação com a professora pesquisadora que trabalho desde o semestre passado é incrível, uma pessoa super competente, enfim, uma profissional excelente!E ela com a sua experiência, me trouxe muitos conhecimentos, vivências e em momento algum se mostrou ser mais importante que eu, me tratou sempre de igual pra igual. Portanto, eu só tenho a agradecer a ela por me mostrar outros caminhos para a minha profissão.</p>
	Lorenzo	<p>A relação entre professor-pesquisador e tutor varia muito. Apesar de ter tido sempre uma ótima relação entre eu e os professores-pesquisadores das disciplinas que participo, o qual os professores são super presentes na disciplina e constroem o processo pedagógico junto com o tutor, sei de casos em que o professor só tem o nome na disciplina, e quem faz tudo (planeja, corrige, elabora prova, etc) é o tutor. Professor –pesquisador e tutor necessitam estar em sintonia, necessitam compreender da mesma forma o processo que esta sendo mobilizado na disciplina. Para que o tutor possa desenvolver o seu trabalho, e o professor consiga coordenar todos os polos que são de sua responsabilidade.</p>
	Águia	<p>Penso que tudo pode ser melhorado, pode ser aprimorado, essa relação ainda está distante do do que considero adequado, pois os mesmos se “fecham em copas”, como se fossem os detentores do saber e colocam os tutores na condição de tarefeiros de plantão para fazer o que lhes é solicitado. Acredito que essa cultura deve mudar. Vejo pela minha prática, tenho duas professoras pesquisadoras que trabalharam comigo e foi muito bom, em particular, mas observo que a relação da maioria, como no mínimo estranha, parece um jogo de poder que o ser humano não consegue esconder. Infelizmente , na academia temos muitos teóricos sem prática alguma que não são abertos à realidade tal como ela realmente, isso, por vezes, dificulta o entendimento científico e atrasa o conhecimento. Conheço muitos “doutores” na arte de escrever e se impor que são infantes na arte de conviver e respeitar o próximo! Talvez, a maturidade possam ser um bom antídoto para esse mal.</p>
	Ana	<p>Vou falar da minha experiência a partir do semestre passado. Tenho uma colega maravilhosa, que “pega junto”, é parceira, responsável, me dá autonomia e o mais importante: acredita no meu trabalho!!E isso que me instigou a pensar a ser professora do ensino superior, pois ela me mostrou que eu tenho capacidades que nem eu mesma sabia...ela me mostrou uma outra pessoa que eu não conhecia. Então, a minha relação com a professora pesquisadora que trabalho desde o semestre passado é incrível, uma pessoa super competente, enfim, uma profissional excelente!E ela com a sua experiência, me trouxe muitos conhecimentos, vivências e em momento algum se mostrou ser mais importante que eu, me tratou sempre de igual pra igual. Portanto, eu só tenho a agradecer a ela por me mostrar outros caminhos para a minha profissão.</p>